10 anos

revista

Barbante

VOL. X - Nº 51 - 23 DE DEZEMBRO DE 2022
ISSN 2238-1414

BARBANTINHA
Caderno especial escrito por crianças
Página 163

© Patricia Braz

© Patricia Braz

Palavras aos leitores e às leitoras

Então é Natal! Estamos felizes por passarmos mais um Natal ao lado de vocês e com as suas colaborações que encantam as páginas da nossa Barbante! Obrigada aos nossos colaboradores por mais uma edição tão bonita! Obrigada por estarem conosco em um trabalho grandioso e que muito nos anima a cada edição.

Neste Natal, desejamos amor, paz e felicidades aos nossos colaboradores e leitores. Aos amiguinhos e amiguinhas da Barbante e da Barbantinha agradecemos, de coração, por sonharem junto conosco o mesmo sonho que completou 10 anos neste ano e que venham muitos aniversários, Natais e Anos Novos! Hoje a festa é sua, é nossa é de quem quiser... quem vier!

Neste volume, a Barbante conta com as ilustrações da nossa querida fotógrafa Patrícia Braz que traz as cores e encantos do Natal com uma beleza singular no clique da sua máquina e no seu olhar belo de poeta da imagem.

As seções desta edição estão distribuídas em Artigos, Cartas, Contos, Crônicas, Fábulas, Poemas, Resenhas e Roteiros (Peça Teatral). Temas e olhares variados dão a este número um caráter bem abrangente e especial, em tempos em que se faz tão necessário capturar todas as possíveis esperanças de um mundo melhor.

Além da contribuição de diversas pessoas nas seções citadas, contamos com a presença de nossos colunistas fixos: Araceli Otamendi, Márcia Batista Ramos, Rosa Regis e Rosângela Trajano. Nossa gratidão a vocês por caminharem com a Barbante.

A Barbante apresenta, também, mais um número da sua irmã caçula, Barbantinha, um caderno especial escrito por crianças do mundo inteiro com ilustrações e textos! Nesta edição, crianças da Escola Municipal Henrique Castriciano de Natal, Rio Grande do Norte mostram as bonitezas dos seus trabalhos feitos a partir da mediação de leitura das suas professoras. Convidem as crianças para participarem mensalmente desse caderno encantador e cheio da beleza de mundos imaginários aos quais só as crianças conseguem chegar!

Agradecemos aos/às nossos/as colaboradores/as e desejamos uma bela leitura a vocês,

Feliz Natal! Feliz 2023!

Rosângela Trajano

Monalisa Carrilho de Macedo

Samuel de Mattos

Artigos

As Danças dos Mouros de Pechão

u*ma tradição que se extinguiu*

António Laginha [1]

CLEPUL/UL

Centro de Dança de Oeiras

alaginha@meo.pt

Resumo

Tendo surgido referenciadas as Danças dos Mouros de Pechão (freguesia de Olhão, no Algarve) num livro inglês da autoria de Lucile Armstrong, editado em 1948 e intitulado "Dances of Portugal", e desconhecendo-se então nas antigas "terras de infiéis" do Sul do país outras representações do género, o presente artigo tem por objectivo registar o ainda resta dessa velha tradição. A mesma inscreve-se numa memória colectiva religiosa já muito desvanecida e adquire particular importância pela analogia apresentada com festividades - bem mais alicerçadas na vida das populações - como sejam, por exemplo, as do S. João, em Braga e em Sobrado, e as do Corpo de Deus, em Penafiel. Ao contrário das suas congéneres do Norte (todas na zona do Porto) as festas de Pechão já não se realizam desde o final da década de 60 do século passado (1968) e estão praticamente reduzidas a um conjunto de ténues reminiscências. Uma vez que não tendo sido possível analisar fotos ou visionar material audiovisual foi, através de alguns relatos de um grupo restrito de homens que nelas outrora participaram, de escritos esparsos, da descrição dos trajes e da cenografia, que se tentou esboçar uma vivência que, apesar de sazonal, já foi um ponto alto (religioso e de entretenimento) na vida de uma pequena comunidade do barrocal - terras entre a orla costeira e a serra - algarvio.Partindo de uma mesma matriz dramática, o fio condutor das "danças" masculinas de Pechão – e a própria representação do "mouro" e do "cristão" – terá sido semelhante às das supracitadas festas nortenhas. Se, no passado, existiu nelas uma construção coreográfica e musical sólida, ela ter-se-á, irremediavelmente, perdido. Acabando por, nos derradeiros anos, se resumir a um acontecimento estival (pouco mais que um divertimento mundano), tendo por pretexto uma data religiosa: o dia 24 de Agosto, dia de S. Bartolomeu.

Palavras-chave: Dança, teatro, mouro, sociedade, memória, religião, rito, festa.

Mourisca

Mourisca: substantivo ou adjectivo

1.Mouros em geral.

2. Dança de mouros ou de personagens vestidas à moda dos mouros.

Segundo o *Dicionário informal* (https://www.dicionarioinformal.com.br/), entre muitos outros significados, a palavra mourisca terá sido utilizada em Portugal para designar uma dança/pantomima executada por mouros, desde os tempos em que, vindos do Norte de África, habitaram o lado mais ocidental (incluindo também o meridional) da Península Ibérica.

1 O autor escreve segundo as regras anteriores ao Acordo Ortográfico de 1990, o qual não foi ratificado por todos os países de língua portuguesa.

Mais tarde e na ausência dos muçulmanos - que terão abandonado definitivamente o país ou, eventualmente, se convertido ao cristianismo - continuou a designar-se por mouriscas todas as danças que integravam personagens vestidas com trajes que, na imaginação dos populares, apresentavam "características" mouras. Ora estes "sinais", muito provavelmente, nada tinham a ver com os povos do Magrebe, mas, acima de tudo, com uma certa ideia de exotismo. E, sendo algumas dessas danças executadas por homens que penduravam sinetas nas pernas e pintavam o rosto de negro, era crença popular que elas tinham a ver com a cultura do Norte de África.

A palavra mouro (em castelhano, moro) deriva de *mauri*, um vocábulo já utilizado pelos romanos para designar a população berbere da Mauritânia. Quer os invasores – da Península Ibérica em geral e da da região a que se chamou Garb al-andalus, em particular, que correspondia *grosso modo* ao território controlado pelos muçulmanos na época pós romana – fossem de origem árabe ou berbere, eram comumente designados por mouros uma vez que vinham, por via marítima, do Norte de África onde a antiga Mauritânia estava localizada. Genericamente falando, a designação de mouro era aplicada a qualquer muçulmano, incluindo aos nativos convertidos ao Islão.

Tendo sido expulsos do Algarve por D. Afonso III (1210-1279) – Faro foi conquistada aos mouros em 1249 – o qual começou, então, a utilizar o título de Rei de Portugal e dos Algarves – a guerra contra os sarracenos, contudo, continuou por muito tempo na zona marítima. Os infiéis já tinham chegado, mesmo, a deslocar-se por mar até à Galiza para pelear em terras de Santiago de Compostela. Aquela urbe foi destruída pelo político e militar, Almançor, no dia 10 de Agosto do ano 997, o qual tudo mandou destruir respeitando apenas o sagrado sepulcro do apóstolo.

Dos que não se converteram ao cristianismo ou não foram mortos pelos portugueses, ter-se-ão transferido do "reino" de Xilb (Silves) para os "califados" de Sevilha e Córdova. Terminada a luta contra os "infiéis", o rei lusitano cognominado Bolonhês só viu as fronteiras de Portugal estabilizadas em 1267, quando foi sanado o conflito diplomático com Castela – através do tratado de Badajoz – que determinou como fronteira entre países o rio Guadiana, desde a confluência do Caia até à foz (Vila Real de Santo António).

É sabido que os povos mouros deixaram um contributo assaz importante para a construção da identidade portuguesa em diversas artes e em muitos aspectos da própria vida quotidiana. Mais precisamente na zona meridional de Portugal, o Algarve – vocábulo com origem na expressão árabe الغرب (Algarbe) que significa «o oeste», «o ocidente» - onde Silves terá sido uma referência cultural, designadamente a nível da poesia. Sendo o seu mais ilustre representante o famoso Ibne Amar (1031-1086) nascido em Silves ou Estômbar, que veio a ser primeiro-ministro da Taifa de Sevilha e que foi posteriormente assassinado pelo seu protector, outro reconhecido poeta e político nascido em Beja, Al-Mutamide (1040-1095).

A chamada "herança muçulmana" é, pois, visível nas paisagens algarvia e alentejana num tipo de arquitectura alva e agarrada à terra, com pormenores estruturais bastante particulares, mantendo-se visível apenas alguns sinais de "verticalidade" nas torres sineiras de algumas igrejas (S. Lourenço de Almancil, no concelho de Loulé, é um exemplo de referência, pela qualidade e beleza da azulejaria que cobre as suas paredes interiores) que, como se sabe, terão sido antigos minaretes de mesquitas existentes antes da conquista afonsina.

Naturalmente que a arquitectura urbana – arte de caraterísticas mais perenes – deixou fortes marcas

em terras lusas, sem, contudo, atingir o fulgor das mesquitas e palácios que ainda hoje se podem apreciar por terras andaluzas. O que não é de estranhar já que os mouros só deixaram o país vizinho alguns séculos depois de serem sido empurrados de Portugal. Mas, é de referir que também na língua portuguesa se encontra um peso bastante substancial do legado árabe.

Como seria de esperar, a nível de artes efémeras (leia-se artes cénicas e manifestações populares de contornos teatrais normalmente associadas a texto, dança e música) muito pouco nos restou da memória islâmica, tanto em Portugal como em Espanha. Curiosamente é na Inglaterra que as *Morris Dances* (*moorish* ou *mourisco* dances) têm maior expressão no continente europeu, sem, contudo, se ter qualquer certeza que as suas raízes são verdadeiramente de origem africana. Sabe-se apenas que já existiam nos finais da Idade Média naquele território e que, eventualmente, poderiam ter entrado na ilha através dos exércitos de John o' Gaunt, duque de Lencastre (1340 – 1399).

Morris dance numa ilustração datada de 1600, na obra do actor William Kempe, *Dancing from London to Norwich*.

Fonte: https://www.bbc.co.uk/programmes/articles/1jyZfVWGpwxnZ5jFhdKJN3L/shakespeares-former-clown-will-kemp-dances-to-norwich

Num espaço geográfico, o Norte de Portugal, encostado à Galiza (onde predominaram as influências celtas), as lembranças das gentes mouras serão quase tão ténues como as de um país fora da Península Ibérica, como é o Reino Unido. Onde, curiosamente, se pode hoje encontrar uma forma de *morris dances* muito similar às executadas pelos Pauliteiros de Miranda, no nordeste trasmontano, inclusivamente a nível dos trajes.

Porém ainda se encontram algumas festas tradicionais em Portugal – nas zonas da bacia do Douro e no centro do Algarve - em que se continuam a dançar as chamadas mouriscas.

A resistência da religião

O francês Émile Durkheim (1858-1917) [2] afirmou que "uma instituição humana não se baseia no erro e na mentira e por isso resiste" [3].

Assim, a religião não pode ser apenas um sistema de alucinações, mas é qualquer coisa de real. O fiel sente força e esta força é real. Eleva o homem acima de si mesmo e, segundo o mesmo autor, vem da força colectiva, isto é, da sociedade. Durkheim afirmou, mesmo, em 1912 que a religião sobreviverá à ciência. Todavia, a função especulativa da religião é um poder rival da ciência, sobre a qual a lei não exerce hegemonia. Provavelmente as teses de Durkheim contribuiram para explicar bem a resistência da religião e de alguns dos fenómenos a ela associados.

A resistência dos cultos pagãos na religião cristã também faz parte dos estudos de Durkheim (1912) que também menciona na sua obra a absorção e assimilação de cultos exóticos pela Igreja Católica e escreveu que no folclore se encontram religiões desaparecidas e sobrevivências não organizadas ou formadas espontaneamente sob influência de causas locais. De facto, as mencionadas danças mouriscas - no caso particular de Pechão, associadas a uma data do calendário religioso - sobreviveram a práticas de contornos costumes pagãos.

A razão para a assimilação de práticas culturais e/ou religiosas exóticas nas festas católicas e a sobrevivência de cultos antigos, pode-se também explicar pela seguinte hipótese formulada por outro francês, Maurice Halbwachs (1877-1945) [4] que escreveu:

> les religions nouvelles ne réussissent pas à éliminer entièrement celles qu'elles ont supplantées, et, sans doute, elles ne s'y efforcent pas: elles sentent bien qu'elles-mêmes ne satisfont pas tous les besoins religieux des hommes, et elles se flattent, d'ailleurs, d'utiliser les parties encore vivaces des cultes anciens et de les pénétrer de leur esprit. (Halbwachs, 1994 [1925]: 182).

Os chamados "mediadores de tradições" e, mesmo, algumas autoridades eclesiásticas – nos casos dos eventos em causa - recuperam do passado o que ainda estava vivo ou era capaz de viver na consciência do grupo. Assim, a memória dos sarracenos foi transformada no facto deles protagonizarem os "maus" naqueles eventos, embora o seu aspecto, já há muito tivesse deixado de corresponder à imagem estereotipada do pária (marginal) "descalço e sujo".

Assim sendo, as populações que celebram festas religiosas com representações dramáticas de mouros, ainda devem ter a mesma noção de festa e sentir a mesma necessidade de entretenimento, como as gentes que criaram esses eventos, mesmo quando o aspecto formal das festividades já não corresponde às suas formas ancestrais. No caso das danças mouriscas, é curioso que se tenham perdido em muitos países europeus, onde se conservam algumas "danças de espadas", nomeadamente nos países germânicos, mas tenham sobrevivido em Portugal.

2 O sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917) estabeleceu a sociologia como disciplina a académica e é considerado como uma dos arquitectos das ciências sociais, juntamente com Karl Marx e Max Weber.

3 Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/%C3%89mile_Durkheim.

4 Maurice Halbwachs (1877 -1945) filósofo e sociólogo francês da escola durkheimiana, escreveu particularmente sobre o nível de vida do operariado e criou o conceito de memória colectiva.

O crítico de dança e estudioso do folclore português, Tomaz Ribas (1918- 1999), aventou a hipótese de que as danças mouriscas europeias sejam todas uma adaptação das danças dos mouros em voga na Península Ibérica nos séculos XV e XVI (Ribas, 1983 [1982]: 41).

Mas muitas outras questões continuam por responder: seria a resistência das danças mouriscas na Península Ibérica consequência da sua origem geográfica? Ou da palavra "mouro" das línguas espanhola e portuguesa? Ou do facto de os muçulmanos terem marcado profundamente a história de Espanha e Portugal, e não tanto a de outros países europeus?

Sobrado, Penafiel e Braga

A vila de Sobrado fica a cerca de 25 kms a este do Porto e as cidades de Penafiel a cerca de 50 kms a norte do Porto e a de Braga a cerca de 55 kms, também a norte do Porto. Genericamente falando, situam-se todas na chamada bacia do rio Douro. Uma dança com um nome inusitado, como o Baile dos Ferreiros, faz parte da procissão do Corpo de Deus (Penafiel). Já a Dança dos Mourisqueiros e dos Bugios (mouriscada e bugiada) da festa de S. João Baptista, de Sobrado e a Dança do Rei David, das festas do S. João de Braga.

Os dois eventos festivos em que estas danças se inserem são, portanto, o Corpo de Deus e os Santos Populares (festas juninas), eventos religiosos com grande importância no calendário litúrgico português. Sendo as danças mouriscas, assinale-se, aquilo que se pode designar por um género pan-europeu.

A Igreja Católica serviu-se das representações dos "mouros" nas suas festas para exibir os "infiéis" e tomou as lutas entre cristãos e mouros, inspiradas pelas Reconquistas e Cruzadas, como exemplo para o confronto entre diferentes religiões. "Todavia, as representações nem sempre tiveram o mesmo estatuto nas festas e procissões religiosas e até foram interpretadas de forma diferente ao longo da história. Os fenómenos culturais em presença confrontam os estudiosos com a revitalização, reconstrução e invenção da tradição, porque se reduziu a sua importância a um ou vários momentos da história. Assim, símbolos velhos podem aparecer em contextos diferentes com significações diferentes. Tradições que parecem desaparecer em certas épocas, podem reaparecer em outras". [5]

Nota-se, por exemplo, que a procissão do Corpo de Deus sobreviveu em todo o seu esplendor em Penafiel, onde é a maior festa do ano litúrgico. Porém, coloca-se a questão de saber se esta procissão se terá mantido por causa da persistência popular ou apenas por uma decisão clerical. Já que o que em Penafiel representa o Corpo de Deus, representa, em Sobrado e Braga, o S. João Baptista. Nesta localidade o roubo da imagem do S. João está no embasamento dramático das festas. No caso da procissão do Corpo de Deus, ela nunca se perdeu em Penafiel, embora tenham desaparecido, entre outras manifestações, todas as danças dramáticas, com excepção do Baile dos Ferreiros, o qual aparece ligado à figura de S. Jorge.

A procissão do S. João de Braga é também um exemplo da reconstrução da tradição em que se perdeu a dança mourisca quando esta foi transformada na dança do Rei David por um padre no século XVII (segundo informação dos folhetos da "Festa de S. João" impressos pela Câmara Municipal de Braga) numa cidade em que a autoridade eclesiástica, curiosamente, ainda mantém muita da sua autoridade e poder. Em Sobrado, os mourisqueiros foram, nas últimas décadas, transformados nos "maus", ao contrário dos "bons", os bugios,

5 Alge, Barbara (2006), *A memória colectiva religiosa em danças dramáticas de Panafiel*, Sobrado e Braga, Lisboa, Colibri.

embora sejam os mourisqueiros que aparecem com trajes mais aprumados ao contrário dos bugios, de aspecto, assinale-se, um pouco mais caótico. Aliás, no caso das Bugiadas, os "bons" não vencem os "maus", porque é por intervenção da Bicha-Serpente que os "maus" são expulsos. Neste caso a manipulação da memória deve-se, provavelmente, mais aos textos escritos e aos discursos de indivíduos que reinventaram a tradição do que a outra qualquer directiva específica. Esses discursos são transmitidos, em Sobrado, por altifalantes na própria festa do S. João, o que revela a sua importância e o impacto a exercer nos diversos espectadores.

As mouriscas de Pechão

O facto da escritora inglesa Lucile Armstrong ter publicado (em 1948) um pequeno manual de dança folclórica intitulado "Dances of Portugal" editado pela Max Parrish & Company, de Londres, em 1948 (que se pode inserir na área da literatura do folclore português de que são autores maiores em Portugal, Pedro Homem de Mello e Tomás Ribas) ter mencionado as Danças de Mouros de Pechão, não será assim tão improvável. Presumivelmente devido ao seu conhecimento das *mouriscas* do Minho e, sobretudo, das *morris dances* do seu país.

Alguns anos antes – no tempo do Estado Novo – a russa Julia Sazonova [6], que viveu dois anos em Portugal (1940-42), já tinha tentado fazer um levantamento das danças folclóricas portuguesas. Porém, o projecto (que terá despertado alguma curiosidade em António Ferro, o ministro do Secretariado para a Propaganda Nacional, acabou pro fracassar e a sua obra *Le Portugal (Voyage Choréografique),* nunca chegou a ser impressa. A verdade é que na sua versão datilografada – que dedica um capítulo ao Algarve e outro ao Minho – Sazonova não refere quaisquer danças de mouros naquelas duas províncias.

Na opinião de Lucile Armstrong, na supra citada publicação sobre folclore português - dada à estampa sob os auspícios da Royal Academy of Dancing e da Ling Physical Education Association, do Reino Unido - , "Portugal é tão rico em danças rituais sazonais como qualquer outro país da Europa e possui um dos melhores e mais completos exemplos desta extraordinária mescla, por exemplo a dança dramática do género Mourisca".[7] E cita, sob o tema Danças Rituais, o "Midsummer Day" (celebração da chegada do Verão - "veranum tempus", tempo primaveril" – com raízes na época pré-cristã na Europa pagã) na aldeia de Sobrado; as danças dos pauliteiros de Miranda (Trás-os-Montes); a dança do Rei David, em Braga; uma dança de espadas, em Lisboa e danças de pau (ensebado) e da pinhata (pela altura do Carnaval), também no centro do País.

Descendo para o Sul, Armstrong afirma que no Alentejo a existência de danças de roda em pares para "pernas cansadas" que tendo caminhado longamente, "não estavam inclinadas para saltar" [8] Já no Algarve "terra de sol intenso" em que "o calor gera temperamentos fogosos e danças rápidas" (referindo-se ao corridinho

6 Julia Sazonova (1884-1957) foi uma escritora judia russa – embora baptizada na Igreja Ortodoxa Russa - que vivia em Biarritz com o seu filho Dmitri, aquando da invasão invasão nazi em França. Fora colaboradora de *La Revue Musicale* (cerca de uma década) e conseguiu um visto de 3 meses para si e para o filho, emitido pelo famoso cônsul de Bordéus, Aristides Sousa Mendes (1885-1954). A 13 de Maio de 1940 deixou a França e estabeleceu-se em Lisboa, onde conheceu António Ferro, ministro do governo do ditador Salazar. Aristides foi exonerado e demitido dos serviços consulares em Junho de 1940 e Sazonova permaneceu em Portugal mais uns dois anos, onde deu conferências no Conservatório Nacional e na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A expensas do governo Português viajou pelo país visitando terras com grupos folclóricos e festivais a fim de escrever uma obra sobre o folclore nacional. Apesar dos seus denodados esforços esse trabalho nunca foi impresso.

7 Lucile Armstrong, *Dances of Portugal*, London, Max Parrish & CO Limited, 1948, p.13.

8 Lucile Armstrong, acentua na página 12, o facto das danças alentejanas – ao contrário das ribatejanas e algarvias – serem da categoria de "danças baixas".

como um "tipo de polca circular em pares") Armstrong dá como exemplo a aldeia de Pechão, como lugar de prática de uma outra espécie de dança: as mouriscas.

Por registos existentes sabe-se que aquele povoado já existia como freguesia em 1593 e que pertencia ao Termo de Faro, de que dista cerca de sete quilómetros. Só em 1826 é que foi integrado no município de Olhão, que se localiza, sensivelmente, a metade daquela distância. Tem 20,31 quilómetros quadrados de área e, pelos censos de 2021, cerca de 3 890 habitantes. A sua principal actividade continua sendo a agricultura.

Trata-se de uma aldeia rural, onde abunda a flora algarvia do barrocal, designadamente amendoeiras, alfarrobeiras, figueiras e laranjeiras. O monumento mais antigo e importante de Pechão é a igreja paroquial situada no ponto mais alto da localidade. Caso algo particular no Algarve, em plena rua e adjacente ao antigo cemitério, no largo da igreja, existe uma pequena "capela dos ossos" construída no século XIX.

Não deixa de ser surpreendente que a escritora tenha afirmado que "ao longo da costa, em direcção a Espanha, as memórias dos mouros prevalecem" e por tal, cita o exemplo das "Danças dos Mouros de Pechão, representadas em Setembro, provavelmente como uma das danças cerimoniais Mouriscas da Península, danças-batalhas entre cristãos e mouros". [9]

Tendo conhecimento das inúmeras danças e festas religiosas do Norte de Portugal (que considera mais ricas sobretudo a nível de trajes por a pobreza na região do sul ser mais evidente), a escritora terá partido do princípio que em (antigas) terras de árabes teria havido mais material coreográfico e, com o exemplo dado, promoveria Pechão à categoria de terra de danças (muito antigas) e de tradições seculares árabes. Ora, a realidade veio a provar, justamente, o contrário. Não só o evento de Pechão, designado pela população por "Combate dos Mouros" se terá transformado numa espécie de auto / entremês, como no sul de Portugal, tanto quanto se sabe, as representações que eventualmente existiram ter-se-ão perdido. Daí o interesse em "registar" o que ainda resta na memória de uns poucos, uma vez que, tudo leva a crer, que em breve não passará justamente disso: uma ténue memória. Tendo apenas remanescido na aldeia algumas danças folclóricas denominadas "danças tradicionais de Pechão", cuja origem, verdadeiramente, se desconhece.

Tal como Lucile Armstrong, também Tomás Ribas (1918-1999), o qual viveu alguns anos em Faro, capital do Algarve, na sua obra D*anças populares portuguesas* [10] não foi muito conciso na definição de danças mouriscas. Segundo o próprio "eram na origem danças de mouros que participaram nas festas da Igreja ao lado dos judeus e foram, mais tarde, transformadas em lutas entre cristãos e mouros. As danças dos mouros, transformaram-se em danças "contra" os mouros e acabam por, progressivamente, adquirir contornos de jogos pírricos e danças de espadas, em que os infiéis são obrigados a capitular perante as "hostes" cristãs, como uma mais ou menos subtil humilhação após a vitória dos portugueses. A expressão "dança mourisca" utilizou-se, provavelmente, em qualquer representação em que aparecessem mouros numa dança e que podiam, mesmo, ser cristãos de cara pintada de preto. Qual era, porém, a necessidade de incluir estas danças nas festas religiosas? Tal não se conhece. Talvez apenas pelo facto de atrair mais gente para essas festas populares.

No que respeita às músicas que as acompanhavam, é hoje difícil saber como é que soavam, originalmente, aquelas danças, porque a forma musical das mouriscas seria uma marcha guerreira ou uma dança palaciana, cuja forma, provavelmente, não nos recorda nada da música de origem árabe que conhecemos. Também não

9 Armstrong, Lucile p. 12.

10 Ribas, Tomaz D*anças populares portuguesas*. Biblioteca Breve, Vol. 69, [1.ª edição 1982], Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa Ministério da Educação e das Universidades, p. 43.

se sabe como era a coreografia da dança dos mouros. Apenas por referências de diversos autores, ficamos a saber que a Igreja Católica assimilou, a partir da Idade Média, costumes dos mouros, dos judeus e, mesmo, dos «negros» (Tinhorão 1988), inserindo-os nas suas festas e principalmente na procissão do Corpo de Deus.

Sabe-se, a propósito, que a chamada Dança dos Turcos era a mais apreciada pelos nativos e pelos visitantes das festas de Penafiel e, quando aquela se perdeu há cerca de meio século, o Baile dos Pretos ganhou esse estatuto. Também as famosas – e já citadas - danças dos pauliteiros de Miranda (do Douro), no Nordeste de Portugal, são danças originalmente em forma de lutas de espadas que, por uma questão de facilidade e de segurança dos intérpretes, foram substituídas por pequenos paus.

Voltando aos eventos de Pechão, o jornal *Correio do Sul*, "semanário de informação e propaganda da província do Algarve" que se publicou entre 1920 e 1981, deu à estampa na sua edição de 24 de Novembro de 1966, pela pena de D. Mariana Amélia Machado Santos, um texto pitoresco – e algo intimista – com o título "Em louvor de Pechão". Nele, recordando o seu avô (que se presume ter sido natural daquela aldeia), a jornalista residente na capital portuguesa, começou por louvar as qualidades humanísticas do seu ascendente e, de seguida, fez de memória uma curiosa descrição da vigília de S. Bartolomeu em Pechão, que lhe havia sido narrada por aquele ente querido.

> Era Agosto. Havia um luar claro, como a luz da madrugada O povoléu aglomerava-se à volta dum palanque, armado em jeito de castelo.
>
> De repente, ao dar meia-noite, aquela hora em que as mouras encantadas saem para matar saudades ao luar dos tempos imorredouros dos seus reinados de outrora, foguetões subiam ao ar e estralejavam, caindo em estrelas cadentes, a brilhar no seu imaculado!... Era o sinal!
>
> No castelo, mouros de turbante e albernoz branco faziam alarido, e eis que se aproxima uma barca iluminada repleta de guerreiros à moda antiga.
>
> Dava-se o combate em jeito de dança, aos gritos com música a acompanhar, e, da refrega, eram sempre os mouros os vencidos e os cristãos saíam vencedores.
>
> Vinha gente das redondezas atraídas por aquele combate anual de uma nave lendária contra um castelo imaginário. Em terra onde não havia mar algum. Que fossem mouros os do castelo ou os da barca, isso não importava; o que era certo é que saíam vencidos e ali se comemorava uma tradição popular, uma lenda multissecular e regional." [11]

Pelos poucos registos encontrados pode-se concluir que muita coisa se foi alterando ao longo dos séculos na própria configuração do evento: uma batalha fictícia protagonizado por dois grupos: um exército de cristãos atacante e um grupo de infiéis protegidos por umas improvisadas muralhas. Os intérpretes da contenda, "terão começado por se vestir, em casa, chegando já trajados ao átrio da igreja. Nos anos mais recentes o local de reunião dos participantes transferiu-se para a casa paroquial ou para as instalações da Junta de Freguesia. Actualmente já não existem quaisquer peças de vestuário utilizado nos eventos nos referidos locais nem em casas particulares. Até porque, segundo relatos de alguns dos últimos "guerreiros" não passavam de peças de tecido pouco elaboradas. Muitas vezes feitas de lençóis velhos e sacas de serapilheira usadas que, provavelmente, ainda eram reciclados depois dos eventos.

"O conjunto dos mouros - vestidos de branco – na hora marcada deslocava-se discretamente para o adro da igreja de S. Bartolomeu e colocava-se dentro do improvisado castelo de papel pintado a imitar as

11 Escrito em Lisboa a 4 de Novembro de 1966, e publicado a 24 do mesmo mês no *Correio do Sul*.

pedras das muralhas. Os restantes participantes entravam a dançar (de improviso e com algum estrondo) ao som de um ou mais harmónios [12]e dirigiam-se para o castelo sendo que, o rebentamento de um morteiro, indicava o início da luta – como se de um tiro se tratasse - e o "fogueiro", vestido de fato-macaco, dirigia-se para o castelo com uma espada em riste liderando o cortejo" [13].

Atrás, a barca cheia de cristãos aparecia de surpresa no largo (vinha do lado do cemitério, nas costas da igreja) para atacar os infiéis. Era a figura mais esperada, o comandante do barco, que começava por atirar setas aos inimigos, iniciando-se, assim, o ataque às muralhas. Dos testemunhos recolhidos, não foi possível estabelecer uma ligação de causa-efeito entre o ataque e a respectiva defesa, Isto é, em outros combates a motivação dos cristãos para atacarem os mouros tem um objectivo religioso e prende-se com a libertação ou conquista de relíquias de santos católicos ou pela simples posse da sua imagem. O que não acontecia nos domínios de S. Bartolomeu de Pechão. Se bem que todo o percurso da festa se desenrolava à volta do templo, circunscrevendo-se a uma geografia de carácter eminentemente religioso.

"Cristãos no solo e mouros em cima do palanque (dentro de um castelo árabe simulado, constituído por uma estrutura de canas ou madeira forrada a papel pintado a imitar as paredes de pedra) perfilavam-se como ferozes "inimigos". Os primeiros chegavam em cima de uma barca (carroça transformada em barco empurrada por outros participantes) vestidos de serrapilheira e os mouros atrás das muralhas surgiam, basicamente, 'enrolados' em lençóis"[14].

O texto debitado por dois dos intérpretes era particularmente fácil e muita gente até o sabia de cor. Porém, mais importante que as palavras gritadas de um e do outro lado pelos pelejantes, era a dramaturgia do próprio espectáculo, que fazia as delícias dos pechanenes e dos forasteiros.

Assinale-se, a título de exemplo, o diálogo de abertura entre o comandante cristão/ Português e o rei Mouro [15]:

Português - Ó do barco!
Mouro - Que deseja?
Português - Eu, capitão deste escaler, [16] vindo dos mares do Norte e tendo que cumprir a minha missão, às ordens do Comando Superior.
Mouro - Que deseja?
Português - Desejo falar a V. Real Majestade, El-Rei Árabe
Mouro - Espere um momento

Rei Mouro - Quem é?
Soldado Mouro - Não sei. Só sei que é um escaler armado e tenta penetrar em território nosso e onde V. Real Majestade governa e domina.

Mouro - Ó do escaler?
Português - Pronto!

12 Embora não se tratasse de uma condição pré-estabelecida, segundo alguns relatos, em alguns dos festejos o grupo de assalto ao castelo trazia consigo um conjunto alargado de músicos para, desse modo, aumentar a dinâmica do evento.

13 Entrevista com Paulo Vasco Salero, João Cesário Brás, Emiliano Charneca e Osvaldo Granja, Pechão, 2018.

14 Entrevista com Paulo Vasco Salero, João Cesário Brás, Emiliano Charneca e Osvaldo Granja, Pechão, 2018.

15 Duarte, José da Cunha e Cunha, Afonso (2006) Natal no Algarve II – teatro, São Brás de Alportel, p. 267.

16 Bote, batel ou canoa. Pequena embarcação, geralmente a remo, que serve para transbordo de mercadorias nos navios ou para pequenos serviços no mar.

Mouro - Quem te mandou penetrar em águas que por direito e limites não te pertencem e penetrares em território meu?
Português - Foi o temporal que nos trouxe até esta paragem. (…)

"No final quando a palavra fogo era gritada a plenos pulmões pelo capitão do barco, trava-se o um pretenso combate para grande animação da assistência.

No fim os soldados cristãos subiam para o castelo e ateavam-lhe fogo. Os mouros derrotados (e humilhados) saiam pelas traseiras do palanque enquanto se ouvia o rebentamento de algumas pequenas bombas de pólvora seca colocadas dentro do castelo para simular o som de tiros.

Depois da destruição completa do castelo pelas chamas e da 'fuga' dos infiéis, o rei Mouro e o capitão Português davam as mãos em frente do público para que não restassem dúvidas de que se trata de uma simples representação e que todos os participantes eram conhecidos e, porventura, até bons amigos".[17]

Imagem do castelo do combate dos mouros [18]

Sabe-se que o "combate" foi, há muito, integrado nas tradicionais festas de Pechão que decorriam no primeiro domingo e segunda feira de Setembro. A data terá sido escolhida por uma questão muito prática, decorrente do calendário agrícola. Sendo uma zona com muitas famílias de produtores de alfarroba, figo e amêndoa, a apanha desses frutos só estava concluída no final do Verão, pelo que as pessoas mais religiosas, após a venda, poderiam aplicar alguns dos seus rendimentos na festa e nas respectivas oferendas.

Já no século vinte, mais precisamente no inicio da década de 70, o paradigma alterou-se substancialmente pois, sendo uma região, como muitas outras na província do Algarve, com um grande número de famílias emigradas, as comissões de festas optaram por alterar as datas dos festejos fazendo coincidir os eventos com as datas dos regressos para férias dessas famílias. Assim as Festas de Pechão passaram a realizar-se no mês

17 Entrevista com Paulo Vasco Salero, João Cesário Brás, Emiliano Charneca e Osvaldo Granja, Pechão, 2018.
18 Fonte: http://aarlapa.blogspot.com/search/label/Combate%20dos%20Mouros.

de Agosto, perto do dia 24, mantendo, nos primeiros anos o domingo e a segunda-feira, mas, algum tempo depois, passando para sábado e domingo, para coincidir com o fim-de-semana.

O combate dos mouros, que servia de epíogo às solenidades, terminava formalmente com o "arder do castelo". Mas o fogo, que começava no solo prolongava-se pelo ar – como é tradição nas maioria das festividades laicas e religiosas de Portugal – com vistosas sequências de exuberante fogo-de-artifício.

A fim de trazer um pouco mais de alegria, diversão e colorido às festas de S. Bartolomeu – que saía em procissão nas manhãs de 24 de Agosto – as comissões de festas decidiram agregar ao evento provas de ciclismo, concursos de pau ensebado, torneios de malha e exibições de ranchos folclóricos (com danças tradicionais da região), nos quais, curiosamente, se incluía um grupo de pauliteiros. Grupo que, aliás, parece ser único nas terram meridionais de Portugal.

Os vários conjuntos de danças eram, geralmente, acompanhados por um acordeonista (ou dois) e tocadores de cavaquinho, bandolim, viola e ferrinhos.Pechão, ao logo da sua história recente, teve vários grupos de dança dita folclórica. De um modo geral, parece ter-se mantido uma determinada matriz nas lista das danças por eles apresentadas e que era composta pela "Dança dos Velhos" – protagonizadas por um grupo misto de contornos humorísticos que terá tido origem na aldeia e, mais tarde, foi adotadas pela vizinha freguesia de Quelfes, os "Pauliteiros de Pechão" - grupo composto por 12 crianças do genéro masculino - a "Dança da Misteriosa" - em que um homem dança com uma boneca de trapos -, as "Danças Tradicionais" - executadas por pares - e o citado " Combate do Mouros", uma "dramatização histórica" da conquista de um "castelo infiel" por um grupo de "cruzados cristãos".

A Igreja celebra no dia 24 de Agosto a morte de São Bartolomeu – exactamente dois meses depois do dia de S. João -, um dos doze apóstolos. É de referir que a Festa de S. Bartolomeu de Esposende, é uma das mais concorridas do Norte de Portugal.

Na qualidade de apóstolo, Bartolomeu pôde acompanhar a missão de Jesus na terra, no seu dia-a-dia e os seus milagres, ouvindo os seus ensinamentos e testemunhando a sua ressurreição.

De acordo com a tradição, o apóstolo teria evangelizado a Índia, passando pela Arménia, local onde conseguiu a conversão do rei Polímio, da sua esposa e várias outras pessoas. Este facto gerou a inveja de sacerdotes pagãos que, instigaram o irmão de rei, Astiages, a matar Bartolomeu por esfolamento. Porém o santo não morreu ao ser esfolado vivo uma vez que acabou sendo decapitado, no dia 24 de Agosto do ano 51 DC.

Conclusão

Apesar de existirem alguns estudos sobre "danças mouriscas" em festas religiosas – destacando-se o da austríaca Barbara Lage que se socorre das teses de E. Durkheim (1912 [1960]), M. Halbwachs (1968 e 1994), H. Bergson (1959) e P. Connerton (1989) para agregar à palavra "mouro" uma simbologia "religiosa", designadamente a utilizada pela Igreja Católica, e abordando o que delas resta em Braga e Penafiel e Sobrado

– eles não incluem Pechão. Nessa aldeia do barrocal algravio, hoje, apenas se encontra uma pálida ideia do que terão sido, num passado mais ou menos longínquo, essas interessantes práticas teatrais de raiz popular.

A categoria das "danças mouriscas" do Algarve, do ponto de vista dos ritos comemorativos, remetem-se para um passado religioso (aliado ao Cristianismo e ao Evangelho) e um passado histórico, que se prende com a presença árabe e a conquista das povoações muçulmanas pelos Portugueses.

A essa "memória histórica» há que juntar a «memória colectiva» que chegou até nós (já algo fragilizada) através de um evento performativo-religioso pontual que mantinha viva uma tradição que, infelizmente, se tem vindo a desvanecer.O presente trabalho acabou por não se revelar satisfatório em termos coreográfico-musicais pois, devido às circunstâncias encontradas – apenas se conseguiram informações esparsas de uns poucos pechanenes que participaram e se lembram de algumas passagens das "festas" - nada mais se conseguiu recolher no local.

Contudo, teve o mérito de deixar em aberto um estudo complementar sobre dois eventos referidos em 2006 na obra *Natal no Algarve - II"* dos irmãos gémeos e padres José da Cunha Duarte e Afonso Cunha . São eles: os combates de Quelfes – outra freguesia, próxima, do concelho de Olhão – para onde se terá mudado o "ensaiador" de Pechão que levou consigo as suas "danças" e, sobretudo, os de Santa Catarina da Fonte do Bispo, na freguesia de São Braz de Alportel. Aldeia onde estes eventos, apesar de alguma irregularidade, ainda continuam a ser apresentados de vez em quando.

Combate dos mouros de Santa Catarina da Fonte do Bispo [19]

19 Duarte, José da Cunha; Cunha, Afonso (2006), *Natal no Algarve II* – teatro, São Brás de Alportel, p. 259.

Agradecimentos

As entrevistas realizadas com alguns do actuais habitantes séniores de Pechão, na sede da sua Junta de Freguesia de Pechão, foram registadas no Verão de 2019, por amável organização do professor Paulo Vasco Salero.

Devo pois agradecer-lhe encarecidamente, assim como aos senhores João Cesário Brás, Emiliano Charneca e Osvaldo Granja.

Fonte internet:

A arlapa blogspot: http://aarlapa.blogspot.com/search/label/Combate%20dos%20Mouros

Dicionário informal: https://www.dicionarioinformal.com.br/

Bibliografia

Alge, Barbara (2006)*, A memória colectiva religiosa em danças dramáticas de Panafiel*, Sobrado e Braga, Lisboa: Colibri.

Alves, Padre Francisco Manuel (1990), *Memórias Arqueológico - Históricas do Distrito de Bragança*, IX, Bragança, [1.” edição: 1925].

Armstrong, Lucile (1948), *Dances of Portugal*, Londres: Max Parrish & Company.

Bergson, Henri (1959), *Matiére et mêmoire: essai sur Ia relation du corps à Vesprit*, 60eme édition. Paris: PUF.

Bourdieu, Pierre (1989), *O Poder Simbólico, Memória e Sociedade*, 2.” edição, Lisboa: Difel, Comissão das Festas de S. João de Braga 1991-2004 Festas de S. João, Braga: Comissão das Festas.

Duarte, José da Cunha; Cunha, Afonso (2006), *Natal no Algarve II* – teatro, São Brás de Alportel.

Durkheim, Emile (1960), *Les formes élementaires de Ia vie religieuse*. [primeira edição 1912], Paris: Presses Universitaires de France

Machado, Paula Costa; Ferreira, Hélder (2002), *Bugiada: Valotigo*, Mafra: Elo .

Ribas, Tomaz (1983), *Danças populares portuguesas. Biblioteca Breve*, Vol. 69, [1.” edição 1982], Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa Ministério da Educação e das Universidades Rubin.

Miri (1991), *Corpus Christi, The Eucharist in Late Medieval Culture*, Cambridge University Press.

Soeiro, Teresa (coord.) (2000, 2001), Dias Festivos: o Corpo de Deus em Penafiel, in *Cadernos do Museu*, 6-7, Penafiel: Museu Municipal.

Tinhorão, José Ramos (1988), *Os Negros em Portugal*, Lisboa: Caminho.

EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA PARA SURDOS NO ESTADO DE SERGIPE: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO[1]

Cosmira de Souza Santos Dória[2]

RESUMO: O objetivo geral deste trabalho consiste em investigar as visões dos estudos acadêmicos sergipanos acerca das práticas pedagógicas de inclusão para discentes surdos/as no ano de 2020. Justifica-se a escolha do tema ao crescimento das discussões sociais e acadêmicas em torno da valorização de grupos minoritários e da diversidade cultural no ambiente educacional, buscando atender aos dispositivos legais. O *corpus* selecionado e analisado compreende seis artigos publicados em anais de eventos e/ou em revistas especializadas nesse recorte temporal. Para tanto, os procedimentos metodológicos utilizados foram a pesquisa exploratória, bibliográfica e qualitativa. De modo geral, os resultados e as discussões apontam para a predominância teórica da perspectiva de educação cultural da pessoa surda e, minimamente, para a produção contextualizada de atividades que visam incluir efetivamente a comunidade surda no cenário escolar.

Palavras-chave: Pessoa surda. Educação inclusiva. Educação cultural.

ABSTRACT: The general objective of this work is to investigate the views of Sergipe's academic studies on the pedagogical practices of inclusion for deaf students in 2020. The choice of the theme is justified for the growth of social and academic discussions around the valorization of groups minorities and cultural diversity in the educational environment, seeking to comply with legal provisions. The selected and analyzed *corpus* comprises six articles published in annals of events and/or in specialized journals in this time frame. For this, the methodological procedures used were exploratory, bibliographic and qualitative research. In general, the results and discussions point to the theoretical predominance of the cultural education perspective of the deaf person and, at least, to the contextualized production of activities that aim to effectively include the deaf community in the school scenario.

Key words: Deaf person. Inclusive education. Cultural education.

1.INTRODUÇÃO

Considerando os passos velozes do mundo contemporâneo sobre discussões vinculadas à valorização de sujeitos vulneráveis, pertencentes a grupos sociais minoritários, a esfera da educação torna-se, sem sombra de dúvidas, um espaço propício para a ampliação do debate. Nesse cenário cheio de complexidades e diferentes pontos de vista, estudos e pesquisas distintas têm sido feitas, cada qual com seus interesses particulares, compreendendo nuances e aspectos importantes sobre modos de educar e de aprender por parte da escola e dos/as discentes.

---

1 Este trabalho é resultado do curso de Pós-graduação *lato sensu* em Educação Especial e Inclusiva da Faculdade Regional no Centro Sul de Sergipe (FARSUL), finalizado no ano de 2020.

2 Graduada em Pedagogia pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias (FAC) e especialista em Educação Especial e Inclusiva pela FARSUL (Polo de Cristinápolis/SE).

A temática deste trabalho se situa na educação especial inclusiva para a comunidade surda, grupo social este que, para Campos (2011), divide opiniões no que diz respeito à inclusão de alunos surdos na escola regular com discentes ouvintes ou à criação de um novo sistema educacional exclusivo "de acordo com a cultura, língua, história cultural, metodologia, currículo e prática direcionada aos [alunos] surdos" (CAMPOS, 2011, p. 29). Divergências como estas nada mais são do que tentativas de respostas aos dispositivos políticos, técnico-científicos, administrativos e pedagógicos das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, do Ministério da Educação, divulgadas em 2001.

No intuito de se somar ao debate em questão, e, visando um recorte temporal mais específico, este trabalho estabelece uma questão norteadora: qual(is) o(s) olhar(es) acadêmico(s) sergipano(s) sobre as práticas pedagógicas de inclusão de discentes surdos/as, no ano de 2020? Nesse sentido, o objetivo geral consiste em investigar as visões dos estudos acadêmicos sergipanos acerca das práticas pedagógicas de inclusão para discentes surdos/as no ano de 2020.

Visando empreender o referido objetivo, elencam-se os seguintes objetivos específicos: i) selecionar artigos de periódicos especializados e/ou de anais de eventos produzidos por autores/as sergipanos/as sobre práticas pedagógicas inclusivas para discentes surdos/as; ii) observar se, nas produções selecionadas, há propostas de inclusão que compreendem ou excluem as especificidades da realidade surda.

A necessidade de realização desta pesquisa se justifica, por um lado, pela força que as discussões sociais contemporâneas têm gerado sobre integração das minorias no cenário educacional com respeito e seriedade, e, por outro, pela necessidade de se atender aos dispositivos legais e às demandas cada vez mais amplas dos diferentes grupos sociais que frequentam a escola.

É corrente o conhecimento de que o ambiente escolar se faz com respeito à diversidade, à dignidade da pessoa humana e à busca pela promoção de igualdade, em diferentes aspectos. Além disso, o recorte temporal e temático se justifica, porque, primeiramente, a temática é fruto de muitas discussões acadêmicas atuais, e, em segundo lugar, porque, em razão do pouco tempo de que dispomos, não seria possível realizar uma pesquisa maior.

Os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa são as pesquisas exploratória e bibliográfica, bem como a abordagem qualitativa (PRODANOV; FREITAS, 2013). Assim, os critérios de inclusão compreendem produções acadêmicas de autores/as sergipanos/as sobre a temática. Por sua vez, os critérios de exclusão compreendem artigos que não foram publicados em 2020 a respeito da temática, tampouco aqueles que não pertencem a autores/as sergipanos/as. O lócus da coleta de dados escolhido é a plataforma *on-line* do *Google Acadêmico*.

O presente trabalho está esquematizado da seguinte forma: na primeira parte, faz-se um percurso bibliográfico sobre o tema da educação especial inclusiva para pessoas surdas no cenário brasileiro; já na segunda parte, faz-se a discussão dos resultados encontrados, apresentando o material de análise (artigos selecionados) e a interpretação das reflexões teórico-analíticas e/ou das propostas de inclusão.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este estudo vai tratar, inicialmente, da contextualização da existência das pessoas surdas no mundo e de sua recepção em algumas sociedades humanas. Em seguida, fará um breve percurso histórico sobre a inclusão de surdos na educação brasileira a partir de alguns teóricos e de documentos legais que tratam de políticas públicas e condições para atendimento adequado na realidade escolar.

A existência de grupos minoritários sempre foi um entrave na realidade educacional. As discussões pedagógicas e o cenário de construção de políticas públicas mantêm diálogos a esse respeito e se influenciam constantemente no tocante a várias visões de mundo, condutas e propostas de inclusão desses sujeitos no cotidiano e no currículo escolar. Com efeito, buscam, de início, atingir certas demandas sociais e exigências constitucionais e legais de um município, de um estado, de um país.

2.1 Educação inclusiva para pessoas surdas

A comunidade surda não está longe desta realidade. Desde os tempos mais remotos, pessoas surdas existem nas mais diversas sociedades e, em cada época ou era, foram interpretadas e/ou recepcionadas de distintas maneiras em todas as esferas. Podemos dizer que, em se tratando de um grupo socialmente vulnerável, a realidade desses sujeitos nunca foi tão tranquila. Na educação, por exemplo, tiveram que enfrentar muitas dificuldades para conseguir serem reconhecidas como pessoas de direitos e dignas de acesso à educação pública de qualidade.

2.2 Exclusão das pessoas surdas no mundo

Em muitas sociedades, a população surda foi, inicialmente, recebida como diferente e anormal, visto que não se encaixava nos padrões reconhecidos do humano, e era submetida a procedimentos/tratamentos que visavam sua readequação à comunidade de pessoas ouvintes. Na apresentação de um breve histórico, Goes e Campos (2011, p. 66) dizem que já na Idade Antiga, por volta de 476 d.C., pessoas surdas tinham suas vidas determinadas como inválidas por boa parte da sociedade romana, pois elas eram "castigadas ou enfeitiçadas, e a questão da surdez era resolvida por abandono ou com a eliminação física".

Segundo esses autores, na Grécia da Idade Média, por sua vez, as pessoas surdas não podiam participar de rituais católicos como a comunhão ou o casamento entre iguais, por exemplo. Atitudes sociais como estas eram tratadas de forma deliberada por muitas pessoas, funcionando durante um bom tempo. Tais condutas eram guiadas por uma visão de normalidade tida como "verdade absoluta". De acordo com Campos (2011), a imposição de regras de normalização para pessoas surdas correspondia – e ainda corresponde – a formas de violência contra a sua cultura: i) eliminação da diferença; ii) ridicularização da língua de sinais; iii) imposição da língua oral; iv) inclusão do surdo entre deficientes; v) inclusão do surdo entre ouvintes.

A eliminação da diferença pode ser explicada a partir do exemplo histórico que Goes e Campos (2011) trazem: pessoas surdas eram excluídas fisicamente ou religiosamente. Já a ridicularização da língua de sinais sempre houve, pois sua língua viso-gestual era considerada inferior às línguas de pessoas ouvintes. Em contrapartida, apagava-se o uso da língua de sinais e impunha-se à força as línguas orais à pessoa surda.

E, dessa forma, a inclusão apenas era feita – e ainda é em muitos espaços sociais – posicionando-se a pessoa surda como deficiente ou como inferior à pessoa ouvinte.

Primeiro, é bom lembrar que "deficiente" é qualquer pessoa que nasceu de determinada forma e, por algum motivo, durante sua vida, sofreu algum acidente ou lesão que a deixou com consequências físicas, psíquicas, emocionais, linguísticas, etc. O surdo, ao contrário, já nasce com a singularidade biológica da surdez. Dizer o que é ou não normal pode levar a uma série de equívocos ou problemas, pois a ideia de "normalidade" é e sempre foi complexa e muito vaga. Por isso, a inclusão social acaba sendo um tema que diariamente passa por muitas discussões, porque incluir não quer dizer que o diferente vai ter que ser tolerado. Na verdade, a pessoa, seja ela qual for, precisa e deve ser respeitada em suas diferenças.

2.3 Inclusão das pessoas surdas: alternativas ou problemas?

Felizmente, nem todas as sociedades recepcionaram os surdos como pessoas doentes ou inúteis. Como afirmam Goes e Campos (2011), no Egito e na Pérsia, 476 d.C., isto é, na mesma época das exclusões romanas, pessoas surdas eram consideradas quase sagradas, pois, como não falavam pela boca e "viviam em silêncio", ouvintes acreditavam que elas eram enviadas dos deuses e se comunicavam com eles. Já na Idade Moderna do século XVI, também, para Girolamo Cardano, um médico e filósofo italiano, a surdez e a mudez foram não consideradas como empecilhos para o desenvolvimento da aprendizagem de outras habilidades.

Dessa maneira, atitudes de reconhecimento das habilidades das pessoas surdas foram pouco a pouco inserindo-as no centro de algumas discussões importantes para sua valorização em várias esferas das sociedades. Embora muitas delas tratassem – e ainda tratem – a pessoa surda como diferente (sinônimo de inferior), sua repercussão faziam e fazem com que mudanças sociais sejam paulatinamente previstas. Com relação à visão do Estado sobre o surdo, Campos (2011, p. 32) diz o seguinte: "O discurso de inclusão que perpassa os programas educacionais do governo ainda não vê o indivíduo surdo como sujeito cultural e sim como uma pessoa com deficiência, com uma necessidade especial, como uma criança com surdez".

As palavras desta autora são de um trabalho publicado no ano de 2011. Vem daí nosso questionamento: será que a visão do governo sobre a pessoa surda permanece a mesma? Temos, aqui, nosso trunfo do trabalho, ou seja, nossa pergunta norteadora é basicamente essa. Na sequência, poderemos confirmar ou não essa dúvida, pois o nosso foco são as práticas pedagógicas escolares que visam o atendimento a discentes surdos. Mas, sabemos também que as decisões legais e governamentais ressoam sobre as práticas educacionais. Antes, porém, de tratar dessas questões regulamentadoras, vamos falar um pouco sobre três diferentes visões ou teorias de educação inclusiva para pessoas surdas no ambiente escolar.

Campos (2011) ainda lista três visões distintas: i) educação tradicional/moderna; ii) educação para a diversidade; iii) educação cultural. Na primeira visão, a pessoa surda é entendida como deficiente e anormal, visto que sua existência é empurrada para dentro de uma concepção de cultura hegemônica das pessoas idealizadas/valorizadas (homem branco, ouvinte, inteligente, colonizador, etc.). Baseada em Skliar (1998), afirma Campos (2011) que a pessoa surda, dentro dessa educação moderna, é submetida a mecanismos da *pedagogia corretiva*, ou seja, tentativas de "cura" e de negação de suas capacidades. Na sala de aula de ensino regular, o discente surdo é misturado com alunos ouvintes sem receber tratamento adequado com sua língua de sinais ou participar das aulas com seus semelhantes. Além disso, há um espaço específico para esse tipo de

aluno: sala especial para múltiplas deficiências (aqui, no Brasil, o Atendimento Educacional Especializado).

Desse modo, a cultura e a identidade da pessoa surda são negadas e violentadas, visto que sua língua é apagada, na maioria das vezes, para dar lugar à língua oral da maioria (alunos ouvintes), prejudicando, assim, o seu desenvolvimento natural e a sua participação social efetiva. Por seu turno, a segunda visão (educação para a diversidade) enxerga a pessoa surda como sujeito subalterno e inferior à pessoa ouvinte socialmente valorizada:

> Essa educação, uma teoria crítica, tem por objetivo impor aos surdos a experiência ouvinte, colocando-os de volta ao colonialismo e impedindo-os de mostrar a diferença de ser. Não há lugar para o diferente nesse espaço e nesse tempo de política colonial devido à construção da perfeição. Para a teoria crítica, ser surdo é bom, mas a cultura do ouvinte é melhor e perfeita. (CAMPOS, 2011, p. 34-35).

Diante dessa citação, podemos questionar: o que há de crítico nessa teoria? Como se intitula "crítica" uma abordagem teórica que só reproduz a ótica hegemônica de exclusão da pessoa surda? Uma possibilidade de interpretação vem do fato de que o colonialismo ainda predomina nessa segunda visão, ou melhor, é o colonialismo e todo seu sistema de dominação e violências que elabora esse discurso da diversidade, como se dissesse: "todos são diferentes, por isso devem ser respeitados, e os marginalizados também". É por essa razão que, após essas palavras, Campos (2011) traz estudiosos sobre o assunto que questionam e criticam essa "educação para a diversidade", entre eles, Skliar (1997), Perlin (2005b) e Bhabha (2005).

No sistema dessa educação para a diversidade, de acordo com Campos (2011), o aluno surdo é inserido numa sala de aula regular com ouvintes e outros surdos, tendo como diferencial da primeira visão a presença do intérprete de língua de sinais para mediar a comunicação entre docentes e turma. Podem haver também aulas de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) apenas para alunos surdos, bem como sala de multimeios para aprendizagem da LIBRAS. Apesar de todos os discentes serem ensinados sobre o respeito a culturas e línguas diferentes, não é exigido, por exemplo, que alunos ouvintes também tenham acesso a aulas de LIBRAS. Porém, para discentes surdos, o processo não é o mesmo: eles precisam aprender o português escrito como segunda língua (CAMPOS, 2011).

2.4 A educação cultural do surdo: um caminho para a efetiva inclusão

Ao contrário das duas primeiras visões, a educação cultural concebe a pessoa surda como um sujeito cultural e, sim, como sujeito surdo, efetivamente. Reconhece suas múltiplas identidades e suas singularidades linguísticas, sociais e culturais. Segundo Perlin (2006), citado por Campos (2011), nesse terceiro tipo de educação, a diferença é valorizada enquanto tal, e não arrastada para o ideal de normalidade criado pela sociedade ouvicêntrica. Aqui, ao invés da pedagogia corretiva, o que impera é a *pedagogia da diferença*, de acordo com os autores. Calcada nesta perspectiva, a escola privilegia a tradução, e intérpretes da língua de sinais são responsáveis por acompanhar discentes surdos em suas atividades educacionais cotidianas, a fim de facilitar as interações comunicativas com toda a comunidade escolar.

De modo a distinguir um pouco mais as noções de "diversidade" (remetendo às visões de educação moderna e diversa) e "diferença" (remetendo a esta última), trazemos uma citação de Duschatzky e Skliar (2000), estudiosos que se fundamentam no teórico crítico Homi Bhabha:

> [...] a **diversidade** é distinta da **diferença** devido à sua norma transparente, construída e administrada pela sociedade, que 'hospeda', que cria um falso consenso, uma falsa convivência, uma estrutura normativa que contém a diferença cultural: "a universalidade, que paradoxalmente permite a diversidade, mascara as normas etnocêntricas." (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2000, p. 169, grifos nossos).

Campos (2011) ainda afirma que a *Política Nacional de Educação Especial*, proposta pelo Ministério da Educação, em 23 de março de 1994, repousa sobre a visão da educação para a diversidade, fato este que nos envergonha.

> Art. 12. Os locais de espetáculos, conferências, aulas e outros de natureza similar deverão dispor de espaços reservados para pessoas que utilizam cadeira de rodas, e de lugares específicos para **pessoas com deficiência auditiva** e visual, inclusive acompanhante, de acordo com a ABNT, de modo a facilitar-lhes as condições de acesso, circulação e comunicação. (BRASIL, 1994, p. 3, grifo nosso).

Vemos claramente, neste trecho da lei, que a surdez é concebida como deficiência, quando, na verdade, as condições linguísticas, biológicas, sociais e/ou culturais de uma pessoa surda não correspondem àquelas pertencentes à pessoa que foi vítima de um acidente ou lesão que a levou à surdez. Porém, anos mais tarde, isto é, no ano de 2007, o Ministério da Educação, no Brasil, divulgou a *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*, a qual parece se afastar um pouco dos princípios e visões daquela de 1994. Vejamos as primeiras palavras da introdução:

> O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e **diferença** como valores indissociáveis, e que **avança em relação à idéia de eqüidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola**. (BRASIL, 2007, p. 1, grifos nossos).

De início, chamam a nossa atenção o termo "diferença" e o trecho "avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola". Dessa forma, a impressão aqui é outra. A lei de 2007 parece se preocupar mais com a desconstrução dessa visão homogeneizante entre alunos surdos e alunos ouvintes ao questionar a exclusão a partir de uma perspectiva histórica, bem como parece conjugar bem a ideia de igualdade (educação para a diversidade) com a de diferença (educação cultural).

Essa aparente evolução da lei de 2007 parece se apoiar nas *Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica*, publicadas no ano de 2001, a qual prescreve que, no tocante ao aspecto pedagógico no processo de construção da inclusão na área educacional, a escola e o ensino para alunos com

necessidades especiais devem focalizar as singularidades e não a homogeneidade calcada no modelo clínico e tradicional, modelo este ultrapassado. Assim,

> [...] trata-se de um conceito amplo: em vez de focalizar a deficiência da pessoa, enfatiza o ensino e a escola, bem como as formas e condições de aprendizagem; em vez de procurar, no aluno, a origem de um problema, define-se pelo tipo de resposta educativa e de recursos e apoios que a escola deve proporcionar-lhe para que obtenha sucesso escolar; por fim, em vez de pressupor que o aluno deva ajustar-se a padrões de 'normalidade' para aprender, aponta para a escola o desafio de ajustar-se para atender à diversidade de seus alunos. (BRASIL, 2001, p. 33).

Diante do que foi discutido aqui, podemos afirmar que a realidade educacional das pessoas surdas é bastante complexa e requer muitas discussões junto àquelas já foram feitas. Queremos verificar se, nos dados gerados para este estudo, o contexto da educação sergipana exclui ou inclui os discentes surdos em relação às suas especificidades linguísticas, culturais e históricas.

3 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos utilizados numa pesquisa permitem ao pesquisador classificá-la do ponto de vista dos objetivos, do procedimento técnico e da abordagem do problema. Inicialmente, levando em conta seu objetivo geral, este estudo se caracteriza como exploratório, pois nossa finalidade recai sobre "proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento" (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51-52). Esse tipo de pesquisa, segundo estes autores, permite estudar um fenômeno sob diferentes aspectos ou pontos de vista, sendo extremamente flexível. Assim, são características importantes o levantamento bibliográfico e a análise de exemplos, os quais serão desenvolvidos a partir da interpretação das informações disponíveis nos artigos de periódicos e de anais de eventos selecionados.

Nessa direção, faz sentido que este estudo utilize como tipo de procedimento técnico a pesquisa bibliográfica, isto é, aquela que é "elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos [...]" (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54). Nesse tipo de procedimento, segundo os autores, é importante verificar a autenticidade e a confiabilidade das informações publicadas, principalmente, as encontradas na internet. Levando em conta o material coletado no *Google Acadêmico* para este estudo, devemos estar cientes de que as informações encontradas nos artigos selecionados compõem, parcialmente, as visões de autores sergipanos sobre a temática da educação inclusiva para discentes surdos/as, bem como influenciarão nossas interpretações sobre ela.

Já do ponto de vista da abordagem do problema, este estudo se caracteriza como qualitativo, uma vez que, ao buscar compreender visões sobre inclusão de surdos na educação, condiz com "uma relação dinâmica

entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números" (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70). Embora o problema desta investigação utilize uma expressão que possa induzir o pensamento quantitativo ("qual"), o foco está mais para interpretar diferentes visões sobre o fenômeno estudado do que para limitar a reflexão num conjunto generalizado de aspectos.

Escolhemos a abordagem qualitativa porque não nos interessa encontrar respostas que se aproximem de conclusões exatas ou fixas, mas, sobretudo, chegar a considerações parciais sobre a inclusão de pessoas surdas na área da educação sob a ótica de estudiosos acadêmicos. Isso se justifica, por um lado, pelo pouco espaço-tempo de que dispomos para realizar o estudo, e, por outro, pelo recorte que aqui fazemos, o qual jamais iria abranger todos os estudos publicados no ano de 2020 sobre a temática. Nesse sentido, os critérios de inclusão compreendem produções acadêmicas de autores/as sergipanos/as sobre a temática no ano de 2020. Por sua vez, os critérios de exclusão compreendem artigos que não foram publicados em 2020 a respeito da temática, tampouco aqueles que não pertencem a autores/as sergipanos/as. O lócus da coleta de dados escolhido é a plataforma *on-line* do *Google Acadêmico*.

A princípio, nosso objetivo geral era investigar como se constituiriam as práticas pedagógicas de inclusão de discentes surdos/as no ensino fundamental da escola da rede pública no estado de Sergipe, no ano de 2020. Esse estudo se caracterizaria como bibliográfico acerca de estudos etnográficos e práticas pedagógicas efetivas. Todavia, após uma busca exaustiva na plataforma do *Google Acadêmico* (utilizando-se os seguintes termos – "educação inclusiva para surdos em Sergipe 2020"), nenhuma produção acadêmica foi identificada com base naquele objetivo; a maioria compreendia apenas técnicas de entrevista ou estudos de caso. Portanto, precisamos alterar nosso objetivo geral, o qual passa a se caracterizar um estudo bibliográfico, exploratório e qualitativo sobre outros estudos (bibliográficos, com entrevista e/ou estudo de caso) que dedicam olhares teóricos e/ou práticos acerca da inclusão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na comunidade acadêmica, muita pesquisa tem sido feita sobre a realidade surda. Do mesmo modo, muitos trabalhos vêm sendo publicados sobre essa temática, mas julgamos que poucas propostas inclusivas estejam presentes nessas produções. Por essa razão, com base nas justificativas de mudanças de objetivos, as quais fizemos na seção anterior, torna-se urgente, aqui, uma pequena investigação sobre em que medida os trabalhos publicados no território sergipano, no ano de 2020, contemplam ou não propostas de inclusão de discentes surdos/as no ambiente escolar.

Para levar a cabo essa tarefa, precisamos, primeiramente, selecionar trabalhos publicados por autores/as sergipanos/as em revistas eletrônicas e anais de eventos, no ano de 2020; em segundo lugar, precisamos observar, por um lado, se os trabalhos contemplavam reflexões teórico-analíticas e/ou propostas inclusivas e, por outro, se tais propostas incluíam ou excluíam a realidade surda. Vale ressaltar que alguns trabalhos não foram utilizados no presente estudo porque, embora tivessem o *link* na página do *Google Acadêmico*, estavam indisponíveis na internet no momento de busca.

Além dos fatores mencionados, limitamos a nossa busca ao número de trinta páginas na plataforma, tendo em vista que: i) a maioria dos trabalhos encontrados dizia respeito a teses ou dissertações publicadas por autores não sergipanos; ii) muitos trabalhos tratavam de educação inclusiva em sentido amplo, não focalizando a questão da surdez; iii) nosso trabalho possui um recorte temporal muito pequeno, além do pouco tempo de produção escrita para ser realizado. Por esses motivos, totalizamos apenas 06 (seis) artigos de autoria sergipana, publicados em periódicos especializados e em anais de eventos, durante o ano de 2020.

A seguir, elaboramos um quadro com as principais informações do material de análise (artigos) selecionado, segundo a ordem alfabética de autoria:

Quadro 1: Principais informações do *corpus*

Título do artigo	Autoria	Área/Subárea	Objetivo
1. Sinais-termo de química orgânica em língua brasileira de sinais: intervenção na produção de sinais de funções oxigenadas	ANDRADE, J. W. S.; COSTA, E. S.; SILVA, E. L.	Química	Produzir sinais para termos de funções oxigenadas não dicionarizados em LIBRAS para adequada construção de conceitos científicos/químicos por e para alunos surdos de ensino médio de escola da rede pública estadual de Lagarto/SE.
2. Contribuições da linguística aplicada para o ensino de português para surdos	OLIVEIRA, A. A.; BARBOSA, M. G. S.	Linguística Aplicada	Realizar uma reflexão acerca da prática de ensino da língua portuguesa como segunda língua para surdos sob a abordagem da linguística aplicada.
3. Sala de recursos multifuncionais-surdez: lugar de aprendizagem, autoestima e interação	SANTOS, M. S.; MORALES, S. D. C.	Educação	Apresentar um estudo sobre o ensino e aprendizagem dos alunos surdos, bem como a inclusão desses alunos e o papel do professor intérprete de LIBRAS na Sala de Recursos Multifuncional – Surdez.
4. A inclusão de alunos surdos na rede regular de ensino: desafios e possibilidades na prática docente	SANTOS JUNIOR, A. C.; ALVES, W. S.; FEITOSA, M. O.	Educação	Analisar como se deu o processo de inclusão com alunos surdos na rede regular de ensino de Tobias Barreto/SE, entre os anos de 2018 e 2019.
5. A LIBRAS no processo da aquisição da língua portuguesa	SILVA, L. S.; BARBOSA, J. S. L.; OLIVEIRA, J. A.	Educação	Apresentar a importância da LIBRAS não apenas para a comunicação dos surdos, mas para a aquisição da língua portuguesa na modalidade escrita.
6. Estudo de caso sobre o ensino-aprendizagem de química mediado em língua brasileira de sinais	SILVA, B. S.; COSTA, E. S.	Química	Investigar as dificuldades do processo de ensino-aprendizagem no ensino de Química mediada na LIBRAS numa escola da rede pública estadual de ensino de Aracaju/SE.

Fonte: elaboração própria

Como visto, os 06 (seis) artigos do *corpus* compreendem, em escala hierárquica, 03 (três) trabalhos na área de Educação, 02 (dois) trabalhos em Química e 01 (um) em Linguística Aplicada. O olhar educacional predomina sobre esses achados. Mas vemos, também, que os artigos da área de Química também dispõem sobre práticas educacionais efetivas, fazendo com que, inclusive, nosso estudo, aqui, não se limite a um estudo bibliográfico sobre visões teóricas sem aplicabilidade. Enquanto parte do material encontrado e selecionado para este estudo objetiva reflexões teóricas, outra parte se preocupa em relatar práticas pedagógicas de inclusão de pessoas surdas no contexto escolar. Isso tornará nossa investigação ainda mais produtiva. Sendo assim, com o intento de pôr ordem em nossas discussões, vamos falar, primeiramente, dos artigos com visada teórica e, em segundo lugar, dos artigos com relatos de práticas pedagógicas.

No artigo intitulado *Contribuições da linguística aplicada para o ensino de português para surdos*, Oliveira e Barbosa (2020), fundamentadas na área de Linguística Aplicada (LA), vão tecer algumas reflexões sobre o ensino de língua portuguesa como segunda língua para discentes surdos/as. Ao apontar a perspectiva contemporânea da LA – corrente transdisciplinar e/ou indisciplinar – as autoras encaminham a discussão tanto para a falta de soluções que ela propõe quanto para o olhar científico sem fronteiras. Nessa visada teórica, o sujeito é enxergado como alguém não subalterno, que não se submete aos padrões hegemônicos. Trata-se, portanto, de um viés político no campo dos estudos da linguagem. Assim, as autoras analisam que o Brasil é um país cuja diversidade linguística é enorme, e, devido ao caráter contemporâneo da LA, propõem uma prática pedagógica transgressiva de ensino de línguas para surdos. Elas propõem uma educação bilíngue, tendo a LIBRAS como língua materna de pessoas surdas e o português escrito como segunda língua. Esse tipo de metodologia permite aos surdos o desenvolvimento e aprendizagem de uma interlíngua, isto é, eles transpõem estruturas da LIBRAS para sua segunda língua, sem que isso seja considerado anormal. Três propostas interessantes para melhor incluir o/a discente surdo/a na escola seriam repensar as formas de avaliação, o formato das provas de português ou a elaboração de livros paradidáticos de português exclusivamente para surdos.

Outro estudo similar é o artigo de Silva, Barbosa e Oliveira (2020), intitulado *A LIBRAS no processo da aquisição da língua portuguesa*. Com base na legislação existente sobre a cultura surda, os autores apontam a necessidade de uma educação cultural para a pessoa surda, de modo a reconhecer suas diferenças e particularidades culturais. A LIBRAS deve ser entendida não como um instrumento de trabalho do professor, mas como parte da realidade cultural da comunidade surda. Os autores em tela consideram que a efetiva inclusão de discentes surdos/as na escola não consiste em dispô-los numa sala de aula do ensino regular, mas em respeitar as suas especificidades linguísticas. No entanto, esses autores citam o pensamento equivocado de Vygotsky (1989), para quem o surdo é um deficiente, apesar de considerar este sujeito plenamente apto para participação na vida social. Porém, defendem a necessidade de utilização de métodos escolares que permitam a autonomia e a tomada de decisões dos/as discentes surdos/as. Além disso, é preciso de incentivo ao uso da LIBRAS tanto na escola (desde os anos iniciais da educação básica) quanto na vida cotidiana, popularizando-se sua importância para inclusão de surdos/as em todas as esferas da sociedade.

Já no artigo intitulado *A inclusão de alunos surdos na rede regular de ensino: desafios e possibilidades na prática docente*, Santos Junior, Alves e Feitosa (2020) objetivam observar como esse processo ocorreu entre 2018 e 2019 na cidade de Tobias Barreto/SE. Inicialmente, os autores, algumas vezes, tratam da surdez e da deficiência auditiva como fenômenos equivalentes, fundamentados em autores recentes (Revista *Hear-It*, 2017, por exemplo), o que é problemático. Porém, compreendem a inclusão não como inserção de sujeitos

surdos na sala de aula, mas como quando esses sujeitos se sentem parte do mundo e conseguem compartilhar o mundo com os outros integralmente. Assim sendo, com base em dados da Secretaria Municipal de Tobias Barreto, observam que alunos/as surdos/as estão em processo lento de inclusão, pois, no sistema de ensino regular do referido município, há extrema escassez de salas de aula apropriadas, de intérpretes e de professores preparados para lidar adequadamente com a cultura surda. Em todo o município, apenas foram oferecidos até 2019: i) quatro salas de AEE; ii) dois intérpretes para a rede regular de ensino; iii) um intérprete para salas de AEE. Desta forma, os autores concluem propondo que medidas eficazes de inclusão efetiva de discentes surdos/as, em Tobias Barreto, são a formação docente em nível pedagógico e científico e a articulação entre estado, escola e família.

Já o artigo de Santos e Morales (2020), intitulado *Sala de recursos multifuncionais-surdez: lugar de aprendizagem, autoestima e interação*, procura fazer uma análise da inclusão de alunos/as surdos/as e do papel do professor intérprete de LIBRAS na Sala de Recursos Multifuncionais (SEM) de escolas públicas estaduais sergipanas. Do mesmo modo como o estudo anterior, em alguns momentos, os autores tratam da surdez como um fenômeno equivalente ou semelhante à deficiência auditiva. Por outro lado, positivamente, os autores defendem que o papel do professor ouvinte e do professor surdo, na função de intérpretes, na SRM – Surdez é o de estimular o conhecimento da cultura surda e trabalhar com atividades com imagens e teatro, valorizando aspectos visuais, tendo em vista a LIBRAS ser uma língua gesto-visual. Para eles, incluir efetivamente a pessoa surda na sala de aula é inseri-la de acordo com adaptações curriculares, inclusive, valorizando sua língua materna – a LIBRAS. Algumas propostas de atividades fundamentais e importantes podem ser pesquisas em grupos com alunos/as ouvintes e surdos/as, avaliações diferenciadas (considerando as especificidades da interferência da LIBRAS), etc. Daí ser impossível exigir que um/a discente surdo/a escreva com excelência um texto em língua portuguesa. Ao contrário, é preciso tratar essa pessoa com diferenciação e total cuidado.

De agora em diante, falaremos dos dois últimos trabalhos cuja metodologia compreendeu o estudo de campo. No artigo intitulado *Estudo de caso sobre o ensino-aprendizagem de química mediado em língua brasileira de sinais*, produzido por Silva e Costa (2020), encontramos o objetivo de investigar como ocorrem práticas pedagógicas e as formas de aprendizagem por alunos/as surdos/as no componente curricular de Química, numa escola da rede pública estadual de Aracaju/SE. Os sujeitos entrevistados pela pesquisa foram 14 alunos surdos do Ensino Médio e matriculados no AEE, o professor de Química e três tradutores-intérpretes de LIBRAS. Foram feitas entrevistas com questionários semiestruturados e análise desses dados. As conclusões do estudo foram três: i) os/as discentes surdos/as não dominam o português escrito e os livros paradidáticos utilizados estão todos em língua portuguesa; ii) os intérpretes de LIBRAS não possuem formação específica nessa área de atuação, dificultando o processo de ensino-aprendizagem; iii) a metodologia utilizada pelo professor de Química é totalmente voltada para discentes ouvintes, assim como ele não domina a LIBRAS e desconhece o papel do intérprete de LIBRAS. Com base nesse quadro complicado, os autores propõem que o ensino de Química possa usufruir do desfazimento das barreiras comunicacionais através do uso de aspectos visuais, materiais didáticos pedagógicos e/ou tecnológicos adaptados/especializados, bem como terminologias químicas da língua portuguesa traduzidas para a LIBRAS, aperfeiçoamento da formação docente, dentre outras questões.

O último artigo, intitulado *Sinais-termo de química orgânica em língua brasileira de sinais: intervenção na produção de sinais de funções oxigenadas*, escrito e publicado por Andrade, Costa e Silva (2020), é como

que uma tentativa de aplicabilidade das propostas do artigo anterior, visto que um dos autores deste último está presente em ambos os trabalhos. Por meio da pesquisa-ação, os autores/pesquisadores buscaram, junto a quatro informantes surdos, tradutores e intérpretes de LIBRAS, elaborar sinais para termos de funções oxigenadas não dicionarizados em LIBRAS, na sala de recursos multifuncional de uma escola estadual do município de Lagarto/SE. A conclusão do estudo feito pelos autores é a de que esse tipo de material produzido é importantíssimo para romper com as barreiras comunicacionais durante as aulas da disciplina de Química, como também para facilitar a construção do conhecimento científico por parte dos/as alunos/as surdos/as, promovendo a expansão lexical e a ampliação vocabular de sinais-termos.

Os seis artigos aqui selecionados e analisados realizam três tipos de procedimentos: a) reflexão teórica; b) sugestão de propostas pedagógicas; c) produção de atividades pedagógicas. Em sua maioria, discutem aspectos semelhantes àqueles já trazidos por nós na fundamentação teórica. Apesar dos equívocos trazidos de alguns teóricos (a exemplo da equivalência dos termos "surdez" e "deficiência auditiva"), são coerentes as visões sobre a inclusão, e respaldam a perspectiva de educação cultural da pessoa surda. Quanto às propostas pedagógicas, apresentam sugestões previsíveis, mas sempre bem-vindas na trajetória do processo de inclusão de discentes surdos/as na escola. Quanto à produção de atividades pedagógicas inclusivas, apenas o sexto e último artigo o faz, de modo contundente e bem contextualizado, procurando atender às necessidades educacionais dos/as alunos/as surdos/as.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar um estudo bibliográfico sobre a inclusão da comunidade surda na área da educação é muito importante, no entanto, muita produção acadêmica é o que não falta tanto em meio impresso quanto em meio digital. Daí a relevância deste estudo, qual seja, a de, além de revisar teorias, buscar também alicerce em trabalhos recentemente publicados por autores sergipanos, e muitos deles discorrendo sobre o contexto sergipano. Além disso, o ganho teórico-analítico deste estudo consistiu, de modo geral, em integrar a discussão de artigos puramente teóricos à reflexão de outros teórico-metodológicos.

Durante o percurso deste artigo, vimos que, apesar de alguns avanços legais e educacionais, o processo de inclusão da pessoa surda no contexto escolar ainda é uma realidade difícil. De um lado, teorias e leis prescrevem uma inclusão efetiva do sujeito surdo na escola, quer no sentido da diversidade (considerando-o diferente e inferior em relação ao sujeito ouvinte), quer no sentido da diferença (tomando-o como diferente e igual quanto às mesmas condições humanas e sociais do sujeito ouvinte). Embora a pessoa surda necessite de atendimento educacional especializado ou de cuidados específicos no contexto escolar e social, ela não deve ser encarada como alguém anormal ou deficiente, mas tratada de acordo com suas singularidades linguísticas, biológicas, culturais e históricas, valorizando suas origens.

Diante dos resultados e das discussões realizadas aqui, percebemos o quanto ainda é escassa a quantidade de elaboração de atividades pedagógicas de inclusão da pessoa surda no contexto escolar sergipano, tanto pela grande maioria de trabalhos puramente teóricos encontrados, quanto pela pequena leva de trabalhos recentes relatando práticas efetivamente realizadas. De todo modo, a satisfação maior é a de saber que, pelo menos nesse recorte temporal, os trabalhos têm desenvolvido ideias predominantemente adequadas quanto à

perspectiva da inclusão e da educação cultural da comunidade surda. Mas muito ainda merece ser refletido e feito. Que outros trabalhos assim o façam futuramente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. W. S.; COSTA, E. S.; SILVA, E. L. Sinais-termo de química orgânica em língua brasileira de sinais: intervenção na produção de sinais de funções oxigenadas. **Revista Debates em Ensino de Química**, v. 6, n. 1, p. 202-219, 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei nº 10.098, de 23 de março de 1994**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10098.pdf. Acesso em: 25 fev. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Secretaria de Educação Especial, MEC/SEESP, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007.

CAMPOS, M. L. I. L. Educação inclusiva para surdos e as políticas vigentes. *In*: GÓES, A. M. *et al*. (Org.). **Língua brasileira de sinais - Libras:** uma introdução. São Carlos: UFSCar, 2011. p. 29-50. (Coleção UAB - UFSCar - Pedagogia).

DUSCHATZKY, S.; SKLIAR, C. Os nomes dos outros: reflexões sobre os usos escolares da diversidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 65, n. 2., 2000.

GOES, A.; CAMPOS, M. L. I. L. Aspectos da gramática da língua brasileira de sinais. *In*: GOES, A. M. *et al*. (Org.). **Língua brasileira de sinais - Libras:** uma introdução. São Carlos: UFSCar, 2011. p. 65-80. (Coleção UAB - UFSCar - Pedagogia).

OLIVEIRA, A. A.; BARBOSA, M. G. S. Contribuições da linguística aplicada para o ensino de português para surdos. **Caderno Seminal Digital**, n. 36, v. 6, jul./dez., 2020, p. 224-252.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Universidade FEVALE, 2013.

SANTOS JUNIOR, A. C.; ALVES, W. S.; FEITOSA, M. O. A inclusão de alunos surdos na rede regular de ensino: desafios e possibilidades na prática docente. *In:* XIV COLÓQUIO INTERNACIONAL "EDUCAÇÃO

E CONTEMPORANEIDADE", 24 a 25 de setembro de 2020, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2020. **Anais EDUCON**, v. 14, n. 2, p. 1-14, set. 2020. Disponível em: https://www.coloquioeducon.com/.

SANTOS, M. S.; MORALES, S. D. C. Sala de recursos multifuncionais-surdez: lugar de aprendizagem, autoestima e interação. **Braz. J. of. Develop.**, Curitiba, v. 6, n. 7, p. 43024-43037, jul. 2020.

SILVA, B. S.; COSTA, E. S. Estudo de caso sobre o ensino-aprendizagem de Química mediado em Língua Brasileira de Sinais. **Revista Debates em Ensino de Química**, v. 6, n. 1, p. 185-201, 2020.

SILVA, L. S.; BARBOSA, J. S. L.; OLIVEIRA, J. A. A LIBRAS no processo da aquisição da língua portuguesa. *In:* XIV COLÓQUIO INTERNACIONAL "EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE", 24 a 25 de setembro de 2020, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2020. **Anais EDUCON**, v. 14, n. 2, p. 1-18, set. 2020. Disponível em: https://www.coloquioeducon.com/.

Nossos Colunistas

Desde Buenos Aires

ARACELI OTAMENDI

Juan, el pescador de estrellas

Dicen que Juan era un niño pescador de estrellas. Vivía en un pueblo lejano, cerca del mar azul donde había diminutas casas blancas. Salía con su pequeño barco a pescar a primera hora de la mañana, casi siempre volvía con un montón de estrellas que brillaban. Muchas veces la gente se preguntaba cómo hacía, cómo pescaba estrellas en lugar de peces y la respuesta era simple: navego hasta que se hace de noche, espero quieto hasta que aparece el primer reflejo, entonces tiro la red al mar y las pesco. Las traía en un cántaro. Pero solamente le ocurría a él. Otros pescadores volvían al pueblo con una gran carga de pescados. Mientras navegaba a Juan le gustaba acordarse de algunas historias como las de la nieve y las mariposas por ejemplo. Era raro encontrar mariposas volando en lugares nevados, era raro y sin embargo era una linda historia que le había contado su abuelo. Así pasaba el día Juan, en el mar y pensando en historias que le habían contado y otras que inventaba. Pero un día en su casa no había nada para comer, los alimentos se habían terminado y Juan salió decidido a pescar un gran pez. Se echó a navegar, el mar estaba bravo, picado, las olas se levantaban metros y Juan tenía hambre. Entonces lo vio, vio al pez enorme que saltaba cerca del barco y tiró la red. La red se desvaneció en el mar y Juan tiró de ella: tuvo que hacer mucha fuerza para traerlo al barco. Luchó y luchó forcejeando hasta que el pez se dio por vencido. Con todas sus fuerzas lo subió al barco. El pez movía un poco las aletas, después se quedó quieto. A Juan no le gustaba mucho el olor de los pescados muertos pero tenía hambre, ahora sí iba a comer. Emprendió el regreso. Volvía al pueblo con un pez enorme, pero no había estrellas en

el barco. El viento soplaba en dirección a la costa y lo ayudó a volver. Cansado, casi sin fuerzas llegó a la playa. Tuvo que arrastrar el barco unos metros por la arena. Era una playa ancha de arenas blancas, muy limpias. La aldea parecía vacía a esa hora, los demás pescadores no habían vuelto. Entonces Juan bajó el pescado y lo arrastró hasta la casa. Lo dejó en una pileta y se tiró en la cama. Comería después. Estaba exhausto. La casa estaba a oscuras esa noche, no había luz eléctrica. Dejó un cántaro con agua de mar en la ventana y cerró los ojos durante un momento. En el cielo oscuro casi negro había algunas estrellas. La oscuridad no duró mucho, luces insistentes lo despertaron. Juan admiró su descubrimiento: las estrellas estaban ahora ahí en el cántaro.

© Araceli Otamendi

Ciudad Autónoma de Buenos Aires

Astrolabio

Márcia Batista Ramos

Reflexión de Diciembre

En diciembre la vida palpita en otra escala, no es como agosto o marzo, es muy distinta… Es más afanosa y envolvente.

Diciembre siempre llega con una personalidad más fuerte, cautivante. Cargado de alegrías y dolores como ningún otro mes del año.

Diciembre tiene otro tono. Diciembre tiene otra alma. Es como un viejo que viene cargado. Viene cargado de recuerdos. Y nadie puede escaparse. Además, no hay a donde huir.

Es el mes donde abunda la propaganda insensible, con estereotipos importados que hieren el alma de las personas normales.

Es el mes en que las frustraciones aumentan, porque en todos los días de diciembre se escucha y se ve imágenes idealizadas que no corresponden al ser humano promedio.

Porque el ser humano promedio no tiene chimenea en la sala, ni nieve en el jardín. Tampoco espera a papá Noel.

El ser humano promedio es el ciudadano que puebla el mundo deseoso de pan y paz, pero, son los gobernantes los que deciden su muerte o vida.

Es el habitante del mundo que tiene esperanzas que las cosas mejoren en el próximo año; que terminen: las sequías, el hambre y las guerras.

Es el hombre o mujer que trabaja siempre y cree en Dios y en su Justicia, porque las leyes y los hombres ya le fallaron muchas veces.

Es el hombre o mujer que tuvo que enterrar al hijo y vive acompañado por el dolor y el recuerdo que le carcomen el alma. Pero, silente y triste, él sigue adelante empujando la propia vida.

Ese es el ser humano promedio, él que vive la verdadera nostalgia de diciembre.

La nostalgia que invade con tantas luces artificiales que recuerdan antaño cuando las luciérnagas alumbraban en el bosque.

Además, recuerda el tiempo mal aprovechado. Las peleas innecesarias. Los proyectos no realizados. Las muchas frustraciones que se acumularon en el último año; en los últimos tiempos, en toda la vida… Porque son luces tristes sin savia en su brillo multicolor.

Entonces, la nostalgia de diciembre, invariablemente brota en una lágrima que se pierde en la intermitencia de lucecitas multicolores por doquiera que vaya el ciudadano promedio.

En diciembre los deseos se confunden entre lo que realmente las personas quieren y lo que el mercado de consumo impone.

Es cuando los protagonistas de la farándula, en su insensibilidad derrochan fortunas en superfluos que humillan a los seres humanos hambrientos o enfermos.

Es el mes que tiene siempre las mismas canciones que inducen a comprar y compartir aun cuando los seres queridos ya se fueron.

El mes que relaciona amor con regalos, no con sentimiento.

Diciembre es el mes de los recuerdos. También de los abrazos.

El mes del nudo en la garganta por tantos sentimientos mezclados.

Es el mes de la nostalgia de lo bueno que se fue.

Así es diciembre, el mes en que se debería recordar el nacimiento de Jesús, el Cristo Salvador.

El verdadero Avatar. El que vino a enseñar que todos los días son días buenos para dar las gracias por la salud y la vida que se tiene.

Que todos los días son buenos para decir que se ama.

Que todos los días son buenos para empezar otra vez.

Que cualquier día es bueno para perdonar.

Él que enseño a compartir él pan. A amar al prójimo y a vivir sin envidia ni codicia.

Jesús, el que nació en un diciembre para traer el mensaje de que la paz está en el espíritu. Y que la fuerza capaz de transformar el mundo está en los corazones.

Entonces, cada diciembre debería ser la conmemoración del nacimiento de todo lo bueno que existe en el espíritu. Con profundo amor Crístico, sin falsedades miramientos o gastos con objetos fríos que no llegan a los corazones. Sin necesidad de propagandas consumistas o luces artificiales.

Por lo que debería ser… Por lo que es… Diciembre es un mes en que siempre la vida palpita en otra escala.

Casinha de Sapê

Rosa Regis

A SORTE DO SAPO

Aquele sapo teve a grande sorte de encontrar em seu caminho de dores alguém daquela estirpe.
Aconteceu num dia em que estávamos, eu e a minha amiga de infância um pouco mais velha do que eu, a Angelina, brincando de "casinha" e encontramos, por acaso, um sapo dentro de um barreiro (um buraco de onde se tirara barro para serviços de alvenaria da casa onde ela morava, que era a casa dos seus avós maternos, eu imagino, já que a terra em volta era dos mesmos). O sapo estava muito doente. Alguém havia jogado água de sal em seu lombo e ele estava coberto de bichos (tapurus) que lhe foram depositados pelas moscas e que lhe roíam as carnes, apodrecidas pelo efeito do sal, pouco a pouco.
Ao ver aquilo, Angelina não contou estórias! pegou o sapo e o levou para casa, escondendo-o da sua mãe que poderia ter sido a própria autora daquela maldade, e cuidou do bicho até vê-lo são.
Esse foi o maior exemplo de bondade que eu presenciei até hoje. E foi praticado por uma menina considerada má por toda a vizinhança, por ser a mesma, segundo eles, muito levada e muito malcriada. É que algumas

pessoas costumam julgar outras sem conhecer a verdade de cada um. Angelina era uma menina inteligente e sensível. Além de um coração de anjo, o que já foi demonstrado acima, ela tinha uma capacidade de aprendizado e um capricho especial quando fazia qualquer coisa. Quando brincávamos de bonecas, por exemplo, era ela quem costurava as roupas das suas e das minhas. Fazia vestidos perfeitos. Bem costurados (à mão) e sempre acompanhando a moda. Lembro de um modelo de época que ela fez para uma das minhas bruxas de pano: um "mil-e-uma noites" - o godê (saia rodada sem costuras) com um babado pregado na mesma e enfeitado com um debrum enviesado e largo que acabava com um laço bem-feito do lado esquerdo. Era lindo!
- Bons tempos, Angelina! Deus te dê tudo com que sempre sonhastes.

RELÓGIO DE PAREDE

Rosângela Trajano

Era uma vez um menino que morava num sítio bem distante da cidade grande. No sítio do menino tinha muitas árvores frutíferas, rios, cachoeiras, pedras e muitos animais que ele todos os dias tinha como cuidado colocar comida e água. Era só o que fazia na sua vida de menino fraquinho e tímido do interior, além de receber aulas da professora Dorinha.

O menino estava aprendendo a ler e a escrever. E naquele Natal a professora Dorinha o incentivou a escrever uma cartinha para o Papai Noel. Peça o que você quiser que ele trará, disse a professora Dorinha toda empolgada. Parecia que até era como ela dizia. Só pedir e o Papai Noel atenderia. O menino sabia que o Papai Noel tinha muitas crianças para ajudar e que o seu pedido era quase impossível ele realizar. Não queria contar para ninguém o seu pedido e por isso escreveu a sua cartinha escondido da professora Dorinha que curiosa pediu para lê-la e corrigi-la, mas ele bateu o pé e disse que não.

Sob a ameaça do Papai Noel não atender o pedido de carta de menino que escreve errado como assim dizia a professora Dorinha morrendo de curiosidade para saber o que o menino tinha pedido ele escondeu a sua cartinha embaixo do colchão da cama e foi tomar as suas outras lições.

O dia passou rápido e o Natal foi chegando devagarzinho. Depois que a professora Dorinha foi embora, o menino leu e releu a sua cartinha umas mil vezes para descobrir se não tinha erros, pois estava preocupado do Papai Noel não gostar nada dele escrever errado. Ficou a se perguntar se Papai Noel gostaria de ler um milhão de vezes a palavra "milagre". E também se a tinha escrito corretamente. Tinha dúvida se pronunciava "milacre" ou "milagre". Além do mais, o pedido que ele fizera era coisa muito difícil de um Papai Noel mesmo com poderes incríveis atender. Teria que ter muita sorte mesmo. Mas, como Papai Noel é o velhinho barbudo, vestido de vermelho que realiza tudo o menino ficou feliz e pendurou a sua cartinha na janela da sua casa.

Houve festa no sítio naquele Natal bonito de novo. E já passava da meia-noite quando se ouviu um barulho no quintal. Todos correram para ver o que acontecia. Por incrível que pareça era a vaquinha Tutu correndo atrás de Papai Noel que caiu no chão e teve os presentes das outras crianças todos espalhados. O menino ficou preocupado e correu para ajudá-lo. Pensou que Papai Noel estivesse com raiva de tudo aquilo, mas o bom velhinho sorriu para ele e disse

– Já aconteceu de tudo comigo nas noites de Natal, mas uma vaca correr atrás de mim esta é a primeira vez, garoto. Hô, hô, hô, hô! Feliz Natal! Chegue! Me ajude que preciso levar os presentes das demais crianças!

O menino ajudou o Papai Noel a colocar todos os presentes dentro do seu saco. A vaquinha Tutu rasgou uma boneca de pano e o bom velhinho lamentou, pois aquela era para uma menina muito especial. Para que ele não ficasse tristonho, o menino pediu que levasse um bezerro para a menina, podia escolher o bezerro que quisesse, disse o menino

– Hô, hô, hô, esta menina da boneca de pano mora no vigésimo segundo

andar, meu querido! Ela não tem como criar um bezerro! Dê-me outra coisa!

O menino então pensou e pensou. Não veio nada à sua cabecinha. Quando ficava tenso e preocupado não conseguia pensar em nada. Enquanto conversava com Papai Noel buscando uma solução para o caso da menina, a vaquinha Tutu aproveitou para mexer nos demais presentes que estavam dentro do saco do Papai Noel que parecia distraído com o menino e acabou rasgando e comendo todo o resto dos presentes. Quando viram aquilo, Papai Noel começou a chorar de tristeza e o menino sem saber o que fazer levantou as mãos para o céu e pediu ajuda a Deus.

Foi neste instante que uma estrelinha cadente veio viajando, entrou dentro do saco de Papai Noel e colocou milhares de brinquedos novos lá dentro os multiplicando de tamanho e de quantidade. Papai Noel e o menino viram tudo aquilo e ficaram parados sem saber o que dizer, só os olhos falavam por si. A estrelinha ainda desejou-lhes um feliz Natal e disse toda sorridente

– Agora vou me encontrar com o menino Jesus! Adeus!

A estrelinha voltou para o céu. O papai Noel todo feliz com os seus presentes novos subiu no seu trenó e também voou para os céus se despedindo do menino e da vaquinha Tutu

– No próximo Natal cuide de prender a sua vaquinha Tutu! Hô, hô, hô, hô… Feliz Natal, menininho!

O menino levou Tutu para dormir e depois correu para o seu quarto. Feliz da vida ao ver o seu presente em cima da cama riscado num pedaço de papel onde podia-se ler

“Amanhã você terá um doador de médula óssea à sua espera no hospital. Ele é um cara legal e mora do outro lado do mundo, mas virá só para lhe ajudar a se curar da leucemia. Feliz Natal! De Papai Noel”.

A gente não sabia no começo da história que o menino sofria de Leucemia. Isso porque tem coisas que a gente só conta quando é necessário. O menino era feliz mesmo sofrendo com a Leucemia e isso é o que importa. A felicidade e a esperança devem sempre ser mantidos nos nossos corações. Eu amo vocês! Feliz Natal!

Cartas

À moda antiga (39)

Remetente:Mdc santos

Destinatária:Morena Linda

Tranquilamente a noite vem chegando. Bateu-me uma saudade daqueles momentos em que eu te enviava a lua através de fotos noturnas e as vezes diurnas. Sim, pois ela toda majestosa, se fazia presente para nos enriquecer o versejar. Despertava sonhos e emoções nunca antes imaginados. A vista fazia com que caminhássemos serenamente avistando outras paisagens apenas com a força de nossa imaginação fértil. Fomos navegantes num estágio iniciante, adquirindo conhecimentos.

As águas de março lavavam tristezas, fazendo com que alegria junto com sorrisos fossem nosso foco. Viajamos, mergulhando em águas límpidas e profundas. Emergíamos plenos em potencial. Tudo lindo, transparente e perfeito!

Para finalizar essa carta onde as boas lembranças se fazem presentes, a cada despertar, faço suas minhas palavras:

"Todos os dias

Namoro o céu

Nem sempre

fotografo...

Apenas

namoro..."

Hoje até

tinha

uma

Lua

Sorrindo...

Ficou desfocada...

Mas ela sorria pra mim..."

A cada carta a ti endereçada percebo o quanto estamos em conexão profunda.

A ti e para mim luz harmoniosa em toda chegada sem haver despedida. Somos almas que se aquecem no calor das emoções.

Mdc santos

Contos

TRISTE REALIDADE DA VIDA

Hoje eu vi um velho. Tudo bem..., ver um velho é uma coisa comum, natural – no que concordo! Contudo, devo confessar que, hoje, fora diferente. Eu não apenas o vi, eu enxerguei aquele velho como se estivesse assistindo a um "*vídeo-tape*" do meu, do seu, do nosso atro futuro.

No seu trôpego andar – cansado e vacilante – lá ia, ele. Sua macilenta pele, carcomida e enrugada pelo inexorável tempo, seus rotos andrajos e as doenças que os sofridos anos fizeram acumular ao seu corpo, denotavam todo o descaso que a sociedade *(Sic!)* tem para com ele.

Minha mente voou a mil. Penetrei no imaginário *Túnel do Tempo* e nele retrocedi – embarcado nas *Asas das Minhas Elucubraç*ões e dos meus etéreos devaneios – em uma introspectiva viagem aos idos da minha infância querida.

Chego e desfaço-me das minhas Asas. Estou desta feita, na fazenda do meu amado Avô e – juntamente com outras crianças amigas – assentado de frente para ele, tenho a sensação de degustar a sua deliciosa imagem. O meu Avô (Benício era o seu nome!) era um idoso jovem, alegre, afável, querido e, por todos, adorado. Ele era, por assim dizer, o médico, o conselheiro e o curador de todos os males. Nas horas vagas – e, claro está, para o deleite nosso – era um exímio contador de maviosos casos – '*causos'* e histórias, como, agora, ele fazia.

Um gélido e gostoso argênteo luar a tudo iluminava. Uma crepitante e aconchegante fogueira a todos aquecia. Da boca do meu Velho querido brotavam pérolas em forma de palavras que eram absorvidas pela plateia ávida de curiosidade pelo desenrolar e desfecho da história. Eram, geralmente, causos de lobisomens, sacis, mula-sem-cabeça e fantasmas que nos deixavam arrepiados. Não faltavam, também, as histórias de *Reis, Rainhas, Príncipes e "Prencesas"*, como costumava dizer o meu amado Avô em seu modesto, porém, gostoso linguajar cheio de nuances e singelezas ímpares... singulares.

Os olhos do meu Velho Avô reluziam de emoção dando ênfase às narrativas. Os nossos, inebriados que eram pela pueril imaginação, faiscavam de emoção, medo e ansiedade por ver o ápice das histórias e fábulas narradas.

O meu Velho, assim como nós outros, era aquecido pela fogueira. Ele, todavia, estava mais aquecido que os demais: estava aquecido pelo carinho, amor, respeito e a admiração que as fogueiras dos nossos corações, para o dele, emanavam sob a forma de calor humano.

Balouço a cabeça. Dispo-me das *Asas das Minhas Elucubrações e Volvo ao Túnel do Tempo.* Tenho que voltar a um tempo ao qual não gostaria de retornar, por ser um tempo onde não há respeito, amor e carinho. Não há mais as fogueiras de solidários corações a emanarem o calor humano para os outros corações, principalmente para os dos mais velhos. Há, todavia – neste tempo de horrores – uma multidão com insensíveis pétreos corações. E isso – tristemente diga-se – está nos tornando menos pessoa, menos gente e, o que é bem pior: *Menos Seres Humanos!* Estamos vivendo uma era da robótica e em robôs estamos nos transformando. Somos insensíveis e modernas máquinas robóticas dominadas pelo escravagismo consumista de loucas tecnologias futurísticas de um futuro de incertezas, e de certezas dores– imagino!

Hoje, o velho nada mais é que um mero peso morto, um frio número *0800* para uma sociedade composta por jovens que nunca velhos serão – assim imaginam! Hoje, o velho é uma nova e, a cada dia mais sofisticada, televisão. E é ela quem nos conta os casos, porém não

nos conta os gostosos *'causos'* que inebriava-nos. Conta-nos histórias, todavia, sem a graça, a poesia e o gostoso lirismo das contadas pelo meu Velho Avô – Vovô Benício Barbosa Santiago, orgulho do eu, seu neto!

Ah, meu Velho Avô – quantas saudades! Sinto-as porque a luz que faz os nossos olhos cintilarem é diferente – não é a de uma fogueira. É uma luz fria como os homens – pior: gélida e sem vida! É uma luz de raios ultravioleta e gama, emanados pela enorme tela de imagens do televisor. Não é uma quente luz como a das fogueiras dos nossos singelos e puros corações de crianças que, outrora fomos e o aquecia nas gélidas noites de um argênteo luar.

Epílogo:

Desfaço-me das Asas das Minhas Elucubrações. Saio do Túnel do Tempo. Volto à brutal realidade da cotidiana e mesmíssima vida. Volvo o olhar e vejo o velho que me levou a divagar nas minhas pueris elucubrações.

E lá vai ele. Perdido e solitário em meio aos parvos formadores de uma multidão que o vê, mas não o enxerga. Nele todos se esbarram, mas não o sentem, como se fosse o velho passante um fantasma errante que traspassa – com sua forma volátil – os corpos daqueles que formavam a multidão, cega e insensível, em torno de si.

Vejo-o! E lá vai ele no seu trôpego e indefectível caminhar. Com suas míseras e rotas vestes, vai! Sem saber para onde ir – lá vai ele! Querer ir para algum lugar, queria. Mas ir para onde, se para donde ir, não tinha... não havia!

E – sem ter para onde ir – ele, lá vai a estiolar-se em meio à insciente multidão que não o sente, não o vê e não dá a devida importância ao seu sofrer – aos seus sofreres! À sua dor – às suas dores!...

E lá vai ele! Mesmo sem ter para donde ir – ele vai, vai!... Vai!... Infinitamente, vai!... Vai!...

********** **Altamiro da Cruz**

Antônio Souza

Advogado, Professor, Escritor e Poeta - Natural de Lábrea, Estado do Amazonas.

Pós-graduado pela Escola Superior da Magistratura do Estado do Amazonas - ESMAM e pela Escola Superior de Advocacia do Amazonas - ESA/OAB-AM. É Professor do Instituto de Aperfeiçoamento e Ensino Superior do Amazonas - IANSA - e do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas - CETAM.

É membro titular da Associação Brasileira de Escritores e Poetas Pan-Amazônicos - ABEPPA, e da Associação dos Escritores do Amazonas – ASSEAM

Boleros, uma dança uma paixão.

(Contos)

Por: Antônio Souza

Quem nunca dançou, provavelmente deixou de viver uma das facetas mais incríveis da vida, senão por dizer uma das mais fascinantes, delirantes ou como queiram adverbiar. Há controvérsias, imagino, mas não nesse mundo dos audazes carrapetas.

Já não estás mais ao meu lado coração...

Tai um dos clássicos que enlouquece qualquer dançarino é quase impossível

permanecer sentado numa mesa a quatro num salão frenético, sem sentir uma vontade louca de dançar; algo coça o que exatamente eu não sei; se é o solado dos pés a panturrilha ou as proximidades da virilha, é um fogo atroz que inquieta e avassala, macacos me mordam se eu estiver enganado... rsrsr, (lembrei de velhos filmes americanos...)

Quantos já não ficaram no meio do salão com suas lágrimas contidas de saudades pueris, de amores irresolvidos e nunca esquecidos, eu me pergunto quantos?! Por outro motivo qualquer pode ser também; hemos de concordar o bolero é uma loucura, talvez o ritmo de dança mais amado por todos que apreciam esse lindo lado do romantismo.

No momento que me alegro por nunca ter me profissionalizado na dança, também lamento não ter sequer aprendido mais um pouquinho, somente para saciar essa vontade de rodopiar um salão com uma mulher infernal.

Mas tudo bem, devaneio como sempre fui, se tivesse essa habilidade, nem eu próprio me suportaria, meus pecados a pagar estariam nessa e em todas as vidas que supostamente houvesse de ter.

Os mais antigos da cidade devem lembrar-se dos suntuosos salões que antes se tinham por aqui, alguns em alta sociedade e outros não menos festejados do baixo meretrício, tais como La hoje, Verônica, Piscina Club, Acapulco e o saudoso Xangri-lá, digo isso como simples apreciador visto que naquela época, ainda vestia calças curtas, em termos de experiência nesse mundo.

Como parte de meus compromissos como vendedor de cigarros e bebidas era frequentar esses locais e tentar otimizar a venda de bebidas quentes como assim eram chamadas, então eu promovia degustação, apelo junto aos garçons e por aí a fora. Eu gostava do que fazia, embora soubesse que é no vício que o diabo encontra os seus prediletos.

Você deve estar se perguntando nesse momento, mas por que eu estou lendo isso? É ou não é?! Calma eu lhe peço, continue... A prosa não é ao todo perdida, trata-se de um caso excepcional de amor maluco de um cara que eu

Antonio de Souza Filho
Advogado

Rua Vicente Schetinni, nº 59, Petrópolis – CEP. 69.067-450 - Manaus-AM.
Telefones: (92) 3611 3039 – 99975 4574 – 99329 2768 - E-mail: szafilhoadv@gmail.com

conheci e que depois se tornou meu amigo. E não se esqueça, o escritor é um romancista.
Pois muito bem, numa dessas casas eu visitava costumeiramente às sextas feiras, chegava aproximadamente as dez e saia quase sempre às duas da manhã. Ali eu conheci um garçom, já senhor, cabelos grisalhos, pele morena de rosto afilado devia ter uns cinquenta anos por aí e eu uns vinte e pouco. Ele tinha o gesto habitual de todos os outros, uma flanela na mão, uma caneta e um bloco de notas, salvo por um detalhe, vez ou outra se punha a pensar entrelaçando a caneta entre os dedos como se estivesse a vagar numa época que somente a ele pertencia e quase sempre no mesmo lugar.
Certa noite caia uma chuva fina, a casa ainda estava sem ninguém, eu me aproximei dele e fiz uma graça de início, falei-lhe: - Pensando na morte da bezerra meu amigo? Ele calmamente olhou pra mim, arrumou sutilmente o colarinho e com a mão esquerda segurou o queixo e me disse com um sorriso distante: - antes fosse, meu amigo, e repetiu: antes fosse, virou-se e seguiu rumo ao balcão. Aquilo me deixou intrigado, por conta da tristeza que eu vi no seu semblante. Em seguida outro garçom, colega dele chegou-se perto de mim e falou: - esqueça o Tonico, ele não conversa com ninguém. Eu assenti com a cabeça e fui cuidar das minhas coisas, mas percebi que o cara queria fofocar, então, andando pra lá e pra cá nos deparamos outra vez e eu lhe perguntei: - quer dizer que o cara é fechado mesmo?! Mas parece ser gente boa, não é mesmo?! Ele então parou pra conversar, com certeza se congratulando em poder soltar a língua o que me parecia estar coçando desde cedo e lardeou: - Sim, sem dúvidas o Tonico é gente boa, pense num cara legal?!
Aí quem instigou foi eu: - E qual é o problema dele, por que você disse que ele não conversa com ninguém?!
A chuva começou a engrossar e nos parecia que a noite seria um desastre de público, então ele puxou uma cadeira, sentou-se e disse pra mim: - senta aí; e prosseguiu: - tá vendo aquela penúltima mesa ali desta fileira?! Eu disse: - sim, ele continuou: - pois é, todas as sextas feiras ela tinha um dono, das onze até a festa acabar, era dele, na época que ele tinha uma graninha.
Estás vendo ele assim, mas esse cara dança pra caramba, ou dançava, ele

era o cara das kengas, toda mulher queria dançar com ele, boleros, principalmente; menos das onze as onze e trinta, nesse horário ele se dedicava a quem ele chamava de minha musa. Com ela e apenas com ela ele dançava; era um show a parte.

Era uma mulher linda, fascinante, ela não tinha o corpo sarado por academias, sua beleza feminina era da sua própria formação, tinha os cabelos longos próximos à cintura fina, era alta para os padrões regionais e uma simpatia exuberante, vestia-se sempre com roupas notadamente caras, porém discreta; custava crer que aquela mulher frequentava esse tipo de

Antonio de Souza Filho
Advogado

Rua Vicente Schetinni, nº 59, Petrópolis – CEP. 69.067-450 - Manaus-AM.
Telefones: (92) 3611 3039 – 99975 4574 – 99329 2768 - E-mail: szafilhoadv@gmail.com

ambiente. E continuou contando: - Mas ela tinha um dono que também só frequentava a casa nas sextas feiras. Ela chegava por primeiro e o esperava, quase sempre a meia noite via-se com clareza um Aero Willys preto parar a frente do salão, o motorista saia abria à porta Ele descia e Ela já estava ali sorrindo. Então se divertiam à vontade, porém dançavam pouco, as habilidades do cavalheiro eram limitadas, poucas horas depois eles partiam, sabe Deus pra onde.

E eu lhe perguntei: - e o Tonico? Ele respondeu: - Ele ficava ali tristonho na mesa esperando não sei o que, talvez um milagre deles brigarem e ele aproveitar-se do momento para socorrer a garota, mas isso nunca acontecia, o cara era um “gentleman”, o Tonico quase sempre ficava bêbado e dormia na mesa. Ele era um cara notável, físico de atleta, vestia-se sempre de roupa escura, às vezes preta, outras vezes azul marinho e raras noites vestia um bordouaux queimado, também usava um chapéu da época que deixava exposto sobre a mesa, fumava Minister e bebia prediletamente Martini rosé, tinha lá o seu charme.

E o que aconteceu depois?! - Eu lhe perguntei – ele respondeu: - Depois eles sumiram, tanto o Tonico como o casal da boemia, passou-se um bom tempo,

num belo dia ele voltou por aqui, já pedindo emprego de garçom, o patrão já o conhecia, conversaram horas em reservado e durante muito tempo a história dele ficou somente entre eles. Mas terminamos sabendo tudo que ocorreu com o Tonico.

Então eu mais que curioso perguntei: - e o que foi que aconteceu com ele?! Ele então ergueu os braços trançou os dedos e os pôs por trás do pescoço e me disse: - é uma história bonita e triste. Ele realmente se apaixonou pela moça, procurou-a e durante um bom tempo a namorou, mesmo ela ainda se encontrando com o cara rico. Casaram-se e ela terminou o romance secreto com o amante. Mas o homem rico não a esqueceu e também brigou por ela. Largou a família e ela fugiu com ele, não se sabe pra onde. Eu fiquei pensando.

Por fim eu o perguntei: - e de quem ela gostava?! Ele olhou pra mim, mexeu nos óculos, levantou-se e respondeu: - Talvez de nenhum dos dois. Foi atender um cliente que acabara de chegar e eu fiquei matutando: - aposto que ela ainda gosta do Tonico, senão sempre o lembra, nem que seja num momento em que ouve um Bolero. Será?!

Ya no estas mas a mi lado corazón
en el alma sólo tengo soledad
y si ya no puedo verte
por qué Dios me hizo quererte
para hacerme sufrir mas.

Antonio de Souza Filho
Advogado

Rua Vicente Schetinni, nº 59, Petrópolis – CEP. 69.067-450 - Manaus-AM.
Telefones: (92) 3611 3039 – 99975 4574 – 99329 2768 - E-mail: szafilhoadv@gmail.com

Página 14

Siempre fuiste la razón de mi existir
adorarte para mi fue religión
en tus besos yo encontraba

el calor que me brindaba
el amor y la pasión.
Es la historia de un amor
como no hay otro igual
que me hizo comprender
todo el bien, todo el mal
que le dio luz a mi vida
apagándola después
hay que vida tan obscura
sin tu amor no viviré.
(...)
História de um amor
(Luis Miguel)

Antônio Souza

UM FATO CURIOSO

Três horas da madrugada e como sempre a insônia me fazia companhia. O insistente tic-tac do relógio que não me deixava esquecer em nenhum instante que a noite estava passando e eu não conseguia dormir.

O sol em plenitude iluminava o outro lado do planeta e ainda restavam muitas horas de trevas até que ele retornasse para o lado de cá.

De repente o silêncio noturno foi quebrado pelo gorjeio de um pássaro.

Fiquei deveras intrigada. O que significa um passarinho cantando em plena madrugada?

Levantei-me e olhei pela fresta da janela, mas não consegui vê-lo.

Deite-me novamente e fiquei ouvindo aquela melodia tão agradável durante a luz do dia, mas àquela altura da noite... Da licença é hora de passarinho estar no sétimo sono...

Cheguei a desconfiar que o pássaro era sonâmbulo ou que sofria de síndrome de coruja, ou então levava a vida de boêmio...

O fato é que aquela serenata bem perto da minha janela permaneceu por mais de meia hora e não sei dizer qual de nós dois acabou dormindo primeiro.

BRYZZA

O tempo passou para todos

Os passos eram lentos, quase que se arrastando. Adauto, de 91 anos, 1,64m, 69 kg não poderia ter o vigor da juventude. Essa ele perdeu com o processo natural da vida. Mas sempre tinha uma cuidadora do seu lado. Segunda a sexta, uma caminhada de uns 2 km pelo calçadão da Beira Mar de Fortaleza. Ele morava na Rua: Ana Bilhar que cortava a Avenida Desembargador Moreira.

Assim descia por essa avenida que saia em frente ao mar. Dez anos antes, ele não precisava de cuidadora, caminhava, ainda pedalava e seguia até o Mercado dos Peixes no Bairro Mucuripe, 1,8km dali.

Mas atualmente, ele preferia andar pouco e conversar mais. Seu público-alvo eram os trabalhadores que tiravam seu sustento dali, com a vinda dos turistas. Fazia amizade com vendedores de passeios turísticos, com ambulantes de comida, com os feirantes, policiais e todos que lhe davam atenção.

Sempre tinha histórias para contar sobre seu passado. Mas em especial gostava de anedotas de Joãozinho e outras que trazia nas revistinhas que comprava nas bancas por R$ 1,99. Fez amizade com um senhor que ali pastorava os carros estacionados. Chegava com a conversa de sempre.

- *Hoje não está bom. Hoje está ótimo. Está tão bom que eu já penso que é amanhã.* Falava isso com um sorrisinho, que não fazia ainda muito sentindo para quem estava lhe conhecendo.

Mas Duílio era pobre, sem estudos e achava graça fácil. Gostava da conversa daquele senhor. Ganhava menos de um salário, com o trabalho de vigiar os carros.

- Seu Adauto, hoje tem uma daquelas piadas?

E assim eles se encontravam diariamente. Adauto lembrava dos tempos em que jogava futebol, fazia natação, tênis, basquete, praticava diferentes tipos de esporte. Se vangloriava de conquistar as jovenzinhas que se encantavam com seu corpo atlético. Eram corridas diárias de 20 km, isso quando ele tinha 18 anos. Esse período ele servia a marinha. E teve que viajar para o Rio de Janeiro, pelo mar.

Ao desembarcar no Porto de Niterói ficou encantado com a cidade maravilhosa. Logo foi a Copacabana ver a praia. Queria saber qual a diferença e qual a semelhança com sua cidade de origem. Percebeu logo uma orla marítima era cheia de prédios. Um calçadão miúdo e uma faixa de areia curta de frente para o mar. Enquanto em Fortaleza a praia era cheia de casas de veraneios e de pescadores.

Juntou-se aos amigos de serviço e foram ao Cine Odeon, ver o filme em cartaz: Almas em Chamas. A película justamente era sobre o serviço militar. O que mais encantou Adauto e ele contava isso sempre as pessoas quando conversava atualmente, na Beira Mar de Fortaleza, era sobre a Copa de 1950.

Duílio se perguntava empolgado ao senhor Adauto:

- O senhor está vendo a Copa do Mundo, me diga a opinião sobre Neymar?

O velho irritado logo soltava umas farpas contra o jogador brasileiro, o chamando de cai-cai.

- Eu não gosto de futebol, rapaz, o Brasil depende de um homem que só vive se quebrando. Nos tempos que eu via o jogo, era no Maracanã para mais de 200 mil pessoas. Uns ficavam de frente para o campo, outros ficavam de lado, era tanta gente, ninguém conseguia ver direito e o pescoço ficava duro.

Adauto sempre contava a mesma história todos os dias. Sobre a favorita em 1950, ser a Inglaterra, e nos amistosos no Rio de Janeiro venceu os times cariocas todos. Mas depois, perdeu para a Espanha de 1 x 0, o favoritismo mudou e o time a ser batido eram os espanhóis. Depois metemos 6 x 1 neles, antes tínhamos feito 7 x 1 na Suécia. A música cantada pela torcida foi as Touradas em Madri, do carnavalesco Braguinha. No fim todos sabem como foi a derrota dolorosa para o Uruguai.

Com 20 anos em 1952, Adauto estava concursado num Banco Federal. Ele tinha uma família com bons recursos financeiros e foi rapidamente conquistando etapas de estabilidade na vida. Se formou em economia, teve um aumento do ordenado. Casou-se e pode viver bem durante anos. Teve uma fase de muito dinheiro e muitas noitadas, regadas a cigarro, a bebida, a jogatinas, porém aos 41 anos viu que esse tipo de vida não lhe levaria longe e realmente ele tinha razão, pois 50 anos depois, ele estava ali dando seus passos entre tantos seres humanos de várias gerações.

Com 70 anos, Cordélio, teve uma vida cheia de altos e baixos. Era inteligente, gostava de ler, estudava e tirava notas boas na escola. Seu pai, dono de oficina mecânica era de classe média de Fortaleza. Mas na adolescência o jovem começou a entrar na vida do alcoolismo. E tomava muitos porres, amanhecia deitado nas calçadas com a cara no chão, os cachorros lambendo seu rosto. Outras vezes, ia ao bar e não tinha como pagar a conta e acabava dormindo na cadeia

E assim foi levando a vida. Se juntou com uma linda mulher, porém inocente. Pois ela via ele naquele estado de vida e mesmo assim resolveu enfrentar os obstáculos. A família tinha falado para ela não entrar nessa fria, mas ela insistiu. O casamento foi um desastre. O homem era raparigueiro. Trabalhava em um banco, na parte administrativa e chegava sexta à noite, enchia o carro de mulheres da vida e saia com os amigos, sem destino algum. Os filhos em casa chorando de fome. A mulher entupida em comprimidos para aguentar aquele sofrimento.

E assim Cordélio levou a vida, depois se juntou com outra mulher, teve mais filhos, arrumou amantes e foi deixando um legado de dor e sofrimento pelo caminho. Mas como uma lei cármica, ele também foi afundando junto, sem casa, sem carros, sem emprego, vivendo de trabalhos autônomos.

Já idoso e vivendo do BPC (Benefício de Prestação Continuada), pois trabalhou pouco de carteira assinada, tinha que trabalhar para complementar a renda, se não passava fome. E assim teve que colocar um estande para vender quadros de artistas que lhe pagavam uma comissão para revender suas obras. E nesse lugar no calçadão da Beira Mar de Fortaleza, nas proximidades da Feirinha de Artesanato, ele conheceu, seu Adauto.

No começo uma amizade reconfortante, mas com o passar do tempo, Cordélio, se cansou de ouvir sempre as mesmas estórias e por ser um idoso, não queria ficar vivendo das mesmas conversas que ele achava coisa de velho, preferia conversar com os mais jovens. Talvez a tortura de ouvir um homem que conseguiu vencer os vícios e deu certo financeiramente na vida, o fizesse sofrer.

Eram três personagens da vida. Um guardador de carros, um aposentado do banco e outro um pobre velho sem recursos. Mas o mais sofrido deles era Cordélio. Ele se arrependia amargamente da vida que levou. Tinha um ditado que ele levava: ‘pra que guardar dinheiro se quando a gente morre não leva nada?’

Diferente dele, Adauto guardou, entesourou mesmo grande patrimônio, ajudou filhos e netos a se formarem se seguirem seu caminho. Ele se orgulhava de ser um homem bem-sucedido, que as vezes até passava dos

limites em suas palavras. Soltava para Cordélio que almoça rotineiramente num dos melhores restaurantes da cidade. Tinha carro com motorista particular, uma conta bancária bem gorda.

Duílio era sem maldade, vivia das gorjetas que ganhava. Não tinha grandes pretensões. Mas tinha grandes dificuldades financeiras e não conseguia sustentar a mulher e os três filhos de uma forma digna. Mas se mantinha firme na honestidade.

Uma vez, ele estava conversando com Cordélio e o senhor disse que Adauto era rico e fazia pouco das pessoas, falando todos os dias as mesmas besteiras.

- Um dia eu perco a paciência com aquele velho.

Mas Duílio defendeu seu amigo.

- Ele é um bom homem, lutou e fez por onde ter o que tem hoje.

Cordélio não achava dessa forma. Tinha uma ponta de inveja do nonagenário.

- Ele é um babaca, vive contando vantagens. Por que você o defende? Já lhe deu alguma coisa?

- Nem precisa eu trabalho e posso me manter.

Cordélio saiu dali decidido em acabar com aquela humilhação. Duílio saiu com um objetivo de provar sua honra.

Passou-se um fim de semana. Na segunda-feira, às 16h os três se encontraram no lugar de sempre. Em frente ao Interceptor Oceânico, popularmente conhecido como 'Chifre do Governador'. Uma obra feita pelo artista cearense Sérvulo Esmeraldo. Uma espécie de cano, preto e branco, que parece uma assinatura, em cima de um suporte. Para celebrar a conclusão das obras de saneamento da cidade.

Adauto parou ali ao lado e se sentou num banco de cimento. Ele trazia nas mãos um envelope. Duílio o avistou de longe e se aproximou para colocar os assuntos em dia.

Então o velhinho abriu o papel e tirou um bom volume de dinheiro e deu na mão do trabalhador, que veio as lágrimas, eles se abraçaram.

Depois ele fez um sinal para Cordélio que se aproximou. Antes de Adauto enfiar a mão novamente para pegar o restante do dinheiro, o homem aplicou uma rasteira no senhor e lhe derrubou.

Na queda a cabeça de Adauto veio se chocar com a ponta do banco de concreto, nem deu tempo de a cuidadora chegar, o sangue jorrava, o dinheiro voou pelos ares e Cordélio caiu em si, mas tarde demais.

Ainda tentou correr, mas a PM, o imobilizou e o levou para a viatura. Logo a multidão cercou o lugar, turistas, feirantes, moradores de rua, caminhantes. Estavam todos perplexos.

Aos 91 anos, seu Adauto veio a óbito, Cordélio foi preso e condenado a 27 anos de prisão. Duílio começou a usar os ensinamentos que aprendeu com o amigo e passou no vestibular para direito. Em poucos anos mudou de vida e progrediu.

Sobre o autor:

Carlos Emanuel B. Alves, p**seudônimo de** Dungacearense, nasceu em Fortaleza, em 1979, formou-se em Jornalismo em 2015, pela Unifanor (Devry), atualmente estuda Letras Português/ Inglês. Escreve no site Recanto das Letras. Tem livros online e ainda não publicados. Gosta de futebol, apaixonado por cinema e música. Tem hábitos de ler sempre. E adora escrever poemas, contos, crônicas, textos opinativos. Email: carlosemanuelceara@gmail.com,

Sabão de bola

Era um dia em 1946. A lavadeira Santinha estava no rio, lavando a roupa da sua patroa, dona Maria Joaquina. Enquanto batia a roupa na pedra lisa, os pensamentos batiam também. É que ela havia largado em casa, a algumas léguas dali uma penca de filhos, todos pequenos, aos cuidados da mais velha de 12 anos. E Salete estava naquela fase de sonhar acordada. Andava diferente desde o São João, no pequeno povoado de Vista Bonita. A mãe já tinha reparado… Espuma com sabão de bola, rio com sabor de calma, roupa com odor de curral e de suor, bate, bate, bate… Santinha tinha a força e o vigor dos seus vinte e tantos anos. Bate, bate, bate… De repente, o dia mudou de cor! Santinha percebeu nas águas do rio, que ficou turvo. Mas não havia nuvens de chumbo no céu para justificar a noite no meio do dia. Santinha parou o serviço, o pensamento buscou a filharada que devia estar estrebuchando de chorar… Saiu correndo para pedir licença à patroa para ir em casa acalmar seus pequenos. No casarão da patroa, os filhos estavam assustados também. O que seria isso no céu, onde a lua, em pleno dia, engolia o sol? Santinha correu muito e ao chegar na sua palhoça, o dia começava a ganhar cor de novo… Salete cantarolava baixinho e penteava os macios e pretos cabelos, mirando-se no pedaço de espelho pendurado na parede, enquanto a casinha estava de perna pro ar! Nem viu o eclipse total do sol acontecer nos céus daqueles rincões mineiros, no meio do nada…

(Inspirado na crônica baseada em fatos reais, no livro Olho de Gato, Rabo de Tatu, de Neneve Castro, minha mãe).

Cassia Caryne

Babel

Diogo Tadeu Silveira

Motoristas e motociclistas ficaram sem entender ao verem placas de proibido estacionar onde, até o dia anterior, o estacionamento era livre. Na manhã seguinte, eles se depararam com placas proibindo virar à direita e outras proibindo virar à esquerda em ruas onde antes não havia nenhuma conversão proibida. Um dia depois, foi a vez dos pedestres serem surpreendidos: faixas de travessia amanheceram apagadas com tinta preta.

Irritado, o Chefe da Comissão de Trânsito do Município afirmou que as modificações na sinalização foram realizadas sem autorização oficial e que o órgão adotaria as medidas cabíveis.

Na manhã seguinte à declaração do Chefe de Trânsito, algumas ruas amanheceram com placas proibindo virar, tanto à esquerda quanto à direita. Os condutores tinham que seguir em frente até encontrar um retorno, voltar e tentar um novo itinerário para chegar ao destino de sempre. No dia seguinte bem cedo, outra novidade: faixas de pedestres tinham sido pintadas de forma que ao chegar ao fim delas os pedestres se deparavam com árvores, postes ou lixeiras. Na manhã posterior, apareceram quebra-molas em subidas, enquanto quebra-molas em vias de alta velocidade tinham sido destruídos durante a noite.

Por meio de nota à imprensa, o Chefe de Trânsito manifestou indignação com as mudanças indevidas e revelou ter recebido uma denúncia anônima sobre o autor das adulterações.

Ao amanhecer, uma rua estava sinalizada com novas e estreitas vagas de estacionamento. O motorista, ao abrir a porta do carro para sair, batia a porta no carro estacionado ao lado. Além disso, vias de mão única tinham virado vias de mão dupla da noite para o dia. Em outra rua foram colocadas placas de sentido proibido no início e no fim, o que a tornou deserta.

Então, o Chefe de Trânsito veio a público, reiterou inconformismo e garantiu estar no encalço do engraçadinho que estava causando o caos no trânsito da cidade.

Tal alerta, porém, não surtiu efeito. A ousadia do infrator parecia não ter limites. Pois na manhã seguinte semáforos de um cruzamento amanheceram desligados, enquanto em outro cruzamento os semáforos tinham começado a funcionar da mesma forma simultaneamente: quando um sinal ficava verde, o outro também ficava verde. Num outro cruzamento surgiram placas de parada obrigatória nos quatro sentidos, de modo que os veículos ficavam parados, todos dando preferência para todos.

Após uma semana de confusão, acidentes e atropelamentos, o Chefe de Trânsito recebeu uma comunicação anônima. O informante dizia que tinha suspeita sobre a pessoa estava adulterando a sinalização, mas não podia revelar o nome porque ainda não tinha certeza. O Chefe agradeceu ao denunciante e, por via das dúvidas, não saiu de casa a partir daquela madrugada.

DEBY&LOIDY

Instintivamente, ele sempre parava no meio do caminho;
Ela ficava atirando pedras....

Erivaslucena

Miniconto

A fera

Todos os dias no caminho para a escola era sempre a mesma coisa. Eu precisava passar em frente àquele portão e ouvir rosnados enfurecidos e o arrastar de correntes.

Como o portão era feito com uma única chapa de ferro não dava para saber o que provocava àqueles barulhos assustadores, mas dava para imaginar que fosse uma enorme fera querendo pegar quem passasse por ali.

Era assustador quando eu lembrava que eu era única pessoa que passava naquele local. E eu sabia que se acontecesse alguma coisa comigo ninguém ia ficar sabendo. Eu não tinha alternativa. Esse era o meu destino...

Certa vez, ia pelo caminho de sempre, quando para a minha surpresa, o portão estava aberto. Pensei no meu fim. Nada eu poderia fazer contra aquela fera horrorosa. Que indecisão! Não sabia se corria ou ficava parada. Muitos pensamentos assustavam minha mente, mas eu precisava decidir e rápido.

Tomei a decisão de ficar parada, bem quietinha, quase sem respirar.

De repente, comecei ouvir o barulho das correntes e resolvi fechar os olhos para esperar a morte chegar. Senti, bem de pertinho, a respiração da fera e o barulho das correntes se aproximando cada vez mais.

Quando abri os olhos era um lindo cachorrinho, que apenas me cheirou e foi embora.

Ingrid Mohr

UMA ANEDOTA VERDADEIRA SOBRE PEIXE ELETRICO

Esbarrei numa beira de rio andando atoa,
vendo nele umas águas que nunca acaba,
sentei cansado debaixo de uma embaúba,
calculei: Por aqui deve ter muita piaba.

Me sai do nada um pescador meia pataca
dizendo ter uns peixes frescos para vender.
olhei uns lá e virei e pra ele desconfiado.
nada de traíra, piau ou lambari, só puraquê.

Aqui só trago peixe mais apurado na iguaria.
pescado medido e pesado de um jeito métrico.
portanto logo ali naquela baiazinha com água,
tenho de especial um esguio peixe elétrico.

A fama de mentiroso descarado de pescador,
me tirou só na hora a vontade de comprar,
dizem que tem pescador que só de mentira,
a barriga do sujeito de vazia pega a inchar.

Mas juntando interesse e o tutu que eu tinha,
falei: mostra ai o tal, pra mim é novidade,
É esse que eu vou levar já pra janta de hoje.
Vê se anda ligeiro que ainda vou pra cidade.

Embrulhou lá, um de bem uns dois quilos,
mais feio que urutau matado a bodoque,
num papel e pensei: to sendo embrulhado.

Pois ele tava vivinho mas não dava choque.

Cutuquei meio ressabiado e nada de carga

descarregado feito a bateria do meu fusca 62
falei esse não levo o peixeiro bravo retruca:
tu quer pra dar choque ou comer com arroz?

Pra comer mas quero ver o que levo ai,
ter peixe por lebre eu prefiro comer cuscuz,
com uma peixeira lhe abri a barriga e vi.
sem pagar e atrasadas, três contas de luz.

Escrito **Joao Claudio**, baseado numa anedota do amigo Betão

BREVE HISTÓRICO

Sou Maria Lefèvre, moro no Rio de Janeiro e sou formada em Letras, Português-Inglês, pela UFRJ. Andei ocupada, criando meus filhos e trabalhando como professora de inglês e tradutora, no Ministério da Aeronáutica, sem tempo para botar no papel o que me vinha à mente, mas, depois que me aposentei e que os filhos foram viver suas vidas, comecei a dar vazão a minhas inspirações e a escrever. Publico meus textos e poesias no site Recanto das Letras, sob o pseudônimo de Luna Mia. Já escrevi um livro, participei de coletâneas e antologias e sou colaboradora nesta prestigiosa revista.

Fé, Esperança e Amor

Natália foi ao shopping fazer as últimas compras da sua lista de Natal: presente para o amigo oculto em família, umas lembrancinhas que ainda faltavam, e um vestido novo para ir à festa da firma. Enquanto olhava as vitrines, recordava o Natal passado.

Conhecera Roberto no coquetel de confraternização da empresa, no fim do ano passado. Ele se aproximara dela, trazendo-lhe um drink. Apresentaram-se e ficaram conversando, ele jogando charme para ver se colava... e colou. Ele era, realmente, bonito e encantador, tanto que ela acabou aquela noite em seus braços, e em seus braços ficou por oito meses. Ele parecia perfeito: atraente, gentil, atencioso, inteligente, cavalheiro e, sobretudo, apaixonado. Mas numa noite em que não se encontraram, quando ele telefonou para ela, como de costume, pareceu-lhe meio agitado, como se estivesse com pressa de encerrar a conversa. Disse que tinha que ir buscar um documento no carro, só que não: simplesmente, na pressa, não desligou o telefone convencional de modo adequado, e Natália pôde escutar todo o papo que ele estava tendo com uma outra mulher, no celular. O que mais lhe doeu foi ouvir as frases muito familiares que ele dirigia a ela, frases que ela julgava tão suas... “Como você é gostosa! Você me excita demais, minha linda... Bota aquela lingerie sexy para eu ver... Tô morrendo de tesão...” De repente Natália ouviu um click, e o som foi cortado... a galinhagem acabara. Roberto se dera conta de que o telefone tinha ficado fora do gancho, mas não se preocupou porque nem lhe passou pela cabeça que Natália tivesse escutado algo. Aquela noite foi muito difícil para ela!

Teve que tomar um Rivotril para se acalmar e dormir, depois de muito chorar. Chegara a se beliscar para ter certeza de que não estava tendo um pesadelo, e de que aquilo tudo era real. No dia seguinte, já sem lágrimas, e tomada pela raiva, arrumou as coisas de Roberto numa sacola, tomou um banho, vestiu o seu tubinho preto justo e sensual que usava em ocasiões especiais, maquiou-se, perfumou-se, e ligou para ele dizendo que ouvira tudo, e que queria encontrá-lo imediatamente para terminar e entregar-lhe suas tralhas, não lhe dando margem para explicações descabidas. Quando o viu chegando ao local combinado, com uma enorme caixa de bombons da Kopenhagen, e um buquê de flores nas mãos, foi logo pedindo-lhe que a poupasse de desculpas esfarrapadas. Entregou-lhe a sacola, aceitou a caixa de bombons cereja (que seriam bem úteis para adoçar sua amargura) e as flores, que jogou na primeira lixeira que viu, ao sair.

De repente acordou daquele flashback, ao ver um vestido vermelho maravilhoso flertando com ela, da vitrine de uma loja. Entrou, experimentou-o (ficou divino!) e o levou para casa, já antecipando o sucesso que faria no coquetel… e fez mesmo! Pouco depois de ter chegado, uma amiga a apresentou a seu irmão, um rapaz lindo e sarado que foi buscar uma taça de champanhe para ela. Apesar de meio acanhado, o rapaz tinha um papo super interessante... a timidez dele lhe conferia um charme especial. Enquanto conversavam, Natália, meio indecisa, ficou pensando: “Já vi este filme antes... será que terá o mesmo final?” Lembrou-se, então, da mãe que vivia repetindo: “Quem não arrisca, não petisca”, e decidiu dar-se uma nova chance, afinal era época de Natal, e Natal é sobre Fé, Esperança e Amor, e deixou rolar...

Maria Lefèvre

Ouvindo Wham! - Last Christmas Legendado Tradução (George Michael)

https://youtu.be/w4-8nby81cM

Mariah Carey - All I Want for Christmas Is You (Tradução)

https://youtu.be/kDT72cC6aX8

Marisa Costa

...Completamente impuro...

Abracei meu corpo besuntado com óleo de canela, ainda confusa com o vendaval de sensações.
Eram ilusões, apenas...
Mas o devaneio de uma noite em segundos,
o cheiro, as palavras não abandonavam-me a mente.
Onde estava a razão?
Que importava!
Se aquele surto de emoções era tudo o que meus pensamentos queriam...

Até o amanhecer estavas ali,
rente a minha pele,
Beijos, sussurros e aquele cheiro de amor
entranhando-me a alma,
a solidão dos meus dias castos
escolhendo o caminho cegamente...
Saboreando
Deixando-me saborear
Alimentando minha fome
Desfazendo minha inocência...

Inútil tentativa, me repreender. Devaneios não me soltavam.
Abrindo as janelas para um brilho de ternura nos horizontes, tomei um banho, soltei os cabelos.
E, instinto, sei lá o quê, vesti a mesma camisa branca do sonho.

Saía para a rua.
Ao que abrir a porta do carro, vi, quase que instantaneamente, parado no portão, tu, moço moreno.
Braços fortes, sorriso sedutor e, completamente impuro...
Me aproximei.
Num primeiro impulso desejei deslizar os dedos pelo seu antebraço, mas, rendi-me a um beijo intenso, molhado...
Ilusão? Sei não...

Marisa Costa

All For Love -Michael Bolton
https://www.youtube.com/watch?v=8CPGRGlqDh8

Persistente Amor...

Agora só lhe restava respirar e esperar...

Ainda lembrava do seu desespero a procurá-la no meio de tantos a dançar naquela balada. A danceteria estava cheia, como era comum nas sextas-feiras. Tinham ficado juntos certa vez, mas agora parecia que o ignorava. Por isso, quando a viu dançando sozinha, aproximou-se e tentou iniciar uma conversa, mas ela quase não o notou. Afastou-se meio sem graça e começou a mexer no celular, mas sempre acompanhando a sua dança solitária. O olhar se dividia entre o que via na tela e ela a dançar num ritmo diferente dos sons tocados, como se estivesse noutro lugar.

A decoração do ambiente, forrado com papeis de parede num tema marinho, o levava a recordar dos momentos de amor que viveram certo dia na praia. Gostava do local porque lembrava daquele dia. Lembrava dela. E numa das furtivas olhadas na sua direção, ele a viu dançando com uma garota no meio dos flashes e piscar das luzes coloridas. Tranquilizou-se imaginando-a com uma amiga e continuou a rolar a tela do telefone. E eis que numa das olhadelas, notou que a dança entre as duas estava cada vez mais próxima e ficou apreensivo. Os flashes dos holofotes na pista de dança só permitiam que ele visse alguns segundos do que faziam, mas conseguiu perceber que agora havia muita intimidade, com conversas ao ouvido, mãos nos cabelos e lábios próximos. Num pequeno instante em que se distraiu com uma mensagem e deixou de acompanhá-la, elas sumiram. Se odiou por tê-la deixado escapar e saiu a procurar como louco.

Percorreu todos os espaços do lugar e a cada vez que os holofotes iluminavam o papel de parede, ele lembrava dos dois entrelaçados na areia num tórrido momento de amor ao quebrar das ondas num pôr-do-sol. As lembranças pipocavam junto aos flashes de luz. Ora se via na pista, ora na praia, e sofreu ao imaginar que seus sonhos poderiam acabar como as bolhas formadas por luzes que estouravam no teto. Pensou no beijo entre elas, sentiu-se mal. Já não sabia se o encontro a beira-mar tinha mesmo acontecido ou se era apenas seu desejo imaginado. Os flashes, a música, o beijo e a confusão mental o deixaram zonzo, mas seu pensamento ainda estava nela. Recompôs-se, voltou à busca, e com o peito cheio de dor e o coração a bater em ritmo descompassado ele se perguntava onde estaria a sua garota e por que o tinha magoado tanto. Estava muito apaixonado e não aceitava a possibilidade de perdê-la.

Resolveu olhar no lado de fora. Ao sair, nem percebeu ter esbarrado na menina que dançava com ela, tão atônito se encontrava, bem como não saberia dizer o tempo levado na busca e nem mesmo lembrar se havia deixado de olhar em algum lugar. Voltou para a danceteria e já estava prestes a desistir quando a avistou semideitada num dos bancos próximos ao bar. Fechou os olhos e suspirou aliviado. Aproximou-se timidamente, sentou ao seu lado e perguntou se estava tudo bem. Ela apenas assentiu com um breve sorriso e, em silêncio, ele permaneceu ali, a contemplá-la, pensando na areia e no barulho das ondas, enquanto os flashes de várias cores pipocavam e iluminavam o mar das paredes.

Agora só lhe restava respirar e esperar...

Marise Castro

21/06/2020

MINIBIOGRAFIA

Simplesmente **Martha Maria Maia de Almeida Moreira,** conhecida como Dra.Martha, mora atualmente em Macapá/AP.

Tem uma família maravilhosa: o marido José Ariousy Moreira; três filhos: Roberta, Ricardo e Tatielly; e dois netos: Marco Antônio e Arthur.

A autora é seu esposo são formados em Odontologia. Martha possui especialização em Radiologia Odontológica, entre outros cursos na área Odontológica.

Trabalho publicado: Antologia Chá das Cinco. Editora Recanto das Letras. - Ano 2021

Antologia SONHOS impressos. Editora Becalete. - Ano 2022

Escrever é a arte que estava adormecida em sua alma e aflorou com muito esmero.

Maiores incentivadores são seu pai, Osmar Sampaio de Almeida e marido, José Ariousy Moreira.

SORRIA !!!

"CONTO"

Hoje a tristeza bateu, pois minha vontade era de estar com você.

Porém, desinibição me sinto traída e sofrida por um amor que não foi ardente.

Mas, vida segue igual rio e hei de lhe encontrar lá na frente.

Realmente, ele se deu mal com seus galanteios baratos e o feitiço virou contra o próprio.

Muito sofrido, tenta conversar e acerta algo que ficou para trás e enterrado.

A vida seguiu e ela hoje não sente mais nada por ele, porquanto a moça continua linda e amada, depois de ter passado por vários episódios.

Maria hoje vive e sua tristeza acabou com um novo amor e constituiu família.

Na verdade, os nossos planos quando dão errado é porque Deus tem o melhor lá na frente.

Sorria mesmo nas adversidades há anjos nos protegendo sempre e fica a lição.

☆Marthamaria Moreira☆

Traição

Sabe amiga, todas essas pessoas que falam ou falaram de você, elas não têm vida, não tem razão, não tem coração, são eternos espíritos que não evoluirão, que com sua invejável e indesejável vida, sentem necessidade de escapar de seus sonho, de seus planos.

Sabe amiga, sua realidade que parecia ser sua melhor amiga, traiu você, e longe da precisão das rotinas fabricadas, nas idealidades fabricadas na deprimente historia, no silêncio que bateu no seu coração, como se fosse uma facada, mataram sua rotina; pensou em fugir, urgir querendo mais que tudo a esperança do momento querido. Sabe amiga, essas pessoas deturparam a nossa afeição, pensaram coisas de você, logo você que pensava mudar sua vida, viver outra ficção.

Essas pessoas quiseram jogar pedras em você, talvez pensando que fosse Maria Madalena, pedras essas que fariam doer até sua alma já ferida com a traição dos incrédulos que te julgavam.

Sabe amiga, somos o que somos já esses traidores da injusta causa, jamais serão o que somos; elas talvez sejam criaturas sem nada, sem cor, sem luz, sem dor, sem pudor, seres inferiores vindos do umbral perdido em outra dimensão; e você forte como é, será aquele ser superior que salva e dá vida a todas as coisas Sabe amiga, digo talvez como um único e ultimo amigo, você vencerá essa guerra, mesmo tendo que mudar sua rotina de desejos e sonhos que estarão fora de sua realidade.

Walter Cintra de Souza Lima

(TCintra)

Crônicas

Nascimento de Jesus

Estamos vivendo os dias que antecedem o Natal. O Advento, a Vinda, o Nascimento do Salvador.

Equivocado está quem pensa que o Natal é apenas uma data em que se comemora com presentes, uma mesa bem decorada e farta de salgados, saladas, carnes, doces, frutas, bebidas... Nada contra isso. Afinal, em família, com os amigos ou mesmo sozinhos, apreciamos uma boa comida, caprichada, um doce gostoso, frutas saborosas, mas Natal não é apenas isso. Celebramos no Natal, o nascimento de Jesus, e refazemos nossas reflexões e atitudes em relação a nós mesmos, aos outros, à própria vida. Tudo isso em termos de amor, respeito, bondade, compreensão, amizade, compaixão, enfim, um balanço de como temos vivido nossa vida. A paz gera alegria. Por sua vez, traz harmonia. Há uma música natalina lindíssima, chamada « Jesus, alegria dos homens «. Vou citar o conjunto Roupa Nova, com a letra de sua música « NATAL todo dia».

« O melhor presente é sempre o amor «.

« Se a gente é capaz de espalhar alegria

Se a gente é capaz de toda essa magia

Eu tenho certeza que a gente podia

Fazer com que fosse Natal todo dia «.

Chegando quase ao final deste ano, parabenizo a todos nós que fomos corajosos, cuidadosos, resilientes... acreditando na Ciência.

Aguardemos um 2023 próspero, mais humano, conciliador, valorizando a vida, a saúde, o bem de todos os seres.

“ Que seja feliz quem

Souber o que é o bem”.

Assma Gabriela

Santos, 19 de dezembro de 2022.

Sentimentos contraditórios

Não apresse o rio, ele corre sozinho. Quantas vezes, deparamo-nos com pessoas com o estigma de coitado, perseguido, Jesus Cristo pregado na cruz e oprimido pelo sistema? E o que fazer? Cuidado! A verdade é ambígua, e a imparcialidade é uma característica justa. Não se deixe contaminar pelas aparências, elas roubam de você a beleza da sabedoria. A racionalidade é um traço humano, não um mero instinto animal que faz-nos comportar de acordo com os desejos e interesses pessoais. Ouvir o outro é importante, mas julgar a situação como juiz e tomar um lado, sem ouvir as partes, aplicando a sentença do achismo, é fechar os olhos para a verdade. E, quem tem a verdade? Todos, de alguma forma, pois tudo é relativo, nada em si é determinístico. Entretanto, há pessoas que se transformam em sociopatas, uma espécie de condição mental que é caracterizado pelo desrespeito e desprezo às normas e aos sentimentos do outro. Esses indivíduos são inteligentes, sucedidos, criteriosos e conseguem uma relação amistosa com quem sabe que pode causar ou manipular. Um jogo de xadrez; estratégico. Pessoas assim, parecem frágeis, delicadas, sempre buscam um ponto de apoio e associação para sentir-se representada. É nesse contexto que mora o perigo, e o simples fato de você doar opinião favorável, já puxa o gatilho para uma teia de intriga e suposição. O sociopata sempre encontra um jeito de sair como o mocinho, e o resto que se cuide, até que prove o contrário, muitas pessoas serão sentenciadas. Nesse aspecto, pede-se cautela no falar, no agir e no julgar, e não apressar às críticas com base nas experiências negativas do outro mantém a relação social saudável. Simpatizar, gostar e amar o outro é natural, defender também, contudo, o senso de justiça é imperioso, porque a bondade é intimista, e os sentimentos são contraditórios. Vale ressaltar, que o mundo é uma embalagem, as pessoas são propagandistas; vendem o que você procura, e no final, a ilusão é um produto perigoso.

Jaciara Santos Souza Dias

Salvador – Bahia.

UMA CRÔNICA OPORTUNA

Para este mês de novembro de 1922 perdemos a um só tempo na verdade na mesma data 09/11, falece aos 77 anos a cantora Gal Costa. 1945/2022, e em seguida sos 86 anos o Artista de habilidades ímpares e representante da caipiragem, Rolando Boldrin 1936/2022. Vem de longe que gente como no caso de animadores como Boldrin, nos divertiam na Rádio, inicialmente a ouvir "Linha Sertaneja classe A", apresentado por José Russo, que nos deixou em 1989. Programa que cobria o Brasil do Oiapoque ao Arroio Chuí, da Serra do Caburaí a Ponta do Seixas.

Eu tinha um motoradio desses de quatro faixas e não tirava ele da altura da orelha de 20:30 até 22 horas com uma turma de cantores caipiras que ainda nos dias atuais são conhecidos e olha que fomos da década de 1980. A TV não era o forte da turma da época apesar de já ter muitas, mas o rádio mostrava maior interesse.

Na verdade, a saber, falando tal e qual o já saudoso Rolando Boldrin, tenho uns aqui na algibeira, Belmonte e Amaraí, José Fortuna e Pitangueira, Tibagi e Miltinho Tonico e Tinoco, Zico e Zeca, Abel e Caim, Nerino e Nivaldo, em tenra idade Chitãozinho e Xororo, Lourenço e Lourival, Durval e Davi, e claro muitos outros. Era um cast enorme e no mais distante rincão tinham sua veia artística em evidência nas ondas do rádio AM.

Anteriormente nos dava a alegria de Alvarenga e Ranchinho, Barnabé, mas isso além do rádio em outros programas do gênero, também nos cebolões nos Cebolões, Nhá Barbina. Compadre Moreira e Adelaide. Era diversão barata e sem sair de casa e quando ia pras vendas ou mesmo para lugares fora lá estava um rádio ABC com volume exagerado para todos escutarem essa representação da música sertaneja tradicional. Começou com rádio e discos de vinil mas a Televisão também chegou para dar o Ar da graça. paralelo a isso, desde a década de 1980 o Marechal da música sertaneja, Geraldo Meireles, 1926/2013, passou a apresentar como filho Marcelo o programa dominical Canta Viola e lá, todos os artistas sertanejos do rádio audiência expansiva, isso com a variante que muitos ouvintes que jamais haviam visto grande parte dos artistas puderam vê-los em situação diferente de show em circos em parques patrocinados por empresas e prefeituras. Era a coqueluche da época, precedendo ao tradicional Silvio Santos e o macarrão com frango.

O Canta Viola era apresentado antes, apenas por Geraldo Meirelles, o "Marechal da música sertaneja" onde tinha grandes vultos da música sertaneja. Quando começou na TV Cultura, em 1966 passou a ser exibido pela TV Tupi onde ficou até 1971, tendo uma curta passagem na TV Bandeirantes no mesmo ano. Entre 1971 e 1995 passou a ser exibido aos domingos na TV Record, ficando posteriormente a isso fora do ar." teve seus dias de glória sendo sucedido pela viola minha viola.

O Viola minha viola, outro ícone que tinha por objetivo dar vitrine a artistas de todo o Brasil começou com o saudoso Morais Sarmento indo até o ano de 2015 com quase quarenta anos de exibição na TV cultura com diversos artistas famosos apresentando-se com excelência em seus palcos Rolando Boldrin que também fez história e ficou para essa fase iniciou apresentando o programa SOM Brasil e posteriormente o Programa SR. Brasil. Boldrin, um menestrel da apresentação circense e habilidades humorísticas ímpares foi por mais de cinquenta anos um artista sem igual. Mas sua passagem apenas nos indica que a música sertaneja jamais irá deixar de ocupar seu espaço no cenário nacional e a ele nossas homenagens embora estejamos em um dia triste com sua partida. Deus certamente estará bem servido.

Escrita por **João Claúdio,** em 09 de Novembro de 2022

Responsabilidade

Sonhos devem ser sonhados, como também transportados para a realidade. Como tal feito pode ser materializado? Se por vezes, a força se esvai entre os dedos e a vida "corre" desenfreadamente num milésimo de segundo.

Se você não for o seu principal motivador, ninguém será. Se você precisa que os outros te aprovem de alguma forma, você já está fadado ao fracasso.

Aprovação 100% ninguém terá, mas olhe mais com carinho àqueles que permanecem ao seu lado durante todo o processo.

A solidão será sua companheira em muitos momentos.

Haverá momentos que erguerá os olhos aos céus e perguntará: Senhor, será que estou mesmo no caminho certo?

E por querer olhar apenas com os olhos humanos, mal consegue compreender o que o Universo está preparando para você.

Lembre-se que por vezes as coisas vão piorar para enfim começarem a melhorar.

O importante é não desistir do processo e respeitar o tempo que a vida te pede, para que tenha maturidade o suficiente para agir da melhor maneira que se convém.

Momentos bons, outros nem tanto assim, a vida vai te apresentar.

Vai ter ocasiões que a única coisa que vai te acalentar será sua conversa íntima com o SER maior. Alguns chamam de Deus, outro de Universo e outros de cosmos.

Não importa como você realmente o considere, o importante é acreditar que tem um por que, um pra que e tudo pode ser transformado a partir de sua própria atitude perante a vida.

A vida é um sopro, alguns podem considerar que não significa nada e não vê futuro permitindo corromper-se pelo caminho pelas armadilhas que surgem.

O engraçado é que essas mesmas pessoas podem dizer que são vitimas do meio, mas será mesmo que são? Ou elas escolheram se vitimizar ao invés de tomar as rédeas de suas próprias vidas e "pagar o preço" de suas escolhas.

Toda ação, tem uma reação.

Não adianta você querer "pintar um quadro lindo" sendo que na verdade ali não existe nada do que escuridão e vazio.

Preencha o seu interior com coisas que valem a pena.

Tenha a coragem que você enxerga em quem admira e entenda que a coragem é atrelada a assumir desafios consequentemente arcar com as consequências sendo elas boas ou não.

Que a Luz Divina do Amor Celeste esteja presente em vida em todos os momentos em sua jornada terrena e espiritual.

Afinal, todos são corpo e espírito.

Alimente a carne com o que é bom, o espírito com o que é divino.

Lute pela vida sempre.

Karol Costa

Corrígeme…si es llanto. (27 abril 2013)

Ayer anduve por tu barrio, di patadas a las piedras y latas vacías de las callejuelas estrechitas, conocí la iglesia demolida por los “rojos” en la guerra civil española, vi críos sin escuelas, esnifando pegamento en bolsas, envueltas en papel de regalo. Por entre la arena y la hierba iban y venían, bicicletas “maquis” de colores tristes, sobre el polvo húmedo de la lluvia ácida del amanecer, abuelas enfermas de Chernobil rezando a vírgenes comunistas, vestidas de generales nacionalsocialistas alemanas…en este pueblo tuyo, visité las arterias de Vietnam, Corea, Irak, Afganistán… Crecían por doquier albañiles edificando muros…éstos separaban tu mundo del mío. Las flores sesgadas en los áridos campos de internamiento marchitaban, mis recuerdos electrocutados por camisas de fuerza y fusilamientos de la razón, saludé al sol con la amputación de mi brazo ¿recuerdas las minas en el sembrado de alambre de espino? Sí, también lo crucé jugando al escondite Inglés…El cielo estaba ensangrentado, creo que habían degollado las blancas nubes con formas de ovejitas…tan rojo estaba el territorio, que por un momento vislumbré el carmín de tus labios besando la aurora de los sentimientos, y el pétalo de rosa carmesí, aplastado, entre las páginas beige de “El corazón de las tinieblas”

Ah…el horror, el horror…

© Kim Bertran Canut

Barcelona

Imagens do autor

AMOR DA MINHA VIDA

Às vezes eu ficava observando a elegância com que ele dormia no sofá: mão no bolso e a outra sobre a testa. Eu durmo toda errada, com uma perna para cada lado, de bruços e ele, com aquela pose de galã... Até para dormir... E como era gentil, companheiro, amigo inseparável. Sempre tinha um galanteio para me fazer, não me poupando elogios. Acho até que, o que o tornava tão encantador para mim, era o modo como me olhava, apaixonado, e a admiração que fazia questão de demonstrar. Tinha ciúmes de mim, mesmo depois de vinte e um anos de convívio. Meus cinquenta e seis anos, com todo o desgaste e as marcas que este mais de meio século imprimiu em meu corpo, não diminuíram a sua atração por mim. Tínhamos momentos maravilhosos, como se fôssemos jovens amantes e nos entendíamos muito bem...

Uma vez, discutimos por uma bobagem qualquer e ele disse que não iria para nossa casa na serra, naquele fim de semana e eu, orgulhosa, disse que ia, mesmo sem ele, apesar de já ser tarde, o que, realmente fiz. Fui com minha filha e meu genro, dirigindo o nosso carro. Cheguei lá com o coração apertado, já sentindo sua falta. Fui arrumar as coisas pensando nele, na nossa discussão boba e em como seria sem graça ficar lá, sem ele. Passava de meia-noite... Ouvi barulhos na varanda e lá estava ele, batendo na porta: tinha vindo de ônibus e andado um bom pedaço do caminho, na escuridão, no meio do mato, carregando uma mochila, só para estar comigo... Era meu príncipe encantado, sempre me surpreendendo, sempre demonstrando o seu amor e o zelo que tinha para comigo. Como não amá-lo, como não ser apaixonada por alguém assim, tão especial? Ele era minha alma gêmea. Ficava feliz se eu estivesse feliz, triste quando me entristecia; até dor sentia quando eu sentia algum incômodo. O amor que ele me dedicava era tão grande, que serei grata a Deus a minha vida inteira, por tê-lo colocado no meu caminho. Ele foi maravilhoso para meu casal de filhos, órfãos de pai, ainda no início da adolescência que, agora, percebem o quanto o amavam... Muito mais do que jamais haviam imaginado...

Acho que poucas mulheres foram objeto de tanto desejo, paixão, amor, dedicação, respeito, amizade e admiração. Tínhamos esta coisa de pele, de sintonia, que permaneceu conosco até os últimos dias de nossa parceria, antes desta terrível doença invadir nossas vidas. Um dia, no hospital, antes da quinta cirurgia a que foi submetido, quando eu saía do banho, peguei-o, na cama, cantarolando um trecho da canção do Cazuza. Raramente cantava, pois era um pouco desafinado e preferia assobiar umas canções muito próprias, parecidas com canto de passarinho: _ "Amor da minha vida, daqui até a eternidade, nossos destinos foram traçados na maternidade"... Fiquei tão comovida, que não contive as lágrimas quando ele disse que estava cantando para mim, e que eu era o anjo dele... Como não chorar e sentir um vazio imenso no coração? Como não morrer de saudades, olhando o seu lado da cama vazio e relembrando os momentos maravilhosos que vivemos juntos? Como vai ser não sentir o seu perfume gostoso, que me envolvia, quando ele saía do banho, todo arrumado, pronto para qualquer programação ou, simplesmente, para ficar em casa, a meu lado. Ele dizia que, para ele, bastava a minha companhia, e muitas vezes, enquanto eu ficava no computador, fazendo algum trabalho, ou navegando na internet, ele ficava sentado, na "cadeira do papai" que eu dera a ele, de presente, fazendo palavras cruzadas e conversando comigo, só para estarmos juntos, um pouco mais. Fui tão feliz com ele, que a sua ausência chega a doer na minha carne, como ferida aberta...

Durante todo o tempo em que esteve hospitalizado, nunca derramou uma lágrima, nem demonstrou desespero ou revolta... Talvez quisesse me proteger de uma dor ainda maior, se me revelasse o tanto que aquela situação o afligia... Eu, por minha vez, também fazia de tudo para que ele não me visse chorando. Só uma vez, após a sua sexta cirurgia, depois de vomitar muito, já com a garganta e a boca muito machucadas, ele me disse: "Querida, acho que vou morrer"... Apesar do esforço enorme para manter-me firme e não deixar que ele perdesse as esperanças, eu não consegui segurar as lágrimas, mas disse a ele que não era verdade... Que ele superaria aquela fase e que nós, ainda, teríamos muitos anos felizes pela frente, o que, infelizmente, não aconteceu. Ele se foi no dia 3 de setembro de 2008 a uma hora e vinte e cinco minutos da madrugada.

Estive com ele todos os dias, sem exceção, o que me conforta muito, pois pude aproveitar cada instante com ele. Quando me despedi dele, na véspera de sua morte, já não havia vida em seus olhos e, embora eu esperasse vê-lo, ainda vivo no dia seguinte, algo me dizia que Deus o levaria e o pouparia de mais e maiores sofrimentos... Ele começaria a ser sedado com morfina, tão mal estava... Em casa, não conseguia dormir e, antes de ir deitar-me, telefonei para o hospital, onde o deixara, na companhia de seus dois filhos, para saber como ele estava, e a resposta foi que ele estava sereno, dormindo, mas inconsciente, como eu o deixara. Tomei um calmante, pois, desde que ele tinha saído da primeira clínica, onde se submetera a quatro cirurgias e fui informada da natureza de sua doença, não conseguira mais dormir sem remédios. Antes de adormecer, porém, acertei o relógio para despertar cedo, de manhã, e voltar para o hospital. Era, exatamente, uma hora e vinte e quatro minutos, quando olhei o relógio, antes de adormecer. Parece até que ele me esperou dormir para poupar-me e, também, poder descansar...

Agradeço a Deus por ter-me deixado fazer parte de sua vida durante todos estes anos, que foram imensamente felizes, em sua companhia. Agradeço a Deus, também, por ter posto um fim ao seu sofrimento, já que não havia mais possibilidade de cura para ele. Segundo o seu médico, o câncer se espalhara por todo o abdômen. Espero que ele esteja bem, agora, sem dores ou sofrimentos, já que se desprendeu de seu corpo tão sofrido e consumido pela doença. Hoje ele faria 59 anos e teríamos um jantar especial, para comemorarmos seu aniversário, juntamente com nossos filhos. Não sei como são as coisas após a morte. Não sei se ele pode nos ver e sentir a falta que está nos fazendo. De qualquer forma, vou comprar flores e colocá-las na janela, para ele. Talvez elas sejam plasmadas por algum espírito amigo, e ele as receba, pois sei que não lhe faltarão amigos, lá, onde ele está agora, já que era uma pessoa tão doce, bondosa e adorável. Só sei que a nossa história ainda não terminou, porque um amor tão lindo assim não pode acabar, tem que durar "daqui até a eternidade". Por isso, não disse adeus, quando ele se foi. Disse apenas: "Até um dia, amor da minha vida".

Maria Lefèvre

ENQUANTO A CHUVA CAI...

Enquanto a chuva cai...

Fico a meditar na evolução da vida.

Nas pequenas coisas que me atrevi a possuir e nas grandes que tento conseguir....

Meus olhos ficam embaçados pelas lágrimas que rolam juntas na face.

E outras que sufoco no peito, sentindo à noite dentro de mim quando acaba de amanhecer.

Enquanto a chuva cai...

Me aqueço na esperança do sol de verão, colho folhas secas do outono no muro da vida.

Sinto-me encolhida do frio do inverno.

Coleciono flores da tão esperada primavera.

Tento iludir meus pensamentos envoltos num imenso nevoeiro, que surge de repente anunciando tempestade.

Enquanto a chuva caí...

Me sinto como uma ave que tomba inerte depois de haver planado longo tempo, e sinto dentro de mim o desencanto das aves mutiladas.

Enquanto a chuva cai...

Penso no magro lavrador, pelas fadigas do campo, e tento recolher pétalas das flores destruídas pela chuva para enfeitar seu trabalho incansável pela humanidade

Enquanto a chuva cai...

Espero mansamente que ela passe, pois sei que não devo condenar o mundo pelo desiquilíbrio de alguns, pois o mundo espera confiante por nosso auxílio.

E teremos que ir à luta!

Chova ou faça sol!!!

Maripenna

Fábulas

A GALINHA E A RAPOSA

Estava a galinha a ciscar no seu terreiro toda sorridente e cantarolando sem parar, pois seus filhotes estavam a aprender o ciscado da mãe, e isso muito a orgulhava.

Em meio a essa alegria, apareceu a vizinha Raposa, admirada desse contentamento entre mãe e filhos, mas desejando, intimamente, que um dos pequenos franguinhos se tornasse sua ceia matinal.

- Como estão contentes os teus filhotes! Bem se vê que tu estás a lhes ensinar a ciscar como verdadeiros galos de briga. Por que não os manda ciscar mais afastados de ti, para que eles descubram os perigos da vida e aprendam, verdadeiramente, a se defenderem? – perguntou a raposa com palavras de incentivo e maldade.

- Não, amiga Raposa. Eu não desejo que os meus filhotes sejam bravos guerreiros de luta. No fundo do meu peito desejo que eles aprendam a sobreviver de maneira independente e que possam, sozinhos, se livrar dos perigos que a vida há de lhes trazer.

- Então por que não os afasta de ti nem por um instante? Enquanto estiverem debaixo de tuas asas eles depositarão em ti toda a confiança que precisam adquirir por si mesmos.

- Não os impeço de se afastarem de mim, mas os ensino, antes de os trazer para ciscar, que o mal não está apenas em quem está longe. Ensino-lhes que o mal pode estar nas palavras de uma vizinha astuta que acredita que com palavras de falso incentivo pode convencer uma velha galinha a lhe dar de brinde para a ceia um dos seus lindos filhotes.

MORAL: Nem sempre a conversa astuta traz os resultados esperados.

Nara Minervino

Poemas

BIOGRAFIA RESUMIDA

ESCRITORA ADRIANA RIBEIRO

Adriana Santos Ribeiro Santana, Escritora, Poeta, Compositora e Artista plástica é natural de Estância e residente em Arauá/SE. Graduada em Pedagogia e História pela Universidade Federal de Sergipe. Especialista em Metodologia do Ensino de História pela Faculdade São Luís de França. Mestranda em Educação Superior - FUNIBER. Professora pedagoga efetiva do Estado e professora de história do Município de Santa Luzia do Itanhy/SE desde 2002. - Membra do Recanto das Letras; Membra Vitalícia da Academia Independente de Letras AIL/2020; - Membra Fundadora da Academia Internacional de Literatura e Artes Poetas Além do Tempo - AILAP/2021 com Cadeira 02 e Patronesse Escritora Ilma Fontes; - Membra Vitalícia Internacional da Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes – FEBACLA/2021; - Dr. H. C. em Literatura e História - FEBACLA-2021 - Defensora Perpétua do Patrimônio Histórico e Cultural Brasileiro - FEBACLA-2021/- Autora dos livros **Coração poético, Volume 1 e 2 -** Editora Versejar. Co-Organizadora das Coletâneas poéticas Taverna poética – Tributo a Álvares de Azevedo 2021- Editora Versejar e Cartografias do coração 2022 - Biblio Editora; Organizadora da Coletânea Histórico-literária O município de Arauá/SE: diferentes olhares -2022 – Editorial Casa de Bonecas - ECB/PE e coautora de mais de 60 Antologias de diversos gêneros literários e autora participante de três Revistas Literárias interativas online: Revista The Bard, Revista Barbante e Revista Danda. Cadastrada no Mapa Cultural de Sergipe. Com canais de publicações online Instagram: @adri.poesias, Facebook: Adri Ribeiro e Recanto das Letras: Adriribeiro

Quando a tristeza lhe chamar...

Sempre que a tristeza lhe chamar a ignore

Nunca a obedeça ou aceite o seu convite

Tampouco ouça, da mesma, algum palpite

Ainda que grite-lhes ao ouvido e implore.

Precisando de apoio peça ajuda e até ore

Nunca ceda espaço às mágoas ou facilite

Que roube-lhes a paz interior e lhes agite
Seu autocontrole e equilíbrio reelabore...

Onde sua mente se entristece não demore
Se uma pessoa te magoa se afaste e a evite
Suas influências, em sua vida, delimite,
E se alguém lhe maltratar não corrobore...

Cada sonho que ainda almeja rememore
O amor próprio e o autorespeito exercite
Se for necessário recomeçar nunca hesite
Da perseverança e da alegria se enamore.

Deixe que a luz da esperança em ti aflore
Nas mãos de Deus, seus dilemas, deposite
Que harmonia em teu lar também habite
E a Luz Divina toda a sua força revigore...

Adriribeiro/@adri.poesias

Amanda Aparecida da Costa

EMPATIA

A empatia envolve a comprovação de um bom coração
É até contraditório, mas coloca em xeque as paixões
Pois o mesmo homem empático, pode agir pela intuição
Envolve o afetivo, cognitivo e o nível das emoções.

Deliberar-se sobre os estados mentais de outros
Exige altruísmo e consideração
É uma capacidade cognitiva para poucos
Que permite reconhecer nós mesmos em outra posição.

Quando a empatia for praticada
Colocando-se no lugar do próximo com amor
Os humanos terão relações sociais na vida aplicada
Vendo o mundo sob ótica do primor.

Busca[1]

Mesmo que eu busque

Em todos os planos e espaços

a sua presença,

Sinto-te além do meu toque,

Aonde minhas palavras não alcançam.

Você consegue sentir, de onde está,

Na brisa que o vento leva,

A essência do meu desejo?

Gerúndio de nós

Não desejo que sussurre palavras

Das quais a espontaneidade não faça parte;

Nem quero o toque coercitivo,

Acentuado pelo formalismo

Das convenções.

Não quero um tempo, ao acaso,

Duvidoso entre mil e uma coisas

Que seja apenas só "por estar".

Também não quero que se atropele,

Sua vida, seus compromissos

Para estarmos...

Se não for dado, de boa vontade,

Não fará sentido,

Pois apenas o abraço que não prende,

Mas que acolhe é benéfico;

A palavra dita em silêncio também fala...

O toque desconfortável tangencia e

Pode machucar e,

Se você não está à vontade

Para dar, ser e estar,

1 *José Domingos Angelo Santos é graduado em Letras Português pela UFS e mestre em Letras pela mesma universidade, sendo professor da educação básica. De quando em quando rascunha pensamentos soltos, aos quais aqui e acolá possuem traços de poesia, escrevendo sobre temas que vão desde o ser ao vazio. E-mail: josevernaculo@gmail.com.*

Eu não quero.

Tangente

Olho, a esmo.

Não... Talvez não seja isso.

É um ponto fixo, de onde

Emana uma luz, irradiante.

Virá ela? Uma palavra? Toque?

Silêncio. Nada. Não... Há algo:

É um ruído?

Parecem passos.

Um cheiro, uma presença.

É agradável.

Mesmo que impossível

Seja assim,

Ainda que tangenciando o

Meu corpo,

A eletricidade entre o vácuo de

Dois

É mais, muitos mais,

Do que a inércia de uma noite pálida

E, no pulsar e desacelerar,

Nessa descontinuidade,

A incerteza duvidosa

Entre variáveis não controláveis

Ainda é uma fonte

De desejo, satisfação e prazer.

Mundo e palavras

O que é o tempo?

Às vezes me pego pensando sobre isso

Se ele é uma construção que inventamos

Para tentar medir ou frear a contagem que

Um hora irá nos ceifar?

Ou se é esse algo que temos para fazer

Alguma coisa e tentar fazer alguma mudança no que chamamos de Mundo?

Tempo.... Eu te tenho ou você me consome?

Mundo, o que é mesmo isso?

Pensei e enquanto pensava, a angústia me tomava...

Várias e várias vezes deixei para amanhã

Coisas que seriam para ter sido e nunca aconteceram.

Joguei a responsabilidade por minhas escolhas e fracassos nós outros

Quando na verdade eu deveria ter encarado as

Tormentas que causei, de frente,

Matando no peito e se deixando levar pelas

Consequências dos meus atos.

Amores, sonhos, deixados para trás

Fosse por timidez, medo de errar....

Sendo que só fracassa quem não desiste

Ou quem deixa de tentar....

Apressei o passo, mas nada alcancei.

Reprovei na vida e, por causa disso,

Vi o tempo perdido. Nada sou que não mais

Um.

Não sou o centro do mundo. E está tudo bem.

Amanhã, ao acordar, serei uma pessoa melhor

Mais firme, mas correta..

Irei honrar os compromissos que fiz

Principalmente com a pessoa mais importante que há: eu.

Pois sem mim não há nós.

Platão, Sócrates, Galileu...

Einstein, Freud, João Paulo II...

Paulo Gustavo, Jô Soares, Paulinho ....

Todos de valor inestimável

Deixaram uma marca no mundo,

Atemporal,

Para além de palavras: exemplos.

O tempo passa.. cá estou eu...

O que e quem eu sou?

Qual será minha marca?

Serei eu memorável por minhas ações

Ou serei mais um, dentre milhões

De seres opacos que respiram por aí?

Mundo... Tempo.... Vocês não mais irão me atropelar nem andarei

Como um vagante, sem rumo,

Ou destino,

Sem sentido

Pois, a partir de amanhã

Eu serei o único responsável com o

Objetivo que realmente importa: minha felicidade

E num mundo onde muitos são fantasmas

Eu quero existir,

Ser pleno, real e verdadeiro

Para além do tempo e do espaço.

Exagerado

Não exijo que me aceitem mas se aceitar eu quero exagero.
Exagero no amor,
Na reciprocidade de ser,
No cuidado e no louvor,
E também no bem querer...
Quero exagero porque sempre doei muito e recebi pouquinho,
E em matéria de afeto nunca fui mesquinho...
O carinho tem que ser demais,
Pois o minguado já não me satisfaz...
Porque viver é ter euforia, vontade e disposição...
É amar com gula, com fartura e muita emoção...
pra me contentar quero a felicidade da minha alma refletida no oceano e não numa poça d'água que a chuva pariu e que se enxuga com um pano...
Hoje quero pra mim o céu todo estrelado e uma lua gigante refletindo em meus olhos seu brilho encantado...
De agora em diante sou um homem exagerado.

Antônio de Magalhães

O despertar sereno do momento

Ariane de Medeiros Pereira

Ela esperou ser notada e acolhida
Todavia, aquele olhar não vinha
Em dados momentos, ele a percebia
Mas, não com ela queria.

Cansada da batalha da espera
A bela flor resolveu mudar
Para outras paisagens passou a flertar
E seu coração voltou a se encantar

Do outro lado da colina
Encontrou uma beija-flor
Que com seu toque suave
A transportava para o bom ar!

Refúgio escolhido: o que se chama céu

Ariane de Medeiros Pereira

Transcorria mais um ano e nada acontecia
Parecia que a história era cíclica, como um dia
A bela morena ao sol continua a agradar
Sua vida, porém, passava em agonia

Não gostava do que sentia ou ouvia
Resolveu aventurar-se pelos ares
Na liberdade do ar, percebeu que podia se apaixonar
Era livre, forte, corajosa e decidida

Ninguém poderia a aprisionar

Da gaiola havia saído

De onde jamais poderia voltar

Os céus era seu abrigo!

Transcendental é o amor

Ariane de Medeiros Pereira

O que é infinito dura, para mais que uma vida

Seja de lembranças ou do vivido

Perpassa o tempo medido

Sente-se, chora-se, vive-se e adora-se

Era o tempo do infinito que regava

O sentido da vida em emoção

Não se podia parar o sentir

Para aquela alma que transbordava em emoção.

Ela tentava se desapegar mais o amor

Estava preso nas raízes do indivisível

Ela lutou, relutou e desistiu,

Aquilo era por demais, infinito!

elegia

retira

da

tarde

colorido

vitalizante

Beth Iacomini

SBPA/Mariana, MG

tempo

caminha

vida

absorve

sonhos

distanciam

Beth Iacomini

SBPA/Mariana, MG

MAJESTADE O PÉ DE IPÊ

Ergue-se majestoso,
como o sol da manhã,
flores abundantes exibindo,
num espetáculo magistral,
meus olhos extasiados,
presos na contemplação,
dessa beleza sem igual...

Parece ter luzes,
flores-estrelas se abrindo,
e quando já estão caindo,
meteoritos na calçada,
que tristeza vou sentindo...

Quando as flores o despirem
e os seus dias de glória
se extinguirem,
esperarei mais um ano
para novamente ver,
as suas flores se abrirem...

BRYZZA

Carlos Oliveira Nascimento, filho de Maria Josefa e José Batista, é natural de Aracaju/SE, reside em Nossa Senhora da Glória/SE. É Historiador e Psicopedagogo, atuou como tutor e mediador do Mais Educação e Novo Mais Educação, com textos publicados em várias Antologias e Revistas on-line dentro e fora do estado de Sergipe, é apreciador e divulgador da Literatura Sergipana. @uma.boa.leitura10

CLIMA DE NATAL

Dezembro um dos meses mais esperado,

Espalhado em cada canto

O clima de Natal encantado

Praças iluminadas

Casas com árvores de Natal

Lojas com vitrines decoradas

Pisca-pisca nas janelas.

Clima de harmonia e bondade

Pairando pelo ar

Famílias reunidas pra celebrar

A chegar do Menino Jesus

Com espírito de paz e de luz

Natal é isso, Luz!

Tic, tic, tac,

Tic, tic, tac,

São passos a soar,

São saltos no chão a bater,

É alguém a andar,

E o chão a gemer,

É o apetite de te abraçar!

Tic, tic, tac,

Os ouvidos fazem vibrar,

E o chão faz tremer

São pés a chamar,

Para que os olhos possam ver,

Uma flor a passar,

Tic, tic, tac

Deusa ou musa a olhar,

E todo o meu ser,

Fica agora a sonhar,

Pela força do poder,

Para um beijo lhe poder dar!

Casmil 12.02.2012

@@@

BARBANTE

(B)ora ler?!

(A)ceito sua companhia.

(R)imas e versos,

(B)elos e diversos,

(A)legram nosso dia.

(N)ossa revista está pronta.

(T)raz lindos poemas, contos,

(E) outros belos escreveres. Vem!

@@@

Chico Legal

VIAGEM AO LITORAL

Viajo para o litoral
Minha alma maruja
Começa a bailar
Com ondas imaginárias.

As montanhas de Minas
Distanciam-se no retrovisor
Eu sigo pela dois meia dois
(A cento e um também está no caminho)
E de longe ouço o barulho.

Estou chegando de peito aberto
Para ver novamente
O horizonte atlântico
Como quem revê antigo amor.

Mas o mar me conhece?
Será que ele se lembra de mim
Em Alcobaça, Praia Grande ou Marataízes?
O mar ainda se lembra
Do nosso primeiro encontro?

Sei que o litoral capixaba ou baiano
Não se cansa da nossa mineirice
E suas ondas fortes mais parecem
Um abraço de saudade.

Cláudio Antonio Mendes
Mutum-MG

Resplandecer do dia

És a minha maior inspiração
No poema que eu componho
Estás em cada verso escrito
Na poesia és a pura emoção.

És a poesia que me inspira
E me faz sonhar e meditar.
Nos sentimentos descritos.
Pra meu coração contagiar!

Em cada verso que escrevo
uma emoção me consome
e a minha alma muito aflita
clama eufórica o teu nome.

És desejos, lábios, doçuras,
um resplandecer de um dia;
Amor puro de amora-doçura
Beijos que minha boca pede.

Daniel Bezerra

MOTIVO

Não há motivo para sorrisos...
para além da porteira.

Cada assunto espalhado ao vento...
aguça os sentimentos.

O discurso sorri...
dissociado da verdade.

Não cuidar da Educação...
distribui resultados cegos.

É como se a Vida seguisse...
dentro da redoma do pesadelo.

O sono está pesado...
a cidade dorme.

Somente os pássaros cantam...
e o trem toca o sino de alerta.

O barulho do silêncio...
segue vitorioso!

Elza Francisco

Grito de liberdade

Não tente,
me aprisionar,
impor suas regras,
vir com argumentos.

Nada disso irá me fazer recuar.

Sou como a água da nascente,
clara e transparente,
frágil na aparência,
forte na essência,

Sigo o caminho interno do meu rio,
o meu coração é o meu norte.

Sou como o fogo,
se tentar reprimir,
certamente irei explodir.

Se tiver a força respeitada.
irei aquecer,
unir,
transmutar,
ao invés de provocar uma queimada.

Rédeas não prendem,
a minha alma livre,
como um pássaro no céu.

Sou o grito de liberdade,
da conectividade,
com o meu Eu Maior.

Sou simples assim!

A natureza é a minha mestra,
ela é quem me ensina,
me faz feliz e fascina!

Meu sentir está além,
das palavras e discussões,
é o meu elo com o divino.

Quando quiser ser ouvido,
volte-se para dentro de si mesmo,
e lembre-se de que somente você,
é dono de si mesmo,
e por mais que isso possa incomodar,
aos que tentam te limitar,
em sua mente e coração,
apenas você pode mandar.

Elza Ghetti Zerbatto

Escritora, poetisa, formada professora de educação infantil. Terapeuta Reiki Master 3B Método Usui.

Participa de várias antologias nacionais e internacionais. Acadêmica Correspondente das seguintes Academias:

Niteroiense de Letras, Goiás Velho e Fortaleza. Ganhadora de diversos prêmios nacionais e um internacional.

Participa da Revista Barbante desde 2021 com seus textos autorais, e da Revista Danda desde julho de 2022.

VOCÊ, MINHA LIBERDADE

Em ti me faço livre...
...Sou passarinho liberto!

Sou andorinha a cortar os ares da liberdade...

Sou flor que se abre para ti, meu beija-flor...

Sou abelha a bebericar seu mel...

Sou cascata, que brota da alma, transbordo no seu rio de amor...

Sou mar de profundas emoções a te revelar meus segredos...

Sou lua, me faço encanto aos teus cobiçosos olhos...

Sou arco-íris, atravesso teu céu de sonhos, trago esperanças...

Sou estrela cadente sobre ti, acendendo selvagens desejos...

Em ti me faço livre...
... sou fonte de prazeres
... abro minhas asas

Erivaslucena

DURMO, SONHO, ACORDO POESIA...

Fico a imaginar o quão é bom sonhar...

Somos: corpo, mente, alma e espírito.

O sonho embala a alma,

A alma se inspira

a inspiração traz o verso

__do verso nasce a poesia__

A poesia enfeita e encanta a vida.

Durmo, sonho, acordo poesia!...

FERNANDA XEREZ

POR AONDE ANDAS

Não sei mais por aonde andas
E não sei mais o que fazes,
Se algum amor alimentas
Ou o que mais te aprazes.
Em mim a saudade aumenta,
Transborda o coração
Ao lembrar dos nossos dias
Sinto grande emoção.
Por aonde andam seus passos?
Por aonde hoje caminha?
Se tem companhia ao lado
Ou se caminha sozinha?
O passado é já distante
Mas permanece latente
E do nada tudo aflora,
Na mente, e vem ao presente.
Foram dias de esplendores
E tudo era mar de rosas,
Lhe fiz poesias, dei flores,
Você: minha esplendorosa
E ainda em meu pensamento
Continua ainda formosa.
Mas tudo o seu tempo tem,
Chegou um dia e partiu.
Não sei se um dia vem,
Mas um novo amor me surgiu.
Voltou de rosas, o mar,
Tudo é belo e o amor flui,
Mas eu tenho que dizer:
Ninguém a substitui.

GSFreire

Semeando luz...

Um novo prisma

o mesmo sol

concentração no agora

chama viva

mira para a luz

sente o amor pulsante

e o semeia a cada instante

feito estrela, clareia

e reluz ao derredor

Ingrid Mohr

Jesus se fez pobre com os pobres

É Natal tempo de conversão
Quebra-se a corrente da opressão
Surge uma nova libertação
É tempo de preparação

Abrir o coração e encher de luz
Para que possa nascer o menino Jesus
Entoando um canto novo
E a solidariedade nasce do povo

Natal em família é partilha
É trilhar um novo caminho
Como irmão andar sempre juntinho
E não caminhar sozinho

É olhar cada irmãozinho
E poder estender a mão
Necessitam de carinho
De luz, , amor e perdão

A solidariedade é importante
É uma tomada de decisão
Jesus Cristo está nascendo
Dentro de cada coração

A solidariedade e a partilha
Paz, amor e confiança
A maior prova de amor
É saber que a solidariedade
Em Deus se fez criança

Seguindo a estrela guia
É ela que nos conduz
Gloria a Deus nas alturas
Nasceu o menino JESUS !

Poeta Joaquim Marques

Urucará - Amazonas

Faina de Procurar

Engenhos da faina,
cobrem o espaço encardido
de roucas vozes do passado.

Espaços semiabertos,
de terra e sol,
espargem o medo
e procuram suas mãos.

Corrida de poucos,
com véus acetinados,
cobrindo meia-face
de ansiedade.

O homem caminha
por entre círculos,
que é ele mesmo.

Faz da meia-volta
uma chegada
no seu interior.

Sem chegar,
e se negar a lugar nenhum.

Se procura, não acha,
se não acha, se perde,
e quanto mais afunda,
mais larga fica a distância
entre os frutos amargos de
não ter outro espírito igual

ao seu.

Se faz duelo,

perde por espadas azuladas!

Se faz mais de forte,

vira lâmina de corte!

Se faz ponto

olhando estrelas,

vira corriqueiro.

E fica como

coisas de cristais,

que são reluzentes e

sensíveis apenas

para quem sofre.

Se acorda, padece,

se chora é de romance,

se clama, fenece!

Até ramos empertigados

evitam sua porta.

Se é trigo, é safra perdida,

se é sombra, é fria,

se vêm à noite

todos os fantasmas se reúnem

a sua reza.

É sonho, é dissipação,

mas nunca deixa de
passar a lâmina do adeus
em seu rosto.

E o nascente não entende mais
o poente,
nem as luzes se encaixam.

Se é céu,
dorme com as estrelas.

O escuro e o claro
são complacentes
do medo.

E nesta noite de desdém,
reza baixo e vazio:
o que tem que passar
que passe,
mas nesta caravana
sem amor,
não embarca,
por dever ou obrigação.

Não vou para não perder
a hora que você chegar
feito criança.

E perguntar:
quantas vidas já viveu,
tão sozinho,
a procura de sua outra
imagem sua,

ainda perdida

no mundo dos aforas?

Lá, onde luz ninguém tem?

E com tantos céus,

quem hoje liga

para o brilho das

estrelas?

E, pelo *Mundos Afora*,

uma coisa se torna certo,

o único caminho

é sempre partir agora !

José Kappel!

O Pequeno Príncipe

Sou bonito, sou autista, sou querido e feliz
Meu castelo é de amor, venha logo conhecer
Subo na torre todo dia apenas pra te ver
Só não que faça cócegas em meu nariz.

Gosto de brincar de bola, de correr e de escrever
De joguinhos de montar e papel para eu rasgar
Aprecio bela música porque gosto de dançar
Só não pode gritar comigo, assim choro pra valer.

Sou Benício, sou autista, preciso de cuidados e de carinho

Se me deixam à vontade voo como um passarinho

Meu castelo não tem portas, saio bem devagarinho.

Sou elétrico, sou travesso, não me dê um celular

Pois fico muito quieto sem a mente trabalhar

Jogue fora o preconceito e comece a me amar.

Joyce Lima

Imagem – Isabella Lima (mãe de Benício)

É um PRÍNCIPE...

Mais que um personagem
Por trás das cortinas
Por dentro da pele

Um PRÍNCIPE
Que ao abrir as cortinas
Cativa e encanta toda a plateia...

Um PRINCIPE, que com seu canto transcende o palco

Um PRINCIPE, que transforma um pequeno Sonhador!

Juli Lima

Imagem – Sidicléa Lima

– ...NAS TUAS VEIAS (Dueto) –

Um... no outro

[O outro no um, unos

Sem querer e muito querendo...

[...mergulhei nas tuas veias

Em ti adentrei

Dos pensamentos

E até da pele me apossei...

[...nas tuas veias

Das portas de nossas almas a que abrimos... um para o outro

E "pegamos" sem falsos pudores,

o momento que nos foi dado

[...mergulhei nas tuas veias

Que doidice é esta?

Nossos corações... aceleram

Nossos membros... tremem

Nossas peles... transpiram

[...nas tuas veias

As bocas... secam

Que "febre" é essa, meu Deus?

Avidez ou ansiedade? (não sabemos)

Quanta loucura...!

[...mergulhei nas tuas veias

Nestas horas em que o tempo

dá a impressão que para

e se não para, também não é sentido

[...nas tuas veias

Poderia a Vida definir o que um pel'outro sentimos?

Amor! Amor?

Amor...

[...mergulhei nas tuas veias

Eu estou... em ti

Tu estás... em mim

... nas veias e artérias

[... em Ti

Estou no sangue a que corre em rios

Internos e nutre a Vida

Que pulsa e ama

[...nas tuas veias

E em todo tempo... estamos... nós

Mergulhados um n'outro

nas veias...

[...nós

... no espaço "transcendente"

Sempre à procura de um pel'outro

Porque magnetizados estamos... um pel'outro

[...amando-nos

Apossamo-nos

Em reciprocidade

Um d'outro, amando-nos!

[Amando-nos pela eternidade de nós...

Sendo-nos[...]

Juli Lima & Paulo da Cruz *(Livro – Entre o Céu e a Terra)*

Imagem-Juli Lima

CÚMPLICES

Labirinto colorido
É o amor que vibra em ti
Quando penso nos seus beijos
Que me faz sonhar sob o luar
Recuso-me a acordar...

Desafiando os montes
Alcançando o seu lar
Na plenitude dos seus olhos
Sobre o seu coração...
Só quero aterrissar!

Curiosa em lhe descobrir
Percorro mundos e pulo muros
Apostando na felicidade
E na alegria que me invade
O nosso amor encontra a cumplicidade.

Ao repetir as sensações suaves
Que elevam a minha paz
Mergulho sob os mares
Emergindo em seus abraços...
Explodindo em sentimentos singulares!

Karine Dias Oliveira

Nova Friburgo/ Rio de Janeiro

PESSOAS FELIZES

As pessoas mais felizes nem sempre têm tudo
De todas as coisas que existem no mundo
Mas aproveitam as oportunidades, a cada segundo
E para agir de forma correta fazem até um estudo.

Elas tem em seus corações desejo profundo
E sabem distribuir a paz, contudo
As pessoas mais felizes nem sempre têm tudo
De todas as coisas que existem no mundo.

Mas, preste bem atenção, sobretudo
O sentimento de amor delas é fecundo
São como anjos e você pode até ficar mudo
Ao perceber, simplesmente que, no fundo, no fundo
As pessoas mais felizes nem sempre têm tudo!...

LUCAS LOUIS GRAUTHIER

INEVITÁVEL

Dei o rosto aos elementos
Sol, chuva e vento
E pedi minha história de vida
Como tinha sido vivida.
Recebi um rosto marcado
Como um rochedo fraturado,
Cada sinal era uma emoção
Cada ruga, uma canção.
A pele cada vez mais fina
E a expressão peregrina
Os olhos límpidos embora,
Onde a alma ainda aflora
Eu tinha um rosto que falava
E só eu o escutava.
E nesse dizer-se de perto
O destino ainda aberto
Mostrou-me sorridente caveira
Ao final de minha carreira.

Lucimara Vaz

A Materialização do "Espírito" Jesus.

Seria incredulidade, falta de fé, querer colocar o dedo na ferida?
Em dias de complexo de culpa, como explicar a volta do Cristo à mente sofrida?
Tomé ganha destaque na Bíblia com João, onde a informação pode ser lida. (1)

Diante de estímulos aversivos, Tomé não tinha a fuga como comportamento. (2)
"Vamos também para morrermos com Ele". Lê-se no Novo Testamento.
Queria experiência própria. Dos apóstolos, recusa o favorável depoimento. (3)

Hoje a Psicologia explica sobre erros na prova testemunhal. (4)

"Felizes os que não viram, mas creram!". Antes da prova final! (5)

***

1. João 20, 25.
Incredulidade
https://www.recantodasletras.com.br/mensagens-de-otimismo-fe-esperanca/7278347

2. João 11, 16.
Tomé, Jesus Voltou.
https://www.recantodasletras.com.br/audios/mensagens/96835

3. João 14, 5.
Eles existem. Ver para crer
https://www.recantodasletras.com.br/mensagens-de-otimismo-fe-esperanca/7543787

4. A falibilidade da prova testemunhal.
https://egov.ufsc.br/portal/conteudo/falibilidade-da-prova-testemunhal

5. João 20.29.
Implodir o paradigma materialista.
https://www.recantodasletras.com.br/mensagens-de-otimismo-fe-esperanca/7375189

https://www.recantodasletras.com.br/mensagens-de-otimismo-fe-esperanca/7316214

Luiz Carlos Formiga

SONHO DE AMOR NOITE ADENTRO

Numa noite de luar
A saudade veio me visitar...
Apertou-me com força o peito
E o vento deu um jeito de teu nome sussurrar.

Meu coração abriu-se, então, como o Mar Vermelho,
E nele, tua semente deixou-se germinar...
Nasceu flor azul, doce e serena... pequena,
Mas trouxe-me enorme inspiração,
Transformada em melodiosa canção
Que me arrebatou e me fez sonhar... contigo.

Busquei na escuridão da noite abrigo
Para minha saudade sufocar,
Mas os raios do luar de prata,
Para enfeitarem a serenata
Que eu ouvia, em tua voz envolvente,
Cantando noite adentro na madrugada fria,
Vieram, tal qual poesia, meu sonho iluminar...

Tuas pegadas se desenharam em minha mente,
E eis que, então, subitamente,
Eu te vi na minha frente, a me abraçar... a me beijar...
Minha imaginação fértil o sonho foi colorindo.
Senti tua mão minha mão tocar... (Que sonho lindo!)
Desejoso, você me arrebatou... sôfrega, deixei-me conduzir
Pela estrada que levava a tua morada,
Onde acabamos por sumir,
Na névoa encantada deste meu sonho de amor...

Maria Lefèvre

Ouvindo Dream A Little Dream of Me The Mamas & The Papas tradução

https://youtu.be/1jRcz-TQtvI

INDIFERENTE A TUDO (prosa poética)

Embriagados pelo licor da frivolidade, perderam a paz, e não sabem, ou não desejam saber.

Ei - los que se embriagam por um dia, se entristece por outro.

Deixaram de transitar por ruas estreitas, por almejar largas avenidas, correndo sorridentes em busca de novos horizontes, indiferentes a tudo!

Transitam de cidade em cidade, espairecendo, caçando prazeres, renovando emoções, como se fossem bandos de aves arrulhando nas florestas da vida, viajantes de férias intermináveis.

Fugindo de si mesmos, preferem grandes rodovias, cujo fim é infinito... Chegando querem sempre partir, partindo muitas vezes não chegam a lugar nenhum!

Pois continuam indiferentes a tudo!!!

Maripenna

Marisa Costa

Já sem leito ...

Refém de um resto de noite
inda colado-me as costas
no sonho de que me vesti,
larguei mão de ser sinônimo oculto...

Dulcíssimo, galgar margens...

com tinta de aquarela vincar ternura que vinca
Cânticos sem nexo, sonhos de sexo sendo,
rasgar cantos de parede a...

guardar certezas incertas
em livro de capa dura,
...já sem leito...

Sublime desejo, esse, de revolucionar...

entregue a espaços vacilantes
sem pretérito nem futuro ,
respirar o doce de certas manhãs...

Tanto que entre o amor
e a liberdade e o «eu»
Sedução por um amanhã
Tinha que ser fatal...

Marisa Costa

Certas Coisas - Marina Elali
https://www.youtube.com/watch?v=y8z7b-yFaP0

Henry Miller: "Sexus", "Plexus" e "Nexus",
tinha com a mesma intensidade e excelência,
a característica de ser livre e parecer capaz de tratar sobre qualquer anseio humano.

Nas palavras do próprio:
"A literatura moderna sofre precisamente
porque os escritores se abstêm de nos oferecer
o homem em todas as grandezas e baixezas de seu ser".

FELICIDADE

Onde está a felicidade que me conduzia?

Nas cores, na pluma, na lua?

Onde está a felicidade que me sondava?

Nos rostos, nas flores,

no beija-flor, nas cores que viraram incolores?

Onde está a felicidade que me acalentava?

No sol, na vida, no amor, no despertar dos sonhos, na ausência da dor?

Marisa Sá

Rosas brancas

São singelas francas
Transparecem sutilmente
Perfumadas brancas.

Transparência, amor
Busca da felicidade
Sem nenhum temor.

Transpõem estações
Prevalecem firmes, fortes
Nas ebulições...

Texto e imagem: Miriam Carmignan

Brisa do mar, leite e banho quente...

No silêncio de uma manhã azul...
...Demasiadamente...
Apaixonado...
Encontrei teu olhar!

Se vieres comigo, digo-te...
Em perfeitos versos
O tanto que o céu conspira
Inspira versejar de amor!

E...Tento não tomar você pra mim...
Mas irresistível és tu flor
Final de tarde me namora
A noite dorme em mim!

A Mulher Selvagem...
Surge na alta madrugada
Reacendendo chama da paixão
Até então, adormecida!

Logo, será amanhecer
Universos de ti
Em mim perfumado
Há de permanecer!

Mdc santos e Marisa Costa

E, DE REPENTE, CINQUENTA!

E, de repente, um susto!
A idade, sem avisar,
Veio chegando pra ficar,
Trazendo, em sua bagagem,
A fadiga de uma viagem,
Mas trazendo, também, a alegria
De viver bem cada dia.

E, de repente, chegou!
A idade em mim se instalou,
Tentou fazer de refém
Quem viveu plena e além,
Além do que foi combinado
Ou do que era esperado.

Sem aviso ou retardo,
A idade me alcançou,
Chegou-me bem, sutilmente,
E invadiu minha mente,
Fazendo-me refletir
Na vida que eu vivi,
Vivendo intensamente
Tudo o que quis corpo e mente.

E, de repente, Cinquenta!

Nem tudo primavera,
Também nem tudo quimera.
Cinquenta anos chegados

Com histórias de assombro e de agrado.
Cinquenta tons diferentes
Me tornaram quem sou realmente:
Uma mulher que é de fibra
E que aceita o que lhe traz a vida!

Agora já não é mais,
Já não é mais de repente!
Agora são cinquenta anos
De espírito, de corpo e de mente!

Cinquenta anos chegou!
Os cinquenta a mim me alcançou.
Domou por inteiro, completo
Este meu corpo inquieto.

Seja bem-vindo, Cinquenta!
Chegue e fique à vontade!
Te recebo com toda a alegria
Que bem me trouxe a idade.
Faça de mim tua casa
E me habite, como deve ser.
Te dei a prerrogativa
De fazer bem meu viver!

Saiba, porém, de antemão,
Que sei bem como a ti receber,
Que também nesta idade que chega,
Vou fazer e acontecer.
E te aviso, com antecedência,

Pra não te pegar de surpresa,

Que por mais cinquenta eu espero,

Pra viver com toda a grandeza!

Nara Minervino

SEJA SOMENTE VOCÊ MESMO

"Mas eis a hora de partir: eu para morte, vós para a vida.
Quem de nós segue o melhor rumo ninguém o sabe,
exceto os deuses"
(Sócrates)

Simpatizar-se... com alguém
Antipatizar-se... com outro
Ou [em ambos casos] a favor ou contra um "grupo"

Por que você deixou de ser... você mesmo?
Por que se permitiu em ser... «um outro»?

E, propositalmente ou (na maioria das vezes) somos...
Co'alguns... seus advogados de defesa
E c'outros... seus implacáveis promotores

E, na identificação ou n'aversão com muitos vede a fugir de nós
... a condição de poder ser... um "justo juiz"
E por quê?
Simplesmente porque somos "parciais" (polarizados)
Do imperfeito juízo a que fazemos... de forma fragmentária
E, portanto, injusta

Sim! Tomamos o lado d'alguém... e repelimos o outro
Não porque se deu em função de "nossa" própria iniciativa
Mas de forma passional por alguém e adversa para c'outro

Somos apaixonados por alguém
Temos aversão por outro
Na cegueira do amor que temos por um
Ou d'ódio a roubar nossa natural faculdade de julgar

(ou avaliar qualquer coisa)

Por que somos “assim”?
Alguém já se perguntou?
Precisamos de fato levantar a bandeira por alguém?
Necessitamos realmente arriar a de outro?

Ideologias... religiões... filosofias... política... partidos...
Ou mesmo no mundo dos desportos
(destes que deveriam ser apenas divertimentos ou distrações,
... todavia, também às vezes são, infelizmente, motivos de contendas)

Por que «fazemos» assim?
Já se questionou quanto a isto?

Façamos a partir d›agora de forma... diferente:
Separemos, então, o joio do trigo com relação aos outros

Pelo fato de você concordar co’alguém,
... e em razão de sua simpatia a tal
(no que o aprova em sua conduta e, por isso, o apoia)
... não significa que deve concordar co’ele... ”em tudo”... (o tempo todo)

Dado à realidade de você discordar d’alguém
Em consequência de sua aversão a ele
(no que censura suas ações e palavras e modo de se portar)
... não quer dizer que você deve opor-se “sempre” a ele
(e co›ele a tod›hora discordar)

E o mais importante:
Não seja um “imitador” de quem você é apaixonado
Não procure ser uma “cópia-xerox” dele

Não perca a sua personalidade para querer incorporar a de alguém

Seja você mesmo
Seja somente você mesmo
Digo isto para o seu próprio bem

Seja hoje o que você é e, sobretudo, quem você é
Para que no futuro não venha a lamentar o passado
No que deixou de ser... e de viver [hoje]
(somente para ser e viver a vida de outro, perdendo assim o seu tempo)

Siga o meu conselho:
Seja fã de ti mesmo
E jamais fanático por alguém

Pois bem, o recado foi dado
E como diz Cristo Jesus:
« Qui habet aures, audiat»
«Quem tem ouvidos para ouvir, ouça» (Mateus 11:15)

Paulo da Cruz (Livro- Entre o Céu e a Terra)

Onírico amor lúdico

Marisa Sá & Roselves

Encontramos no mundo onírico,

o bem que pertence a sensibilidade,

a liberdade da imaginação,

a brisa que adentra a emoção.

A espontaneidade do sentimento,

tem encanto no pensamento,

ares multicores, esplendores ,

e a pureza dos valores.

E assim dar-se cor a poesia

com a dimensão da paz,

no lugar sagrado da alma,

onde se acorda a Inspiração.

Por entre pétalas e pérolas,

não há amor tão tanto,

amor revelador assim quanto,

o onírico amor lúdico!

O nosso mundo é uma fantasia,

Um sonho que se renova todo dia,

Poesias escritas com sensibilidade,

E que nos traz muita felicidade,

Sentimentos que encantam,

Expressiva emoção,

Lealdade e liberdade,

Em um mundo de verdade,

Cores que se multiplicam em tons,

Versos que se transformam em sons,

É a paz d'alma,

É uma sintonia que nos acalma.

Por entre aromas e sinfonia

Se encontramos em magia,

De um onírico amor lúdico,

A fantasia se transformou em realidade,

Se encontramos no universo,

E em pérolas se amamos em versos.

Dueto

que alegria trago nos olhos
vivo mais um belo natal
cada luz da cidade decorada
pisca para mim com esperança
de que voltarei a brincar
de que novamente farei peraltices
assim como pintar de azul os lábios do sol
ou quem sabe puxar a barba de papai noel
nasce o menino jesus
será meu maior amiguinho
nunca me deixará sozinho
me amará nas horas mais difíceis do meu viver
toca o sino no alto da igreja
famílias se abraçam
blém, blém, blém, blém
feliz natal aonde houver alguém

rosângela trajano

***

é natal e eu me sinto triste
perdi meu ursinho não sei onde
mamãe leu para mim um conto de fadas
nele o menino jesus gosta de brincar de bola
corre, pula e faz peraltices igual a mim
queria que ele fosse meu irmãozinho mais novo
para eu pegar na sua mão e o levar à casa do dragãozinho do meu sonho mais bonito
jesus se parece comigo
neste natal deixarei ele brincar com a minha bicicleta
eu somente vejo as pessoas
jesus vê o coração de cada uma delas
se ele olhar para o meu vai me abraçar forte
tenho um coração chorão que não suporta mais nada
seja o zero da lição
seja o não do paizão
ou até mesmo a dor da ingratidão
colocarei um bolso do lado do meu coração na camisa e dentro dele um peixinho
jesus vai se entreter e não verá este coração doído
afinal, é natal em mim, em você, nele e no mundo

rosângela trajano

***

Os amores da vida.

A vaidade faz juras a um único amor.
Liberta que sou, eu não.
Pois os meus, carrego todos no coração.

Amor não tem padrão.
Seja ele como for, igual ou diferente.
O que importa é o amor que a gente sente.

O amor da família é fraterno.
Nos protege e nos acalenta.
Levados por suas mãos, nos conduz e orienta.

O primeiro amor é ingênuo.
Doce, sonhador e inocente.
Em cada suspiro, nos faz acreditar que será para sempre.

Um dia de súbito o coração acelera.
É o amor da vida que chega para ficar eternamente.
Livre ele floresce, nunca se finda pois é semente.

Chegam os filhos, pacotinhos de amor.
Com eles a certeza que nenhum amor será maior que este.
Até descobrirmos nos netos nosso maior presente.

Ahhhhh, o amor dos avós…
Um aconchego que nos envolve e nos balança.
Mesmo quando adultos nos faz sentir crianças.

Dentro de mim trago a saudade.
De todos os amores que vivem comigo.
Deles tenho a paixão , a companhia e o abrigo.

Rose Sànchez

Dionísio (Indriso)

As cortinas se abrem

A plateia se cala

O espetáculo começa

Então, atuem

Não esqueçam as falas

Sintam a peça

O público agradece

Dionísio resplandece

(Sandra Laurita)

PULSAÇÃO

Uma alma inquieta
A Navegar sem meta
Como nuvens sem rumo
Como deuses em desaprumo.

Uma mente dividida
A tristeza escondida
Numa alegria que valsa
Com tudo aquilo que pulsa.

Um corpo no tempo
Da beleza ao farrapo
Precisa se deixar levar.

Um viver ventura
Boa ventura já assegura
O vazio que amargura.

Silvâni Silva

Rio de Janeiro

Chá de amor

Chá de amor se toma a dois.
As folhas dessa iguaria líquida
são concebidas a dois.
Leva-se tempo
para suas folhas
estarem verdes,
viçosas
e prontas
para serem colhidas.
Às vezes não...
Às vezes chegam prontas,
às vezes aparecem completas,
quando o casal de amados sabe
que se pertencem há eras
de afastamento...

Solineide Maria

Luminescências

A Tereza e Juliano

Ontem à noite vi muitas luzes
Luzes de colorido cintilante que delineavam de encanto
numerosos sorrisos e largos jardins.
No céu, apesar de nublado, brilhava algo especial
Um brilho tecnológico que construía desenhos no ar
Todos que ali estavam apreciavam com fascínio o espetáculo
Olhos infantes, sem muito questionar,
miravam felizes aquelas luzes sobre suas cabeças
Olhos maduros, ressabidos do tempo,
fitavam com perplexidade e deslumbre tamanha engenhosidade.
Naquela noite, primeira de muitas,
havia luz para cada coração
calor luminoso para abraçar a cidade
frente ao assobio do vento frio.
Havia comigo, naquele lugar, luminescência e afeto.

(Thalita Síntique)

Pronunciamento

Os meus versos foram interditados

Não há polidez em nada do que digo

Manifesto de antemão:

Amo teu sexo, tão igual ao meu

Amo a revolução em flâmula vermelha

Amo a subversão dos meus companheiros

Que sem medo das madrugadas

Não higienizam as suas bocas

Nem abortam o uivo estridente de seus versos.

Brado aqui e em outros cantos

Poemas que dizem de mim

E sem temer, regurgitam versos,

Ainda em carne viva,

Nas carrancas-faces dos que ignoram a minha existência.

Declaro em alto tom:

Não há limite para as palavras,

Interditados os meus versos,

Ficam as bocas tônicas dos que já me ouviram falar

Ficam os olhos-insone dos que decodificaram

O movimento errôneo e infame de minhas carnes

Porque junto aos meus versos habitam apenas os enxovalhados

Corpos desviantes

Que sem dar por seu julgo,

Ousam caminhar sobre outras superfícies

Para além dos cascalhos que mutilam seus pés.

Por hora, silêncio:

Este verso é meu e sem catracas-licenças

Emposto a voz e rasgo todas as metrificadas etiquetas

Partindo em disparada até a margem da linha

Para gozar nas reticências fronteiriças da página.

E lá, trincheira das palavras,

Limite dos poetas libertinos,

Cair numa hilariante catarse

Em face daqueles que escrevem raquíticos versos

Desnutridos de ação e insubmissas verdades.

Eu sou o poeta do tempo,

Infante cansado que renitente

Brinca e pisa,

Sem cuidados,

No solo faminto das caatingas-mentes ocas

E mudas de arte.

Eu sou o escriba do presente,

Alocado no ranger dos dentes-passos

Dos ditadores e comensais

Do panfleto cultural.

Eu sou o incomodo do sono, a poesia da sarjeta

A última gota antes do transbordar.

Higienizados os meus versos, ficam os *deslimites*

Das palavras que já escrevi:

Brado aqui e em outros cantos

Poemas que dizem de mim

E sem temer, regurgitam versos,

Ainda em carne viva,

Nas carrancas-faces dos que ignoram a minha existência.

(Thalita Síntique)

Convite

A D.M.

Vamos,
Diga que também me enxerga
Porque mesmo de longe eu te cuido
E toda noite quando pesa no travesseiro cabeça-lembranças
É com você que desejo estar.
Venha comigo contar estrelas
Mas comece por você, por seu rosto
Que é para mim céu, constelação de sinais,
Braille dos teus caminhos.
Venha logo e abra essa boca lábios-açaí
E me diga que sentiu o tempo passar bondoso e feliz
Fale de tempos de paz, fale de tempos de amor
Grite que está faminta e revele, sem censuras
que para amar quem se ama é preciso comer com as mãos
E coma com vontade.
Vamos,
Que logo é 22h e você tem que ir

E as minhas carências todas vão,
presunçosamente,
se revelar e negar a sua partida.
Chegue, Maurice
Que já é hora de vir comigo e usar os vocativos da intimidade nossa
Os mesmo que se construíram por entre tardes-brincadeiras
E gafes de língua presa – charme oculto que nutro.
Venha, porque há tempos quero te falar
Que o amiudar do dia e o fervor da noite somos nós.

(Thalita Síntique)

Thalita Síntique dos Santos, graduada em Letras Português (UFS) é estanciana, leitora, poetisa e intérprete, iniciou seu caminho artístico a partir da escrita e interpretação de textos líricos. Nesse sentido, participou e organizou concursos de poesia falada em Sergipe. É membro do Clube dos Poetas Estancianos; Cia de teatro Sociedade dos Incautos e do Grupo de pesquisa literária "Escrevivências de mulheres negras em diáspora" – UFS. Assim como, membro fundadora do grupo Mulher diVersos. Foi recentemente admitida na Academia Estanciana de Letras - AEL, ocupando a cadeira de número 18.

Um segundo do nosso despertar

A cada dia envelhecemos um pouco mais, e isso parece ser o fim de tudo, mas não, é o começo para uma nova vida que esta preste a encetar, não importa onde ela vá iniciar, o ponderoso é se sentir bem, é se sentir preparado para o recomeço, ou o começo de uma nova era. A fugacidade com que isso acontece é surpreendente, não reparamos o quanto o tempo passa, esquecemos de nos compor para essa nova vida que se aproxima. Quando olhamos para trás é que reparamos o quão distante ficou a primeira dança, o primeiro beijo, o primeiro amor, o primeiro olhar, percebemos que a nossa existência esta por um fio, ou preste a recomeçar! Assim é o nosso agora; o brilho do sol parece se enfraquecer, mas olvidamos que ao invés de atenuar, ele será capaz de ficar mais forte, mais brilhante, cintilante, colorido em nosso orbe eterno. Isso não é envelhecimento, nem stress, pois a vida terrena, é dimensão espiritual que Deus ao nosso lado nos proporciona para se fazer a transição na luz clarificante da calmaria. Na gloria do olhar desmesurável do imenso, indeterminável e infindo, concluímos que viver é só um momento é um segundo do nosso despertar.

Walter Cintra de Souza Lim

(TCintra)

Deus é Amor

Como é suprema a natureza
Vamos viver com harmonia
Zelando pela sua grandeza
Ter conosco é uma primazia

Deus deixou tudo no lugar
Fez a terra com os amantes
O céu, o sol, a lua e o mar
Estrelas no piscar brilhantes

Fez florescer lindas florestas
Deu vida aos seres animais
Doou riquezas com reservas
Doou os tesouros minerais

Não precisamos de mais nada
Apenas simplesmente amar
Nossa terra tem que ser amada
Ou vamos ver tudo se acabar

Zédio Alvarez

Resenha

RESENHA

CAMPOS, Sidelia. O silêncio vivo da palavra. Rio de Janeiro, RJ: Leia Livros, 2020.

"Nós não nos conhecemos, porém penso que as minhas poesias falarão muito de mim. Caso tivéssemos nos encontrado, você não iria me conhecer tanto!". Essa foi a dedicatória que li ao receber o livro *O silêncio vivo da palavra,* da poetisa carioca Sidelia Campos. Realmente, a escrita é tão subjetiva que revela muito de seu autor, mas não podemos nos deixar enganar por essa impressão. Autor e eu lírico são elementos da poesia que, por mais que estejam intrincados na mesma pessoa, jamais nos revelarão a essência do eu sujeito de quem assinou a autoria de uma obra.

O que poderei registrar na análise dessa obra são minhas impressões sobre as impressões da autora, tentar captar suas emoções no ato de composição de cada poema e interagir com ela por sentimentos que nos aproximam, em relação a cada temática, pois, como afirma Wolfgang Iser "a relação autor/texto/leitor é como um jogo, que não se ocupa do que poderia significar, nem de retratar nada fora de si próprio". E nesse jogo, como leitora, apenas movo as peças de minhas emoções e do contexto social a que estou inserida para atribuir um sentido a minhas leituras.

O "silêncio" está presente nas entrelinhas de cada poema e demarca momentos de introspecção e de reflexões sobre a vida, de euforia e de abandono, de revolta social e de impotência, de sentimentos impregnados de sentido, utilizados por Sidelia para que o jogo de palavras se torne, realmente, "vivo" e contém toda a amplitude do olhar peculiar da autora, em seu interior e em sua relação com o mundo.

A obra ainda contempla vários poemas cuja temática é o mar e a sinestesia expressa por eles nos faz navegar, tanto na imaginação quanto nas ondas desse mar de ideias que se condensam em poemas que transmitem uma sensibilidade ímpar. Isso revela-nos a identificação da autora com o lugar onde vive, pois como afirma o psicólogo francês Enric Pool (1996) "as pessoas, individualmente ou de forma coletiva, necessitam identificar territórios como próprios, para construir sua personalidade, estruturar suas cognições e suas relações sociais, e ao mesmo tempo suprir suas necessidades de pertença e de identificação".

Aspectos que envolvem elementos da natureza também estão, fortemente, presentes na obra e representam uma sincronia com a simplicidade da vida, com a paz que ela propicia, tão necessários para combater o agito da vida moderna. Esse ambiente possibilita momentos de reflexão e de concentração, no silêncio das palavras que se recolhem para, encubadas, em espera, surgirem num n ovo poema com novos significados e com maior força expressiva.

Os poemas desse livro, que condensam *O silencio vivo da palavra* revelam toda a força expressiva de uma mulher sensível, na complexidade dos flashes da vida. São poemas sensoriais e imagéticos que nos tocam profundamente e revelam os nuances das emoções em um caleidoscópio de cores, refletidos na descrição dessas cores que se impregnam em nós para olharmos o mundo pelo olhar de Sidelia.

Por Cleusa Piovesan

Escritora/ poetisa/ Mestre em Letras

Roteiros
(Peças teatrais)

ERA SÓ MAIS UM SILVA

Por Mauricio de Oliveira Silva[1], Vitória da Conquista – Bahia, 2022.

Resumo: Esta é uma peça teatral para dramatização em espaços educativos formais e informais, serve para peças e gravações de curtas-metragens e tem como objetivo levar os envolvidos a uma reflexão sobre o perigo das drogas dentro da sociedade, principalmente na adolescência. Sabe-se que o mundo das drogas envolve questões socioculturais e econômicas e que a prevenção ao seu uso é um dever de todos os envolvidos nos processos educacionais, além de todo o cidadão, dessa forma, essa obra foi criada em uma perspectiva não apenas para criminalizar o usuário, mas também para demonstrar e fazer uma reflexão de como a sociedade encara as pessoas que ficam dependentes das drogas.

Palavras-chave: Prevenção às drogas. Sociedade. Reflexão.

PERSONAGENS:

Marcelo, estudante.

Sérgio, professor.

Lalesca, namorada de Marcelo.

Fernando, amigo de Marcelo.

Xerlaine, amiga de Marcelo.

Kauã, amiga de Marcelo.

Jorge, amigo de Marcelo.

Ana, estudante da mesma escola de Marcelo.

Marina, estudante da mesma escola de Marcelo.

Jefferson, estudante da mesma escola de Marcelo.

Felipe, estudante da mesma escola de Marcelo.

Flávia, amiga de Lalesca.

Joana, amiga de Lalesca.

---

1 Doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (UNIVASF), Mestre em Ciências Ambientais (UESB), Especialista em Educação e Direitos Humanos (Alfa América), licenciado em Ciências Biológicas (UESB). m.osilva@hotmail.com

Judite, mãe de Marcelo.

Helisa, mãe de Felipe.

Policial.

Traficante.

Figurantes.

ÉPOCA: presente; **LUGAR DA CENA:** Periferia de Vitória da Conquista, BA.

Narrador: [*O próprio Marcelo em uma terceira pessoa com a música Rap do Silva do MC Marcinho ao fundo.]* - Olá, sou o Marcelo Silva, e vou contar a minha história pra vocês, é parceiro, quando "nós nasce" do lado de cá, do lado que a arminha do dedo aponta, as coisas são diferentes, mas eu fiz algumas escolhas que não me orgulho muito não.

PRIMEIRO ATO

[O professor Sérgio fala aos alunos na sala de aula]: - Bom dia, alunos, hoje vamos estudar sobre sistema nervoso, abram o material que vamos resolver algumas questões da página 5.

Marcelo:- Amor, vou sair mais cedo, tá?

Lalesca: - Tá bom, você vai para onde?

Marcelo: - Vou resolver umas paradas aí.

Lalesca: - Tá bom, amor, vou terminar a atividade e você faz depois.

Fernando:- Espera aí, Marcelo, também vou com você.

Marcelo:- Então vamos lá, brother, já é!

Lalesca: - Tá esquecendo de nada, não?

Marcelo: - Ah é! [*Dá um beijo em Lalesca e diz tchau*.]

Fernando:- Ih, tá apaixonado, vamos lá, partiu. *[Os dois saem da sala.]*

CENA DOIS: ENCONTRO COM OS AMIGOS PARA USAR DROGAS

[No pátio da escola, Marcelo e Fernando conversam.]: -Pô, mano, aula chata do

caramba.

Fernando: - Pois é “véi”, sistema nervoso é meu ovo.

Marcelo: - Bora lá, vamos ali na praça ver os parças.

Marcelo: - Bora!

[Ao chegarem na praça encontram Xerlaine, Kauã e Jorge.]

Xerlaine: - Aí meus brothers, cola cá com “nois”, tem uma parada “mó massa” pra ‘nois’.

Marcelo: - Ôh, vamos lá, já é.

Fernando: - É da boa? Tá mofada não, né?

Kauã: - Esse é do bom, parceiro, da maior lombra.

Jorge: - Vamos lá, dá um tapa na pantera aí, ‘mermão’.

[Eles acendem uma droga e vão passando no grupo. Marcelo experimenta e tosse. Todos dizem].

- Olha, cabaço, aguentou não. *E riem*.

Kauã: - É menino criado com suco de pera.

Xerlaine: - Menino de condomínio, mano.

Jorge: - Dá mais um tapa, mano.

[Marcelo insiste, usa a droga e tosse. Todos ficam rindo.]

CENA TRÊS: A NAMORADA CONVERSA COM ALGUMAS AMIGAS

[Na sala de aula de aula, Lalesca conversa com Flávia e Joana.]

Lalesca: - Gente, Marcelo não vem tem alguns dias, sumiu.

Flávia: - Vi ele com umas pessoas aí que dizem que... sei não, hein...

Lalesca: - Diga mulher, quer me deixar doida?

Joana: - Ela quer dizer que são maconheiros.

Lalesca: - Aí meu Deus, meu Marcelo não, mulher.

Flávia: - Mana, o babado é certo.

CENA QUATRO: MARCANDO A FESTA

[Um grupo de alunos conversam na quadra de esportes da escola sobre a festa de arrocha que vão após a aula.]

Ana: - E aí pessoal, vamos colar no arrocha do Zé Bombom, né?

Marina: - "Simbora" nega, já tô com a roupa de ir.

Jefferson: - Ôh, na hora, esse reggae é top.

Felipe: - Sei não, gente, eu preciso estudar, sabe? Fui mal em matemática.

O grupo: - Quieta moço, estudar pra quê? Vamos com nós, é ficha!

Felipe: - Não é assim não, mas vou pensar.

Jefferson: - Oxe, a gente dá uma pescada na prova, dá nada.

Marina: - Pois é, relaxa, depois de nós é nós de novo.

Felipe: - Então fechou, vou com vocês.

CENA CINCO: CONVERSA COM A MÃE DE MARCELO

[Lalesca vai à casa da mãe de Marcelo, dona Judite e as duas conversam.]

Lalesca: - Oi, tia, onde o Marcelo está? Ele sumiu.

Judite: - Oh, "mia fia", eu não sei, ele sumiu de casa, saiu com a tv e depois disso nunca mais apareceu aqui.

Lalesca: - Mas tia, eu tô com tanta saudade.

Judite: - Nem me fala, meu bem, eu que sou mãe estou com o coração apertado, ouvi dizer que ele estava na rua da quebrada.

Lalesca: - Vamos lá, então.

Judite: - Vamos.

[*As duas saem de casa para procurar Marcelo.]*

CENA 6: ENCONTRO COM MARCELO

[Judite e Lalesca caminham na rua e avistam Marcelo na calçada todo desgrenhado e

correm gritando.] - Meu filho! - Meu amor! - Meu filho!

[Ao encostarem em Marcelo, ele começa a tentar afastá-las.] - Sai caramba, saí mano, vaza daqui, vaza! [*Mãe e namorada tentam contê-lo, mas, Marcelo as empurram e sai correndo.]*

CENA SETE: A FESTA

[Várias pessoas na festa de arrocha fazendo coreografia (sugestão de música, Chora guitarra – Novo Ton, pela representação da Bahia). Marcelo e Felipe dançam perto um do outro. Porém, a polícia entra gritando e com armas.]: - Parou, parou, vaza, vaza, filho de uma égua.

[*Há uma grande confusão e acabam capturando Felipe no lugar de Marcelo*.]

CENA OITO: A MORTE DE FELIPE

[Felipe aparece com uma sacola na cabeça, a polícia bate e grita com ele.]: - Vamos, vagabundo, é você que é o Marcelo, não é?

Felipe: - Não, senhor, não sou eu, sou Felipe! Me solta pelo amor de Deus.

Policial: - Nada, você vai morrer! vai morrer!

Felipe: - Não, por favor, não faz isso comigo não, sou estudante, liga para minha mãe.

[A cena fecha, em tela preta, sons de tiros.]

CENA NOVE: A ENTRADA NA VIDA DE CRIMES DE MARCELO PIORA

[Várias pessoas estão comprando drogas em uma boca de fumo.]

Usuário: - E aí brother, dá uma erva aí, tô doido pra dar um tapa na pantera.

[O dono da boca entrega a droga e recebe o dinheiro. Após o grupo sair, Marcelo chega e bate à porta. O traficante abre.]

Marcelo: - Mano, vende uma parada aí, a lombra tá acabando, tô ficando careta, já.

Traficante: - Você tá devendo aqui na boca, malandro, o chefe mandou um áudio aqui, ouve.

[Marcelo pega o celular e ouve o áudio em uma rede social.]: - Se o filho de uma cadela

do Marcelo aparecer aí, já sabe, né? Se ele não pagar hoje, vamos passar ele. *[Diz a voz ao telefone pela rede social].*

O traficante: - Então, Marcelin, como você é um mano das antigas, vou te dar uma chance, pega essa arma aqui, tem uns 'playba' que ronda por aqui, dá pra você pescar.

[Marcelo pega a arma e saindo de cena diz.]: - Valeu, mano, vou te pagar hoje ainda.

CENA DEZ: O ASSALTO

[Em uma rua vazia, Marcelo espreita um rapaz que passa com celular, ele surpreende o rapaz silenciosamente.] - Perdeu, perdeu! [*Dá um tapa no rapaz e toma o celular*.] - Vaza, vaza, pangaré!

[O rapaz corre e encontra um grupo de homens que perguntam o que aconteceu.] - Fui roubado. *Diz ele.*

O grupo pergunta: - Onde foi? onde foi? vamos lá, vamos lá!

O rapaz: - Ali mano, ali!

[O grupo vai em direção à rua, encontra Marcelo que se lamenta de ter assaltado o rapaz, o grupo parte pra cima, o derruba e dão vários chutes e murros, o que acaba matando-o por linchamento.]

CENA ONZE: O FIM TRÁGICO PARA UM INOCENTE

[Em casa, a mãe de Felipe, recebe uma ligação.]: - Dona Helisa?

Dona Helisa: - Sim.

Voz ao celular: - Então, dona Helisa, a senhora é mãe do Felipe Ramos Silva?

Dona Helisa: - Sim, por quê?

Voz ao telefone: - Bem, a senhora sabe como as coisas estão violentas, né?

Dona Helisa: - Sim, moço, pelo amor de Deus, meu filho Felipe não…

Voz ao telefone: - Infelizmente, ele morreu numa operação policial.

Dona Helisa chorando e gritando: - Mentira! Não, meu Felipe não, meu Felipe não! Meu Deus, meu Deus, me leva junto!

CENA DOZE: MORTE DE MARCELO

[A mãe de Marcelo e a namorada caminham na rua e o avistam caído morto na rua. Correm gritando.]: - Meu filho! meu amor, meu amor!

Judite: - Meu Deus, por que me abandonaste?

Lalesca: - Meu amor, meu amor, eu não sei mais viver.

[As duas choram sobre o corpo desfalecido. A mãe afaga o rosto do filho, Lalesca dá um último beijo de despedida.]

Narrador:

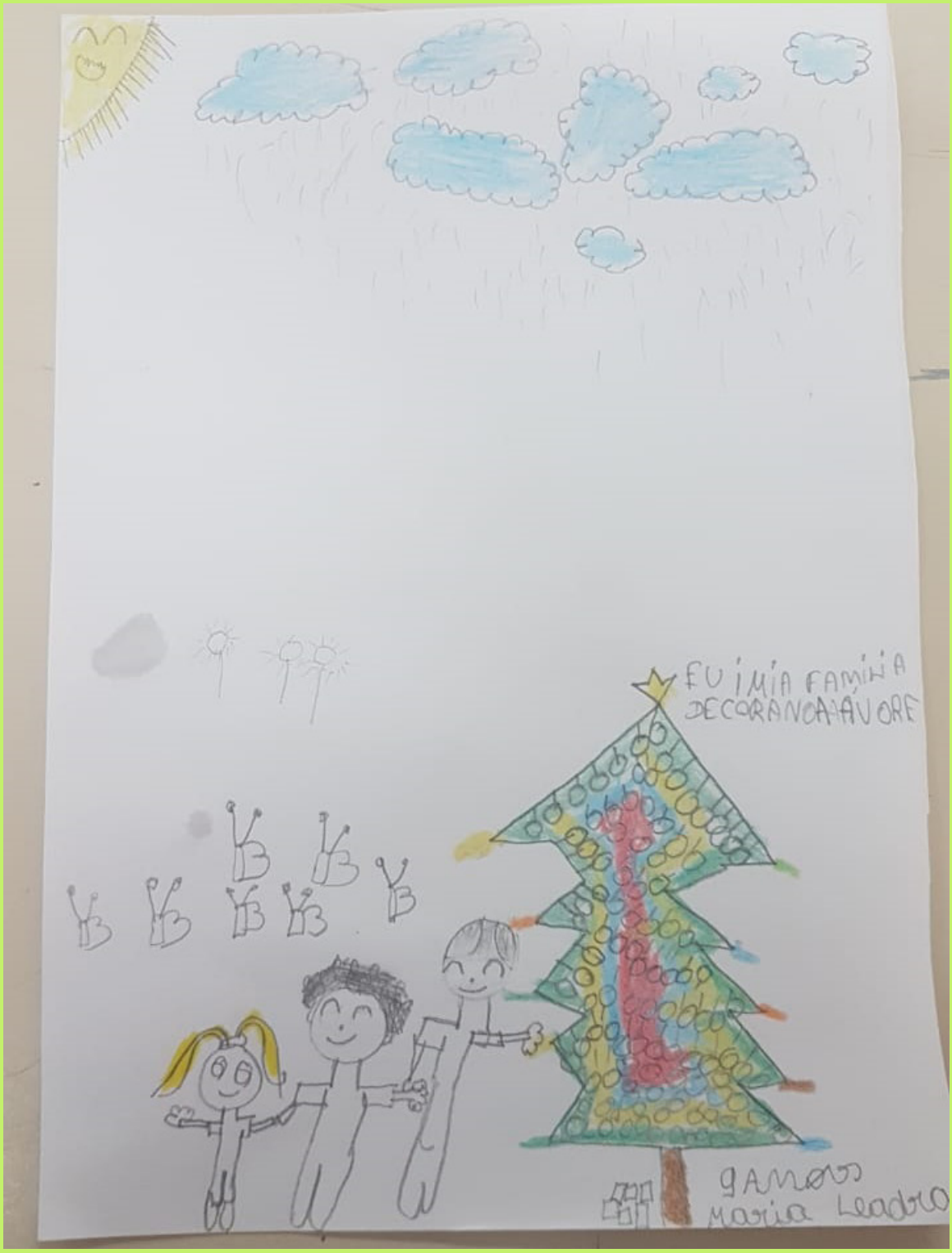
Bem, essa é minha história, não tem final feliz, nem para mim, nem para Felipe, muito menos para nossas famílias e amigos. Mas, é isso, fiz minha escolha, troquei tudo que tinha pelo que me preenchia, mas o que me preenchia não era amor, era ilusão. era só mais e mais, desejo vazio, de sonhos roubados, dor e agonia. Dizem que a vida é feita de escolhas, parceiro, uma escolha pode mudar seu caminho, eu escolhi, mas a vida não mais me escolheu, porque eu era só mais um Silva, hoje sou estatística.

[Música triste ao fundo, sugestão Bird York - In the Deep.].

Barbantinha

Especial escrito por crianças

ANO II - NÚMERO 17 -DEZEMBRO DE 2022



Carta aos pequenos e pequenas leitores(as)

Querida criança, estamos bastante felizes por ter você aqui! A Barbantinha tem como objetivo estimular a leitura, a escrita, o desenho e a criatividade. Todo mundo pode tornar-se um artista! É só pegar um lápis e um papel e soltar a imaginação! Vamos lá?!

O nosso desejo é o de recebermos muitas colaborações de crianças do mundo inteiro que queiram mostrar os textos que escrevem e suas pinturas e desenhos. Por isso, pedimos aos pais, às mães, responsáveis, professores e professoras que incentivem suas crianças na arte da escrita e do desenho, para que possam compartilhar conosco dessa alegria.

A Barbantinha foi presenteada nesta edição com a imagem de capa de Maria Leandra, 10 anos, moradora da cidade de Natal, Rio Grande do Norte, estudante da Escola Municipal Henrique Castriciano. Agradecemos à Maria Leandra e à sua professora Fátima Leite por nos proporcionarem esta alegria.

A nossa Barbantinha está recheada de ilustrações das crianças da Escola Municipal Henrique Castriciano da cidade de Natal, Rio Grande do Norte. Fruto da parceria desta revista com a equipe pedagógica da escola. Agradecemos especialmente à professora Fátima Leite. Também temos uma ilustração de uma criança que vem do estado de Sergipe.

E para alegrar mais ainda as páginas da Barbantinha que sempre abriu espaço para crianças com deficiências, trazemos as ilustrações de Benício Lima de Oliveira de apenas 02 anos de idade enviadas pela sua mamãe. Agradecemos bastante aos dois.

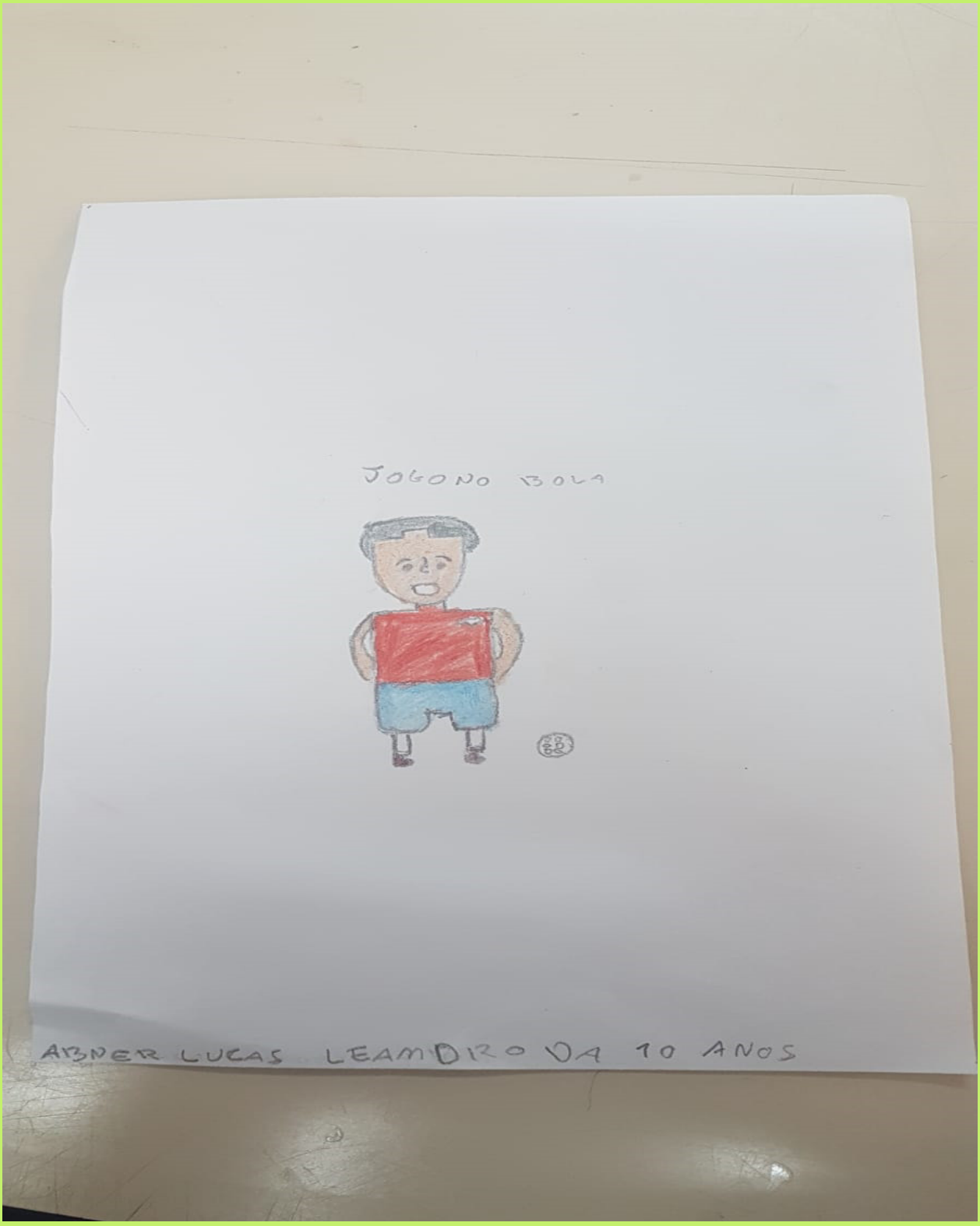
Venham, meninos e meninas brincarem de ser barbantes junto conosco!

Um abraço,

As editoras.

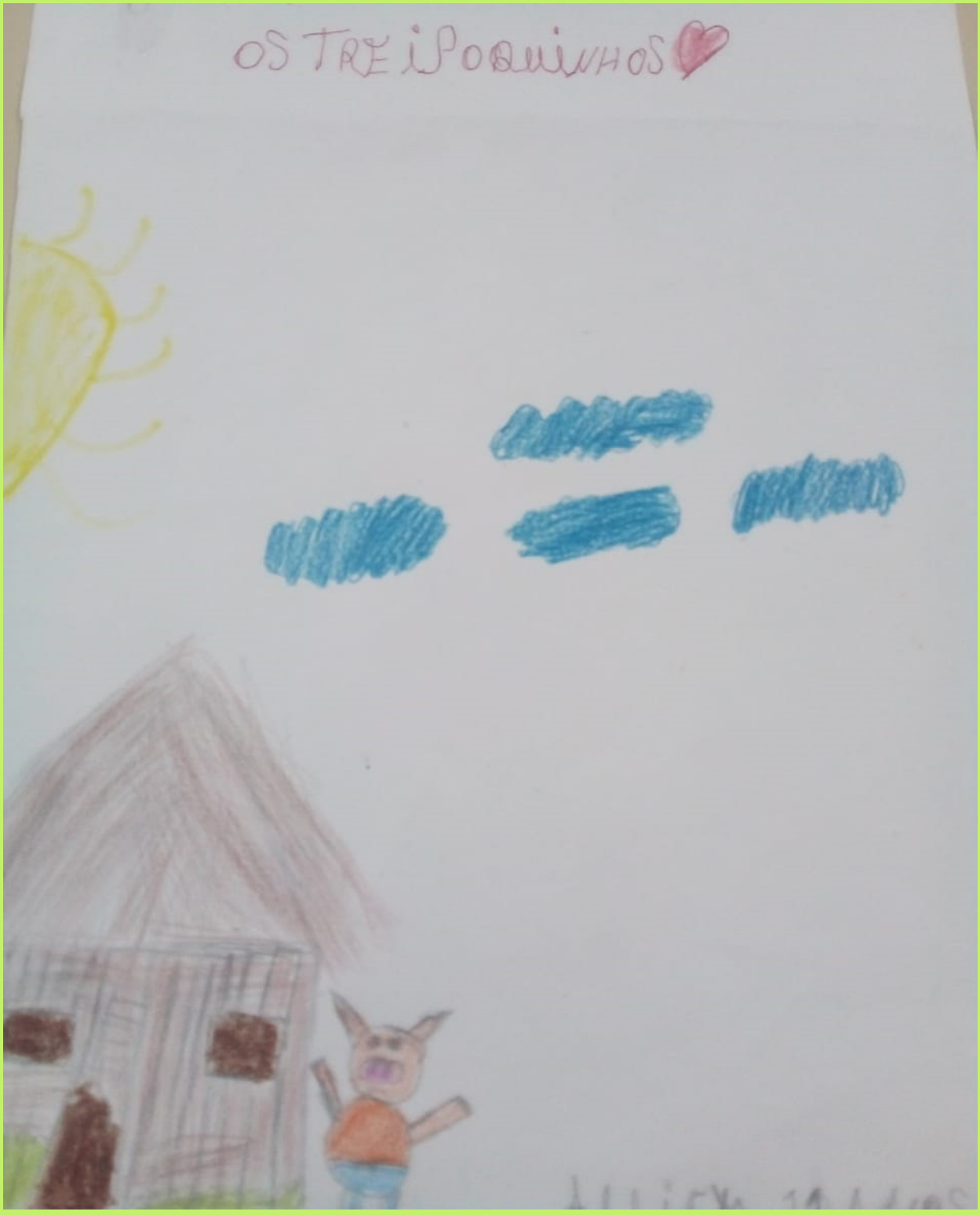
Ilustrações

Abner Gabriel
10 anos
Natal-RN



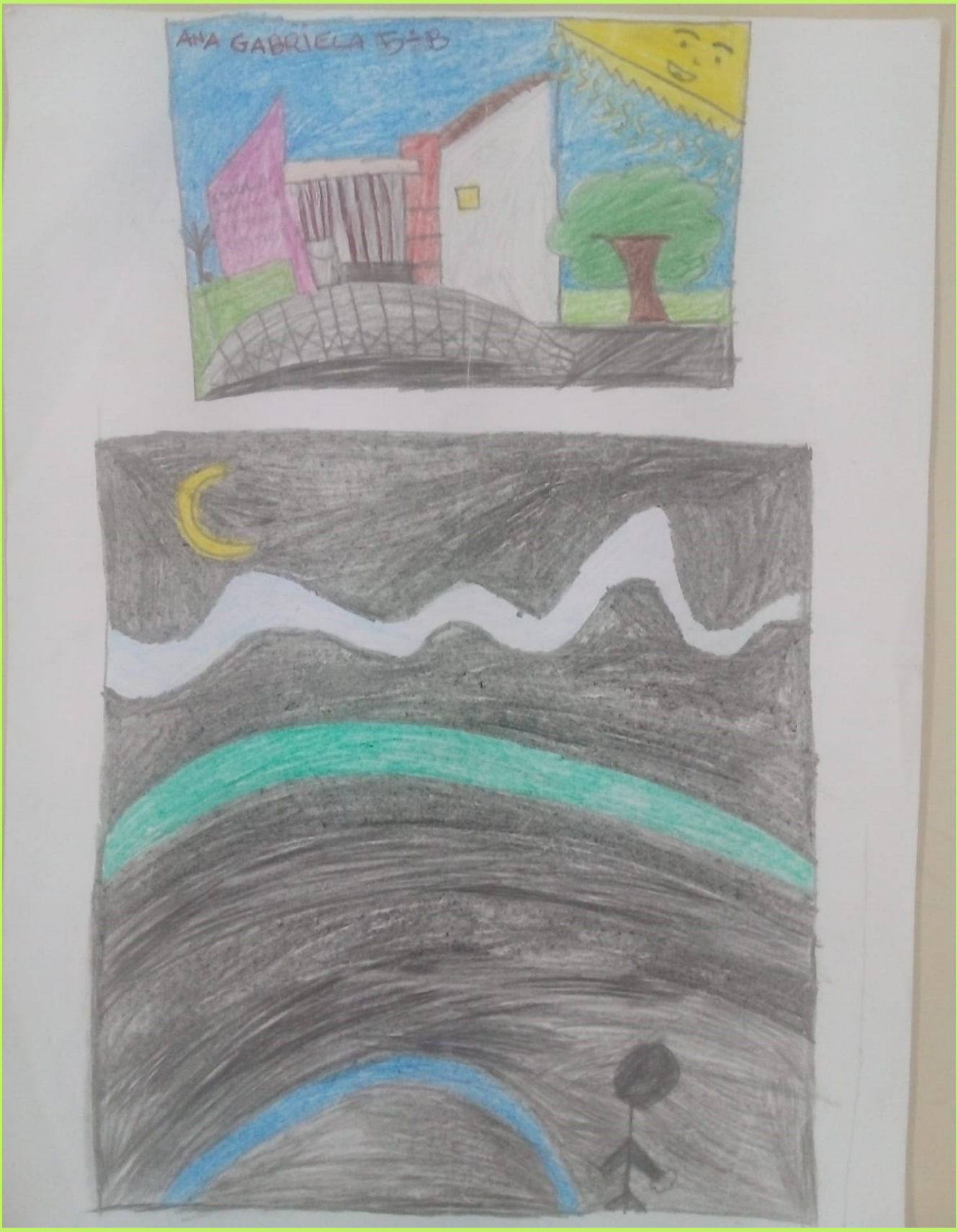
Abner Lucas
10 anos
Natal - RN

ALLANA YNGRID
- 09 ANOS -
NATAL-RN



Allicya -
11 anos -
Natal-RN

AMANDA RAPHAELLA -
09 ANOS -
NATAL-RN

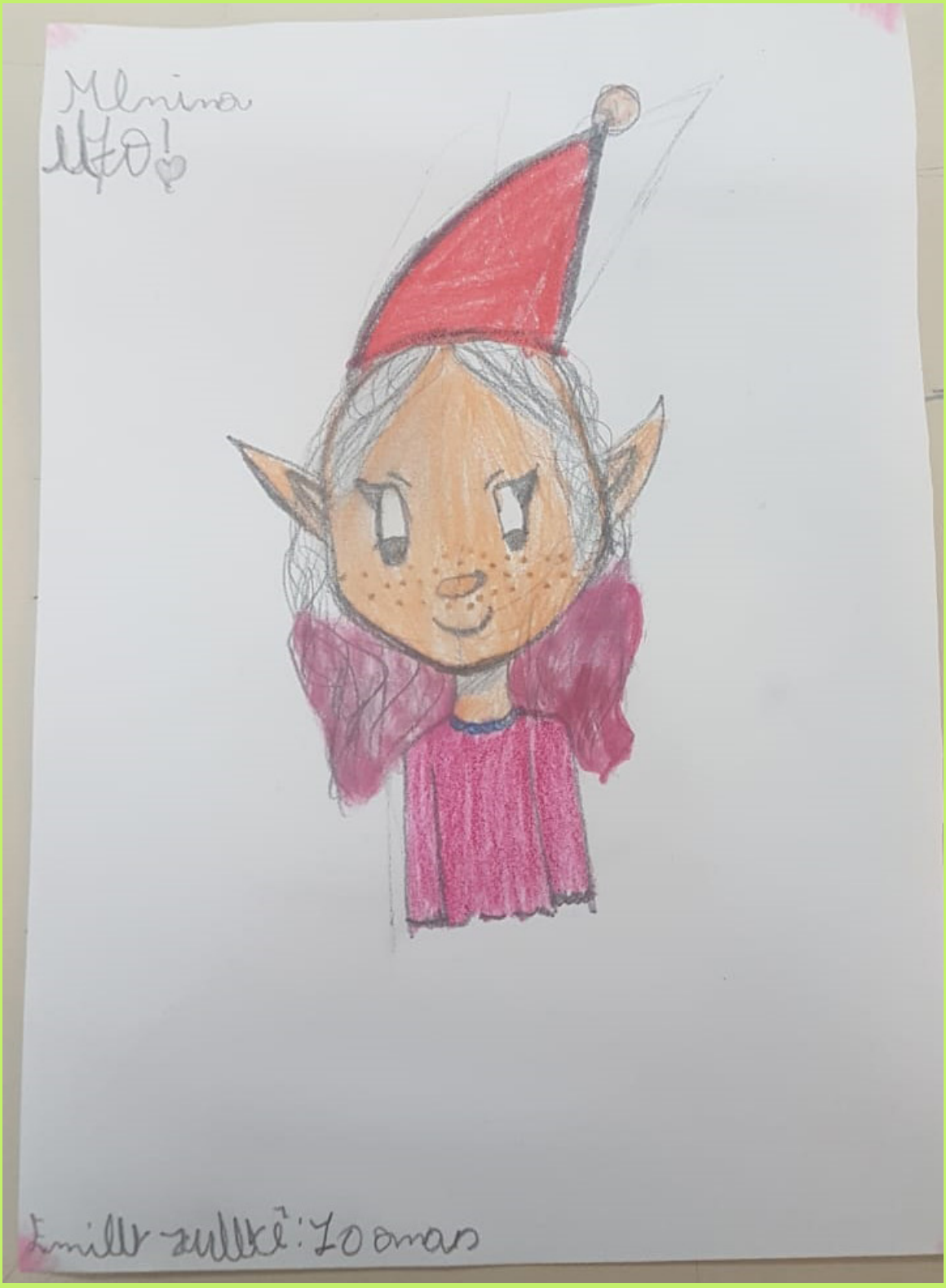


ANA GABRIELA -
10 ANOS -
NATAL-RN

ANA VITORIA -
10 ANOS -
NATAL-RN

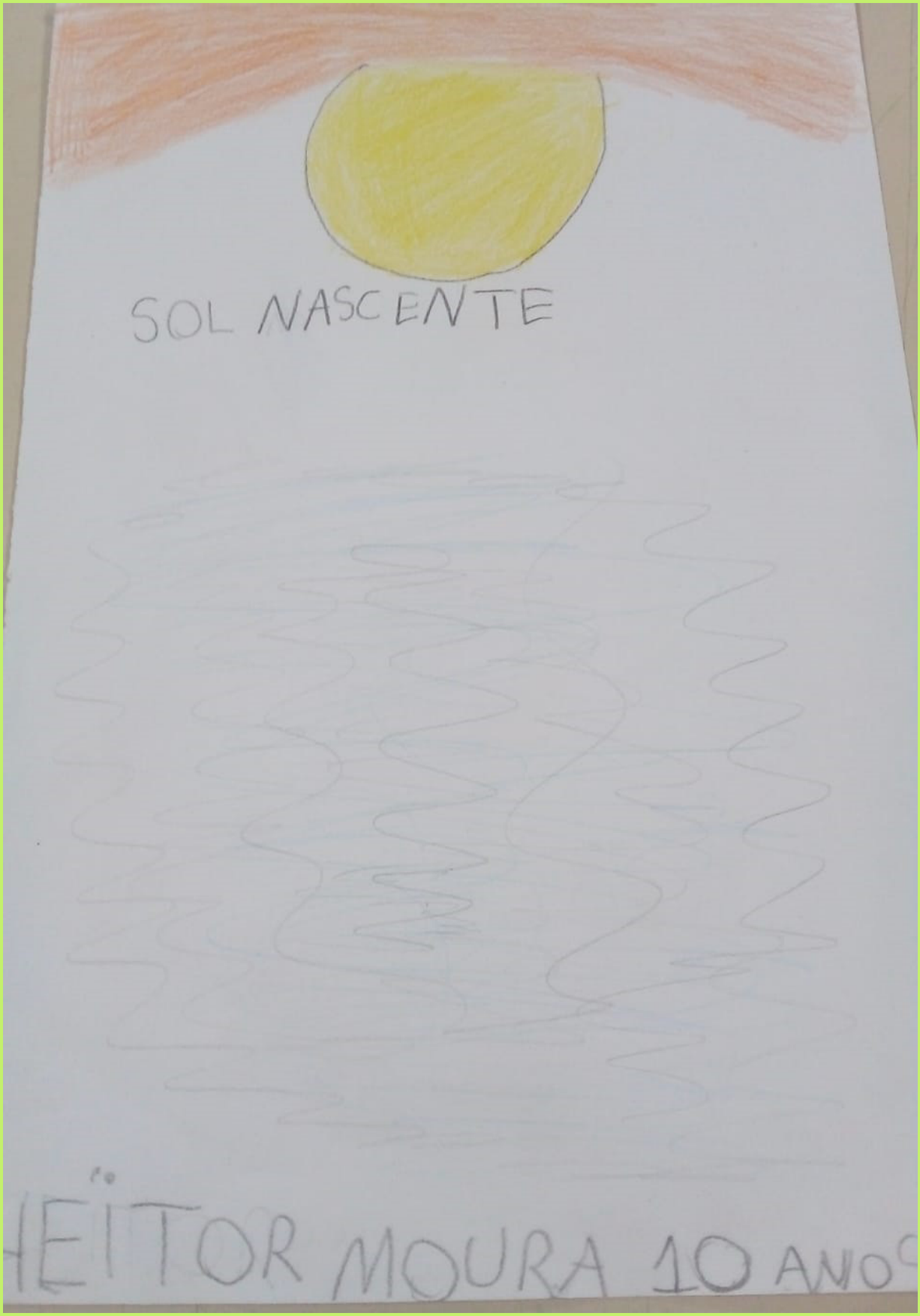
Arthur Felype -
10 anos -
Natal-RN

EMILLY BEATRIZ -
10 ANOS -
NATAL-RN



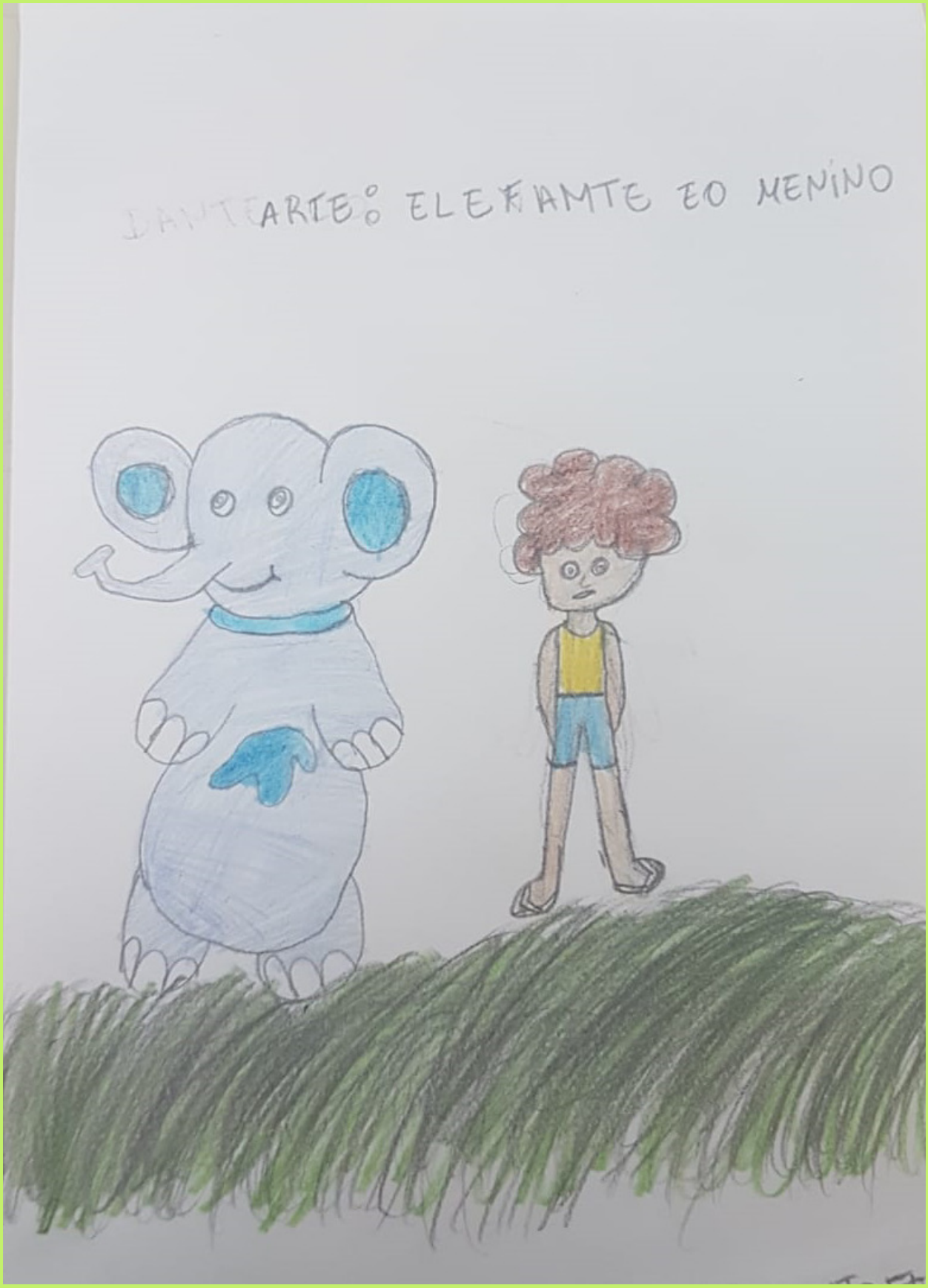
EMILY JULIÊ -
10 ANOS -
NATAL-RN

ENZO -
10 ANOS -
NATAL-RN

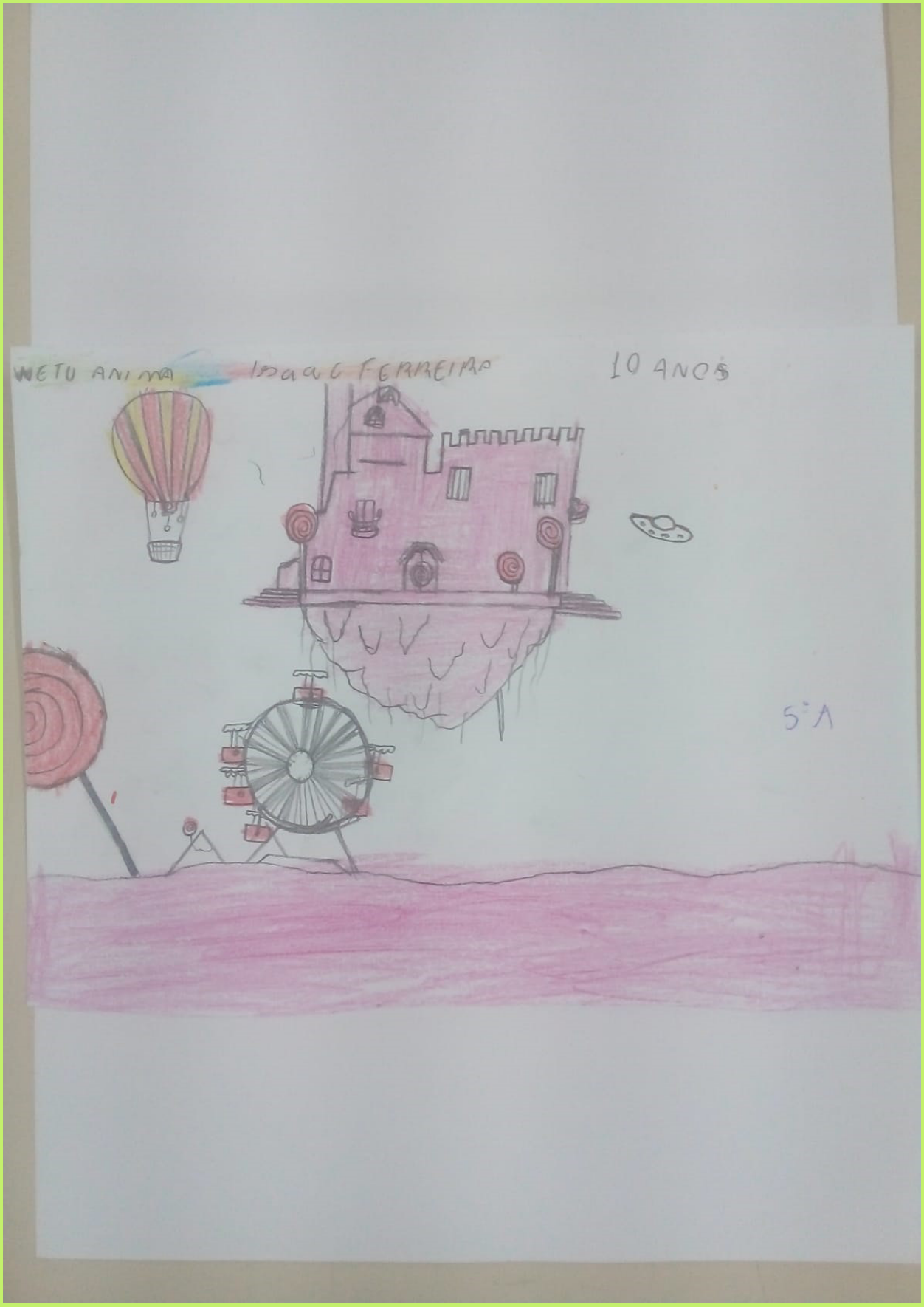


HEITOR -
10 ANOS -
NATAL-RN

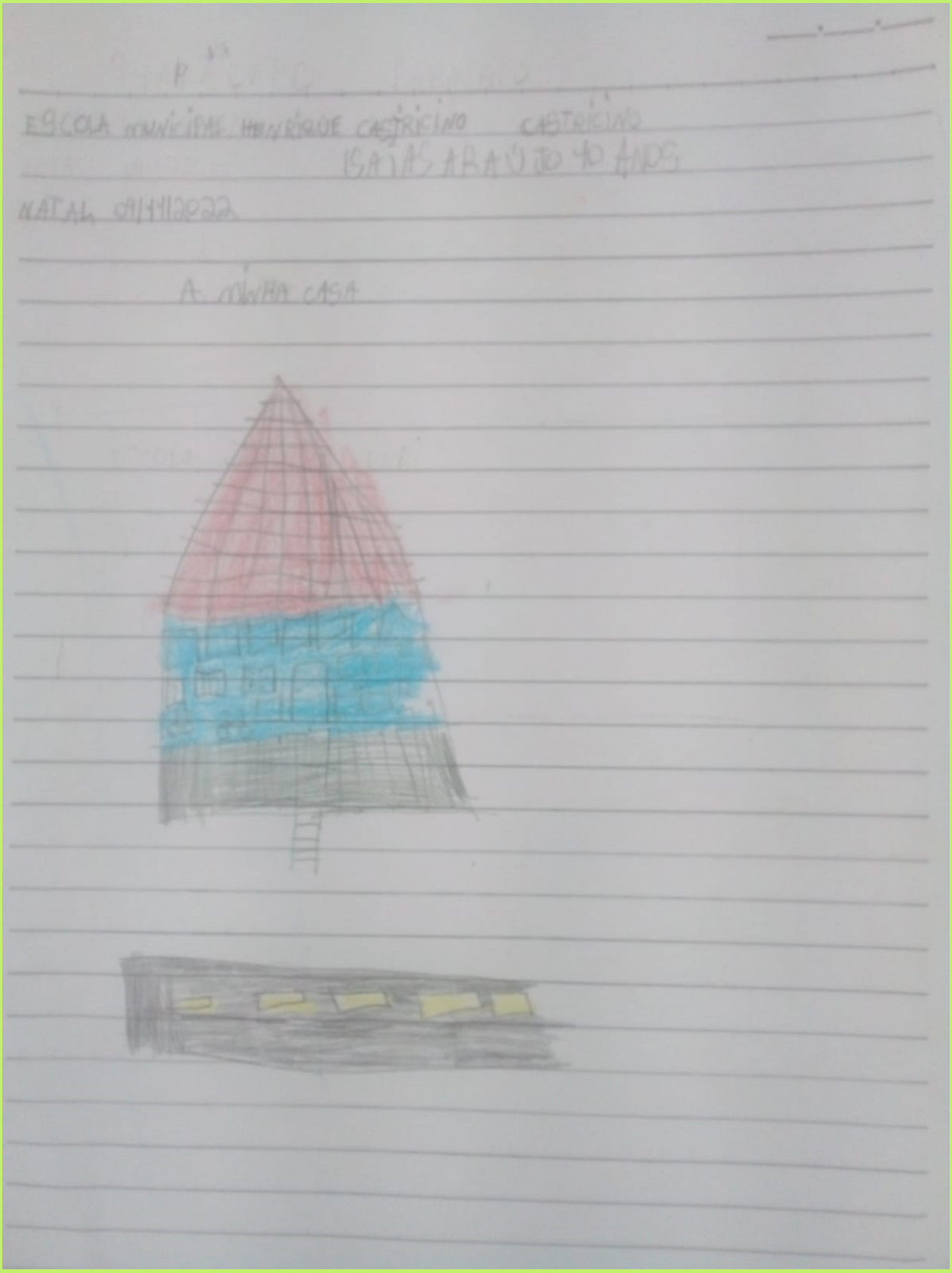
ICARO -
09 ANOS -
NATAL-RN



IRISLENE -
10 ANOS -
NATAL-RN



ISAAC FERREIRA -
10 ANOS -
NATAL-RN



ISAIAS ARAUJO -
10 ANOS -
NATAL-RN

JASMIM SANTOS -
10 ANOS -
NATAL-RN

Escola municipal Henrique Castriciano
Natal, 09 de novembro de 2022
aluno: João Guilherme
Produção textual

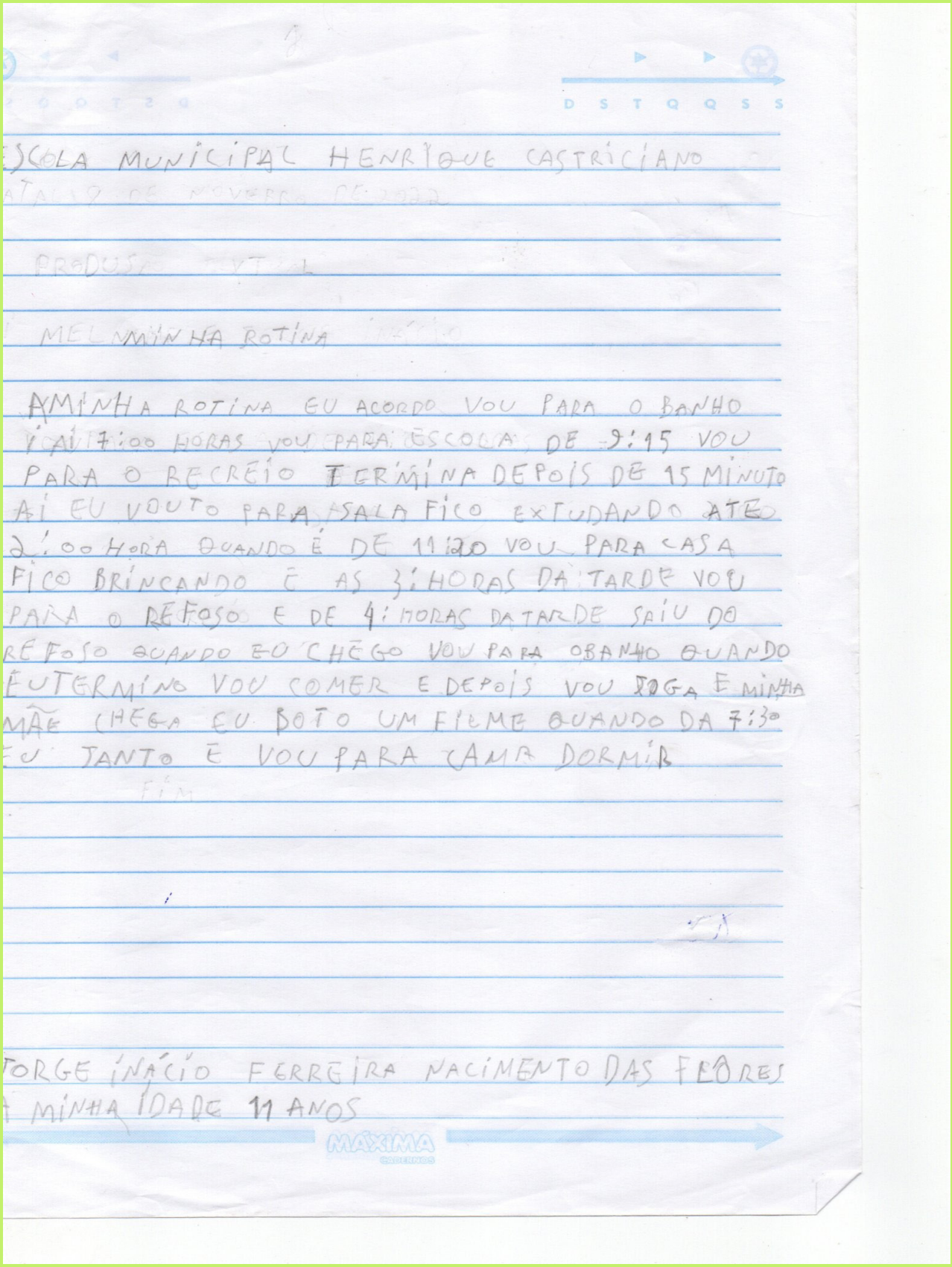
Minhas Coisas preferidas

Minhas coisas preferidas, a minha cor é preto como escuridão, bosto de vermelho como coração, meu passatempo preferido é musica adoro mim espresar a parti da musica, adoro ler, Livros de romance
Adoro filmes de terror, principalmente series minhas serie preferida claramente é stranger thinsgs, minha matéria preferida é portugues claro né
Amo andar de skete enquanto escuto musica inclusive minha musica favorita e i WANNA BE YOU, star boy, minha banda preferida é THE WENKEE eu amo mas é isso, tudo o que você precisa saber sobre mim.

aluno: João Guilherme Santana / idade: 11 anos

JOÃO GUILHERME -
11 ANOS -
NATAL-RN

JOÃO VICTOR -
10 ANOS -
NATAL-RN



ESCOLA MUNICIPAL HENRIQUE CASTRICIANO

PRODUÇÃO TEXTUAL

MEU MINHA ROTINA

A MINHA ROTINA EU ACORDO VOU PARA O BANHO
AI 7:00 HORAS VOU PARA ESCOLA DE 9:15 VOU
PARA O RECREIO TERMINA DEPOIS DE 15 MINUTO
AI EU VOUTO PARA A SALA FICO EXTUDANDO ATE
2:00 HORA QUANDO É DE 11:20 VOU PARA CASA
FICO BRINCANDO E AS 3: HORAS DA TARDE VOU
PARA O REFOSO E DE 4: HORAS DA TARDE SAIU DO
REFOSO QUANDO EU CHEGO VOU PARA O BANHO QUANDO
EU TERMINO VOU COMER E DEPOIS VOU JOGA E MINHA
MÃE CHEGA EU BOTO UM FILME QUANDO DA 7:30
EU JANTO E VOU PARA CAMA DORMIR

FIM

JORGE INÁCIO FERREIRA NACIMENTO DAS FLORES
A MINHA IDADE 11 ANOS

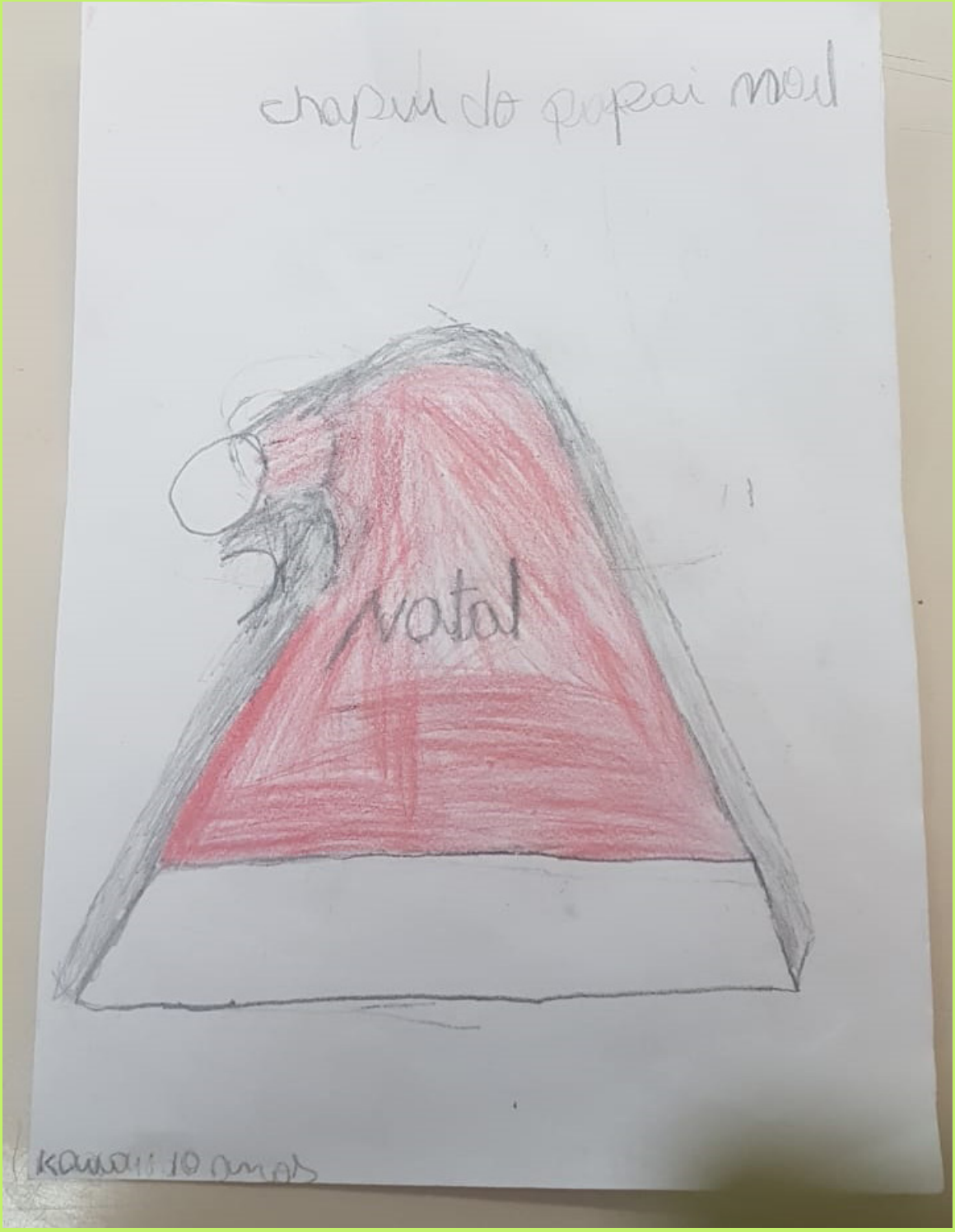
JORGE INÁCIO -
11 ANOS -
NATAL-RN

PROF. MÁGICA

A MINHA PROFESSORA E MARAVILHOSA ELA E LEGAL, ELA CONSEGUE DEIXAR UM MONTE DE GENTE QUIETA OU SEJA ELA E MAGICA ELA E BRIGONA MAS CONTINUA SENDO UMAS DAS MELHORES PROFESSORA DO MUNDO, ELA TAMBEM NÃO PARECE QUE ELA TEM 48 ANOS, ELA GUARDA COISAS EM UM BAÚ DREMIRO DO BAU DELA ELA GUARDA BONECAS, TELEFONE, MOEDAS & MUITAS MAS, E AINDA TEM APELIDO QUE NAO VOU FALAR.

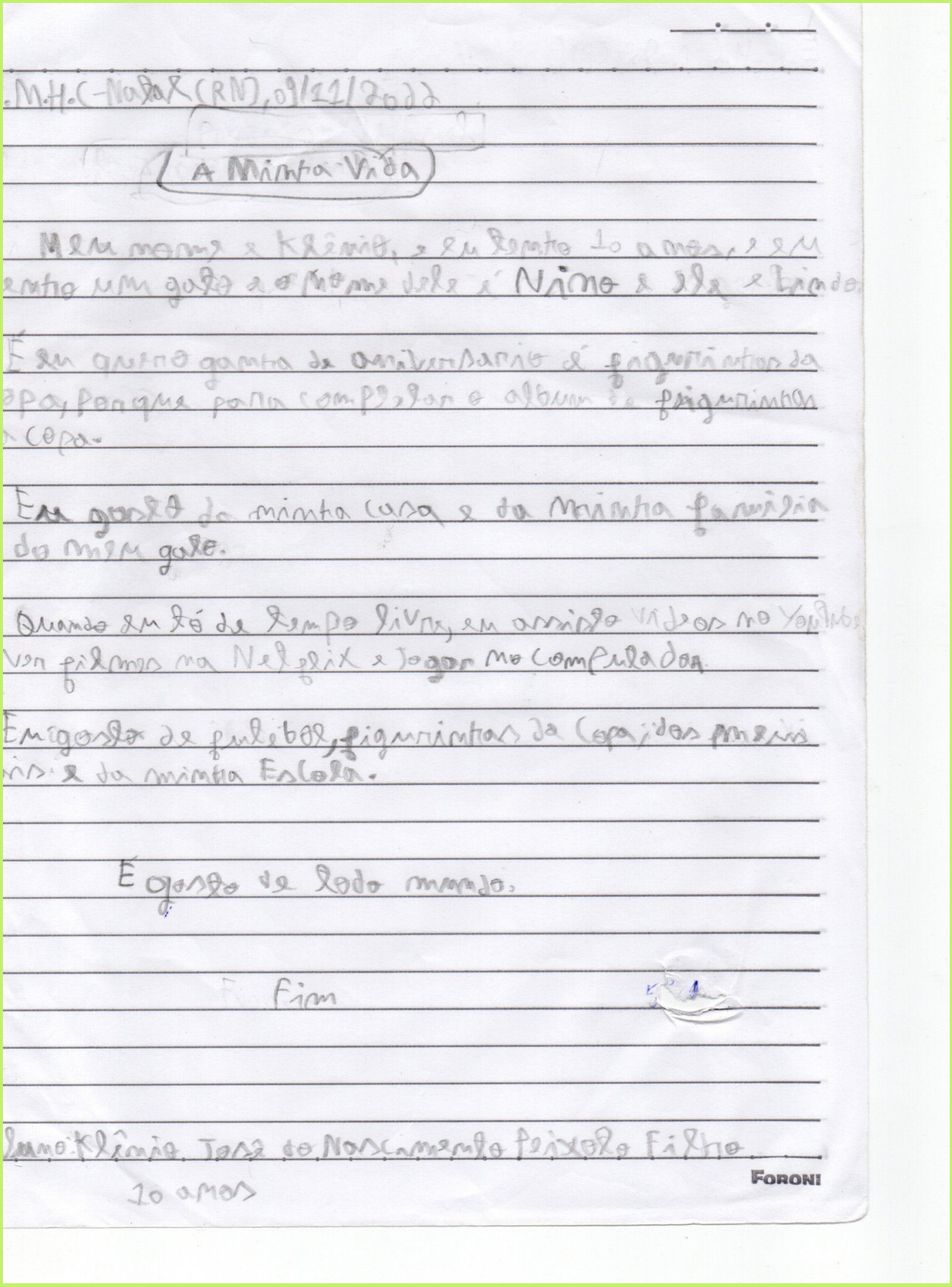
JOSÉ FELIPE 10 ANOS

JOSÉ FELIPE -
10 ANOS -
NATAL-RN



KAUÃ -
10 ANOS -
NATAL-RN

KLENIO FILHO -
10 ANOS -
NATAL-RN



M.H.C-Natal (RN), 09/11/2022

(A Minha Vida)

Meu nome e Klênio, e eu tenho 10 anos, e eu tenho um gato e o nome dele é Nino e ele e lindo.

E eu quero ganha de aniversario é figurinhas da copa, porque para completar o album de figurinhas da copa.

Eu gosto da minha casa e da minha familia do meu gato.

Quando eu tô de tempo livre, eu assisto videos no Youtube, ver filmes na Netflix e Jogar no Computador.

Eu gosto de futebol, figurinhas da Copa, dos meus pais e da minha Escola.

E gosto de todo mundo.

Fim

Aluno Klênio José do Nascimento Peixoto Filho
10 anos

FORONI

KLENIO FILHO -
10 ANOS -
NATAL-RN

Rosto dezerente

Era uma menina com um
Rosto de dezerente tas ontra Pezoas
mais ela ciaxarca nos mal in
qual as outra Pezoas
zala mal tela in qual a ela
ias tuas sia marca muito
e ela nei ligarca tri quaido valarca
mal delas mai elas Sim amarca
muito e noca sideraros de Sim amarca.

Laila - 10 ano

LAILA BEATRIZ -
10 ANOS -
NATAL-RN

LARISSA SALES -
11 ANOS -
NATAL-RN

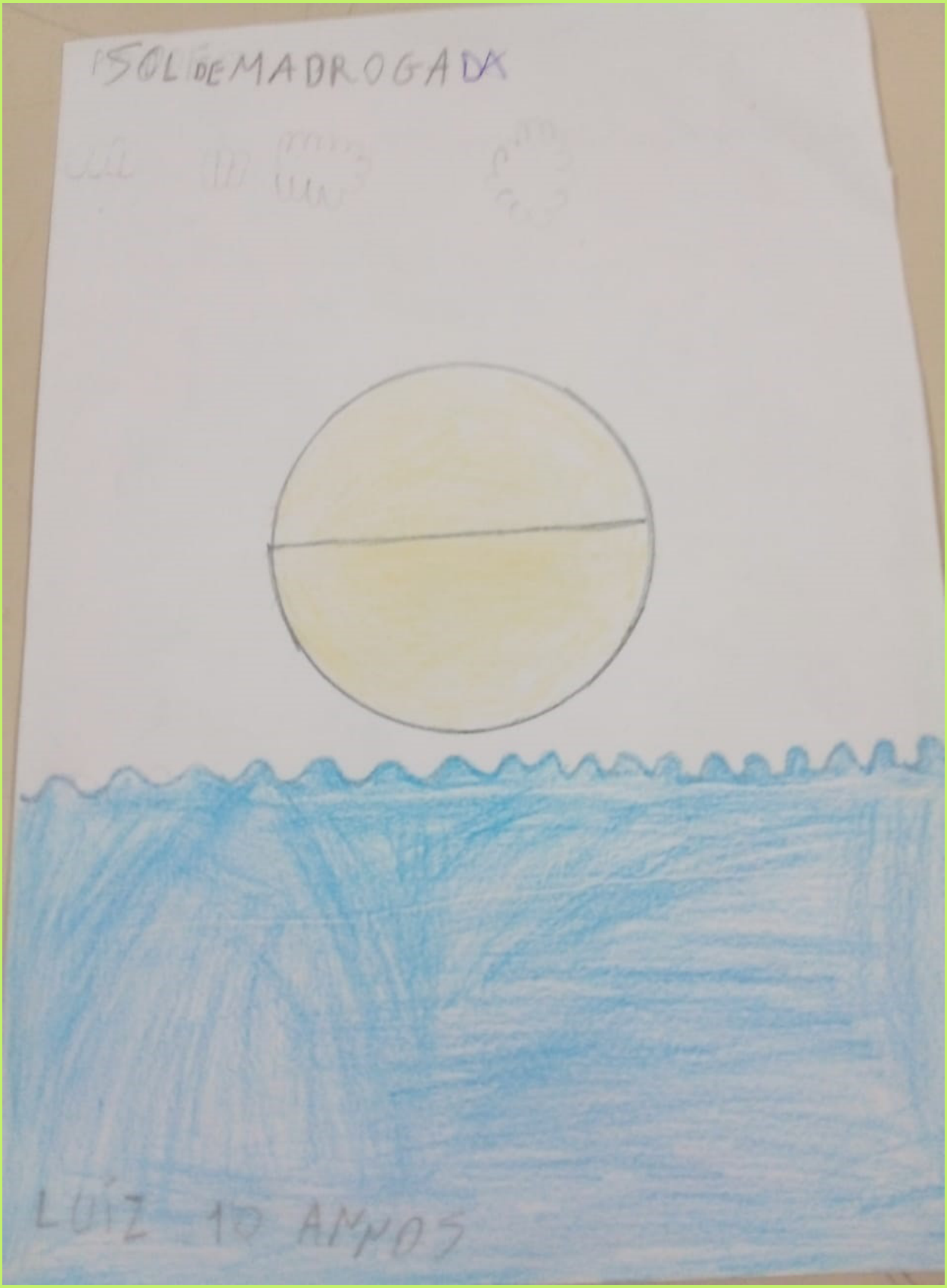
Lauann -
10 anos
Natal-RN

DIA CHUVOSO

UMA MENINA OLHAVA PELA JANELA ESTA UM DIA TÃO LINDO ELA DISSE, E PEDIU PARA SUA MÃE POSSO IR LA FORA, A MÃE DELA DISSE MINHA PEQUENA ESTA CHUVENDO ENTÃO NÃO, ELA DISSE POXA MÃE SÓ DESSA VEZ, A MÃE DISSE TÁ MAS DEPOIS NÃO DIGA QUE EU NÃO DISSE ISSO, A MENINA FELIZ DISSE A QUE NADA, ENTÃO FOI PARA A RUA QUANDO DORMIO NO DIA SEGUINTE ACORDOU COM UMA DOR DE CABEÇA E GRIPADA, A MAE DISSE EU AVISEI, ENTÃO A MENINA PEDIU DESCULPA PARA A MÃE. FIM

LOUIZE HADASSA 9 ANOS

LOUIZE HADASSA -
09 ANOS -
NATAL-RN



LUIZ -
10 ANOS -
NATAL-RN

escola municipal Henrique castriciano

natal, RN 09/11/2022 - turma 5 ano A B

produção textual

meuno nome: Luiz Fernando Sinto Bezerra

Estoria DE TERROR

ERA UMA VEZ UMA ESTORIA MUINTO ANTIGA
MAIS É VERDADEIRA DA ANABELE MEU IRMÃO JA VIU QUE
ELA ELE CHAMOU 3 VEZES ELE COREL E ELA FOI ATRAS
ELA PERGUNTOU O QUE VC QUE ELE FALOU NADA
ELA FOI ENBORA ERA MEIA NOITE ELA APARICEU
E POCHOU ELE E ELE PAROU NO CORREDO.

11 ANOS

LUIZ FERNANDO -
11 ANOS -
NATAL-RN

MARIA -
09 ANOS -
NATAL-RN

MARIA CLARA -
10 ANOS -
NATAL-RN

09 ♥ 11 ♥ 22

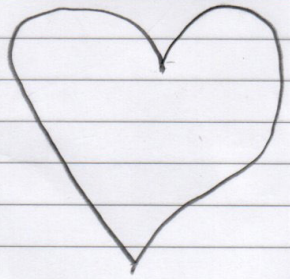
Escola municipal Henrique castriciano

09/11/2022 Natal (RN)

Produção textual

Meu cachorrinho ♡

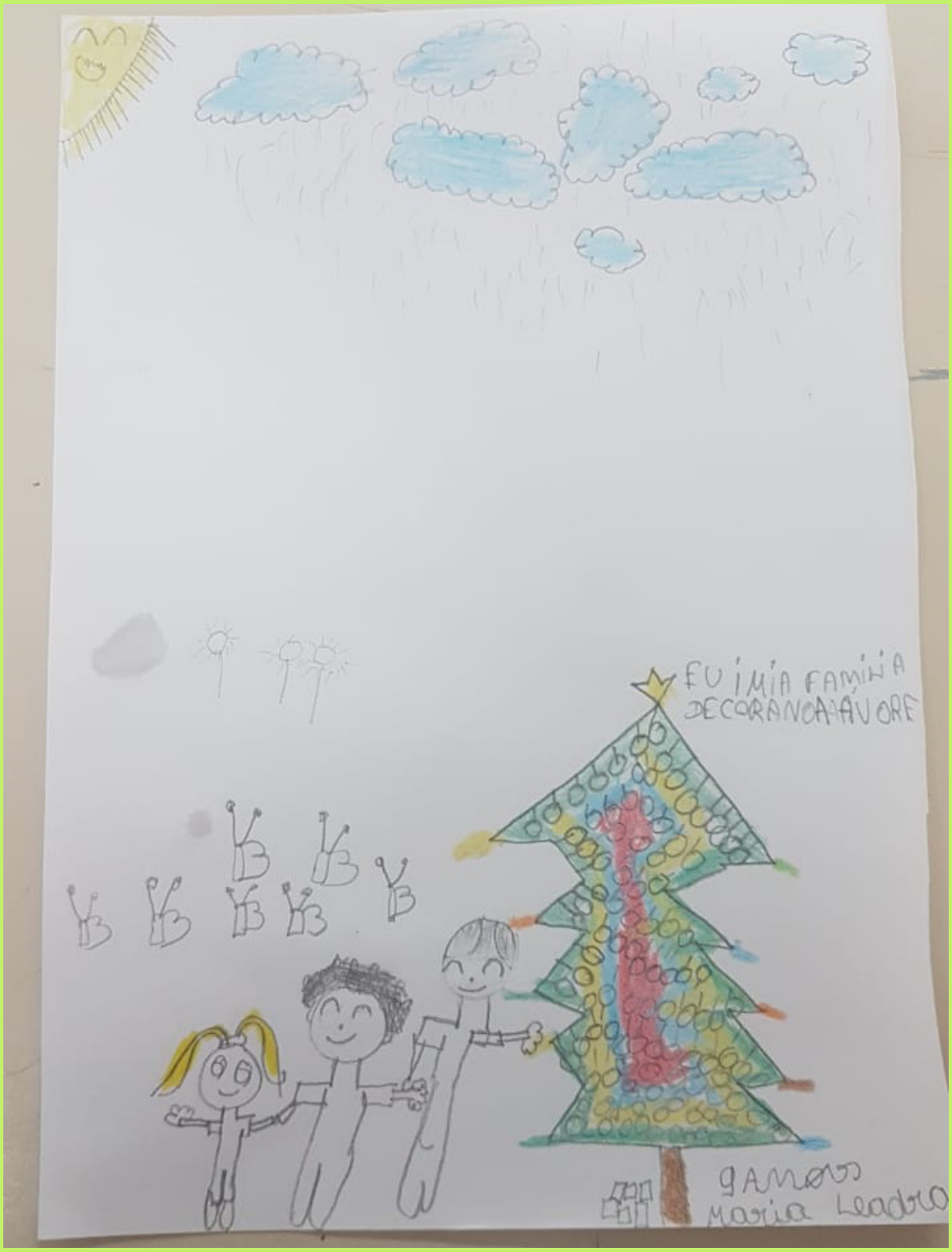
Eu estava a muito tempo pedindo um cachorro para o meu pai, teve um dia que meu pai me mostrou a foto de um cachorro muito fofo, e falou que era meu e que era meu e que chegaria no mesmo dia eu fiquei morrendo de felicidade, quando foi um pouco mais tarde ele chegou. Ele era bem pequeno muito fofo eu e meu irmão ficamos encantados, no começo ele dava muito trabalho comia sandalia, fazia necessidades pela casa e fazia muita bagunça, mais depois foi ficando bem quietinho hoje ele tem 2 anos vai fazer 3 dia 28/11/2022 ele é muito carinhoso e bem grande e bem comportado. Ele ama praia, banho, frutas e ETC. Toda vez que chego da escola ele faz uma festa e fica tentando pular em cima de mim, ele adora todos os meu amigos, toda vez que ele vai passear ele fica muito agitado e muito feliz, ele é muito esperto e eu amo muito ele. ♡



Maria Fernanda França de Freitas 12 Anos

tilibra

MARIA FERNANDA -
12 ANOS -
NATAL-RN



MARIA LEANDRA -
10 ANOS -
NATAL-RN

Escola Municipal Henrique Castriciano

Natal, 09 de novembro de 2022

Produção de textual

A minha rotina para ir ao Henrique

todo dia eu acordo 5:40 as vezes eu durmo por mais 10 minutos então acordo 5:50 e vou tomar banho logo após vou ao meu quarto e procuro minha farda as vezes eu uso uma calça com uma blusa comportável e me visto, logo após vou arrumar minha bolsa e vou comer e depois eu vou abrir o portão de casa dou trancar a minha casa.

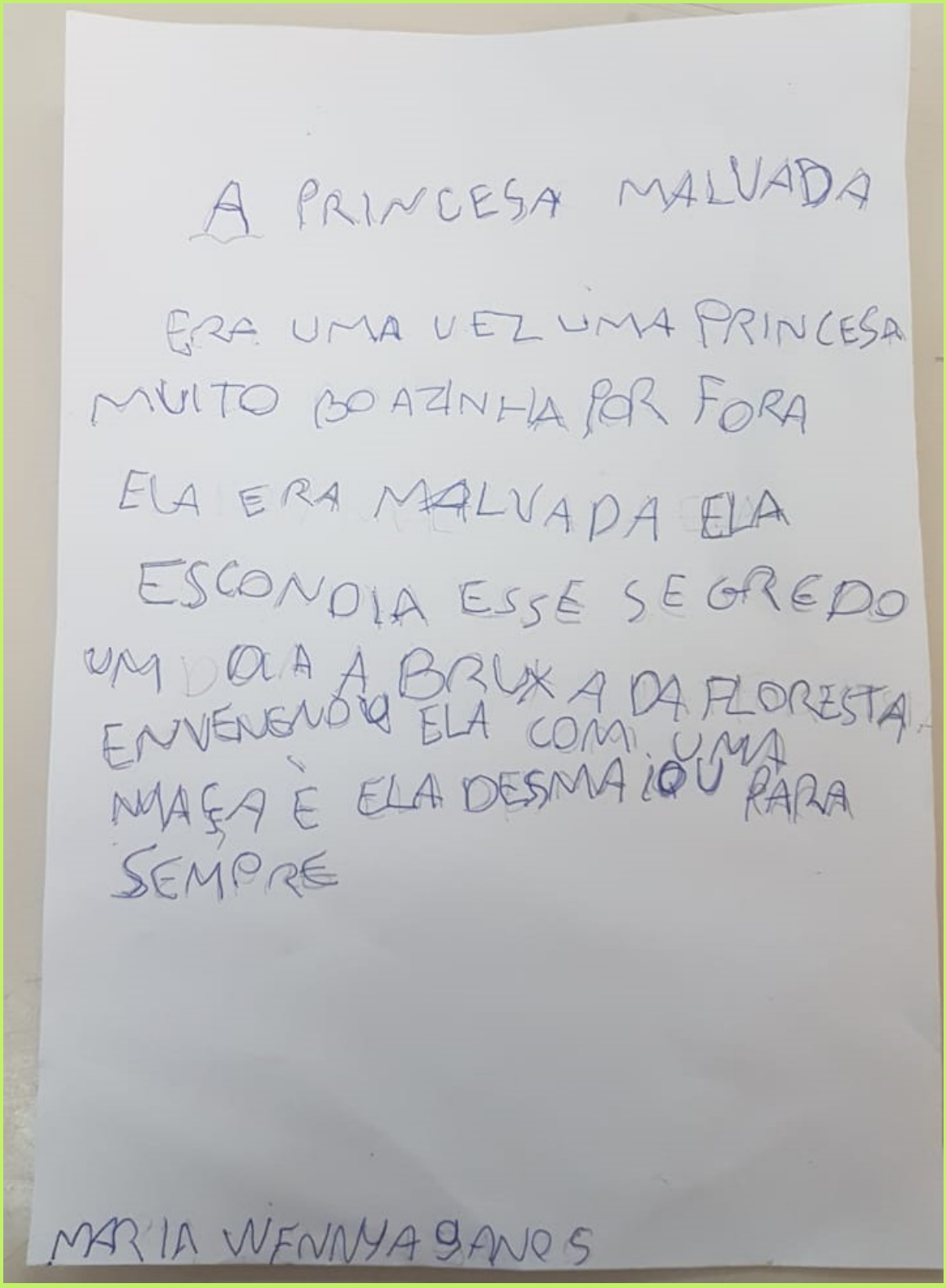
Meu pai e minha mãe pego minha bolsa e vou descer quando chego a escola fico esperando o portão abrir e quando chego na sala conversa com os meus amigos e vou estudar.

Maria Luiza Aguiar Grauppe 11 Anos

Maria Luiza Aguiar Grauppe 11 Anos

MARIA LUIZA -
11ANOS -
NATAL-RN

MARIA VITÓRIA -
10 ANOS -
NATAL-RN



A PRINCESA MALVADA

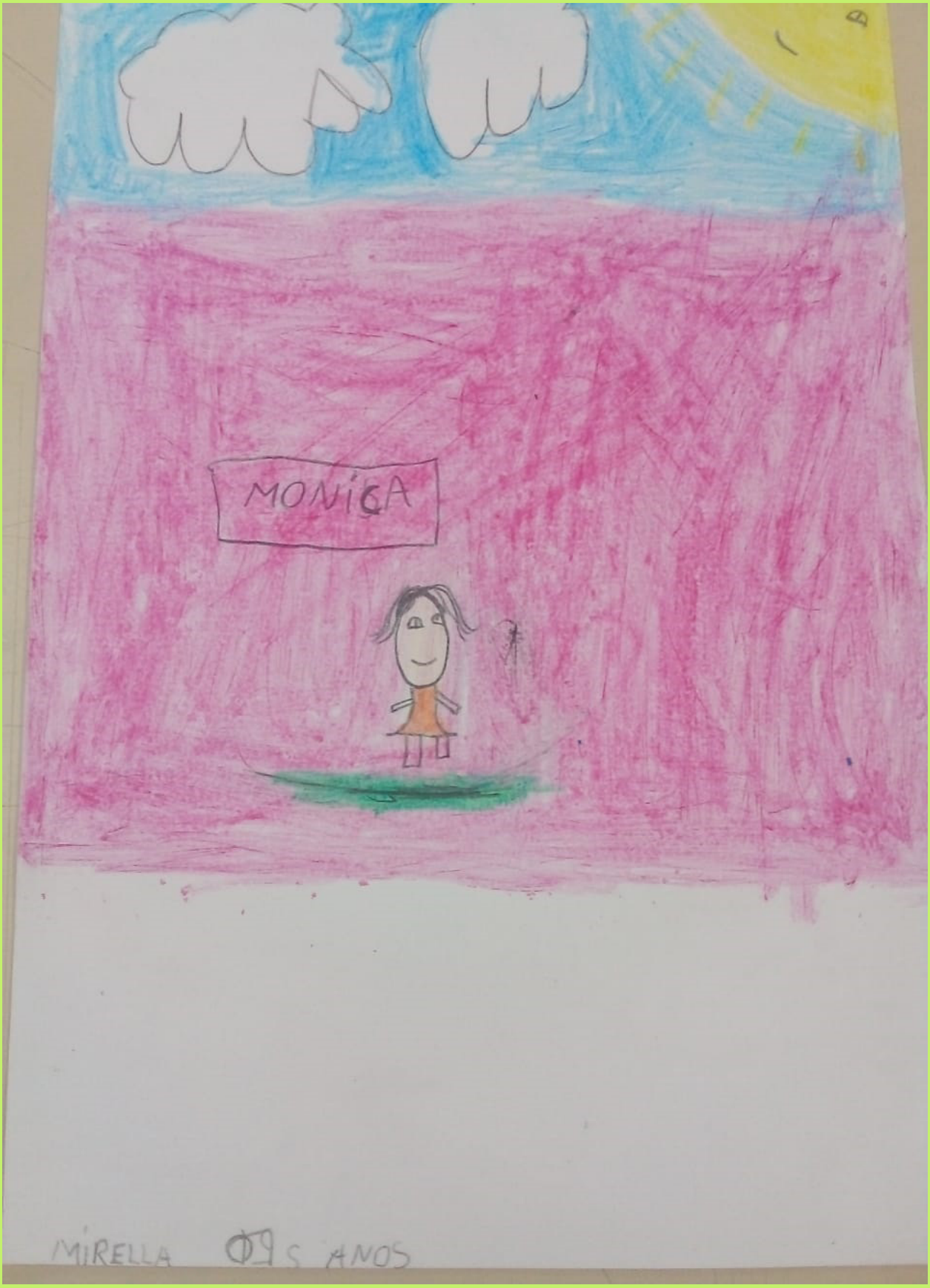
ERA UMA VEZ UMA PRINCESA
MUITO BOAZINHA POR FORA
ELA ERA MALVADA ELA
ESCONDIA ESSE SEGREDO
UM DIA A BRUXA DA FLORESTA
ENVENENOU ELA COM UMA
MAÇÃ E ELA DESMAIOU PARA
SEMPRE

MARIA WENNYA 9ANOS

MARIA WENNYA -
09 ANOS -
NATAL-RN

MELISSA -
09 ANOS -
NATAL-RN

MELISSA RODRIGUES -
10 ANOS -
NATAL-RN

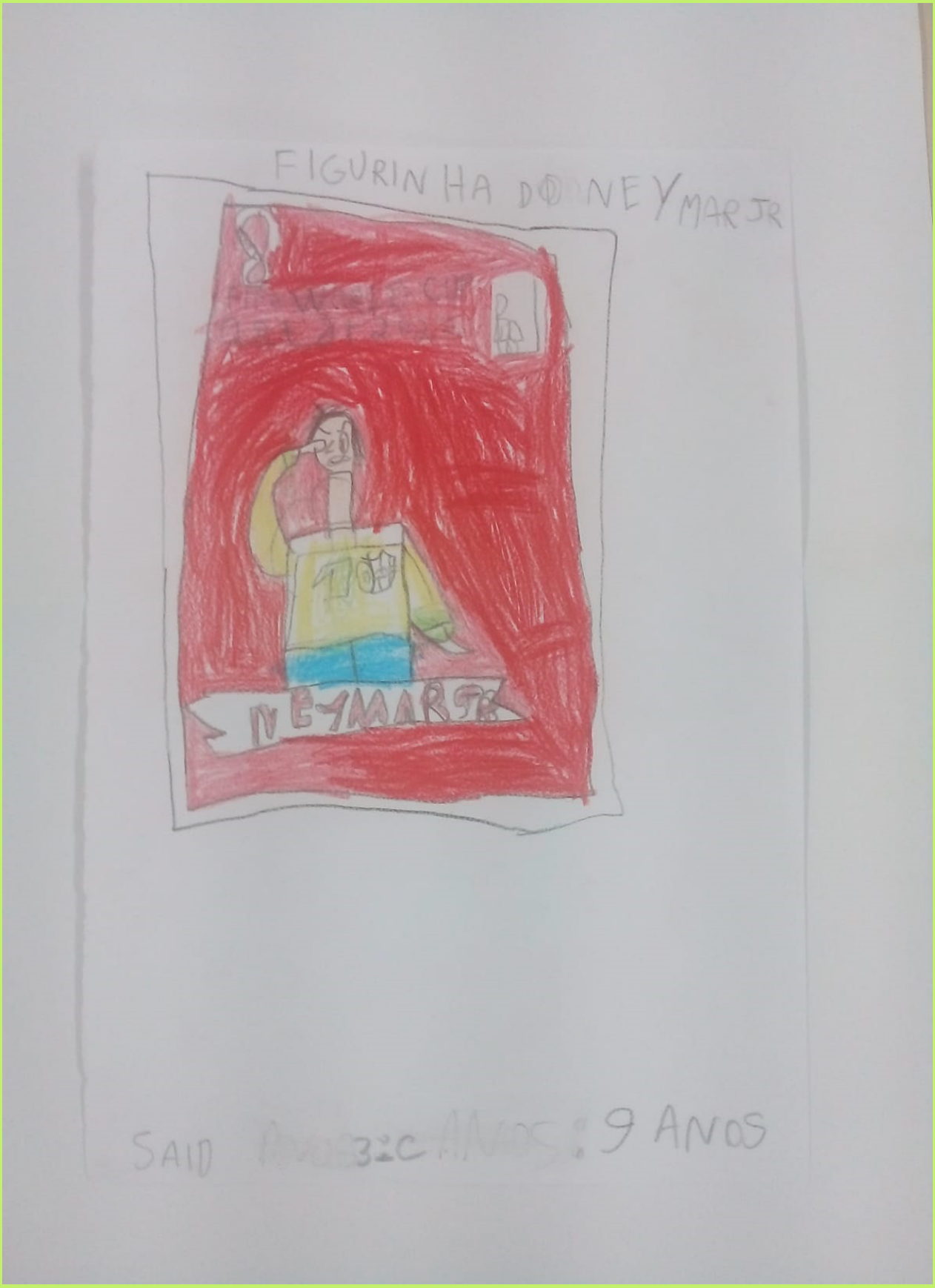


MIRELLA -
09 ANOS -
NATAL-RN

MYKAEL -
10 ANOS -
NATAL-RN

Raylan Keven -
11 anos -
Natal-RN

RENNAN -
10 ANOS -
NATAL-RN



SAID -
09 ANOS -
NATAL-RN

D/D S/L T/M Q/M Q/J S/V S/S

Escola Municipal Henrique castriciano

natal, 09 De novembro De 2022

natal, 09 De novembro De

Pro Produção Textual

A minha Familia

A minha familia é muito ocupada Prinssipalmente meu Pai e minha mãe. a maioria Das vezes eu fico em casa com a minha sobrinha, minha irmã fica em casa so De manhã a tarde ela vai trabalhar, quando minha mãe chega do trabalho eu vou brincar na casa da minha outra irmã, a, noite eu saio e vou Pra casa. pra dormi quando chega o outro dia eu venho Praca Pra escola.

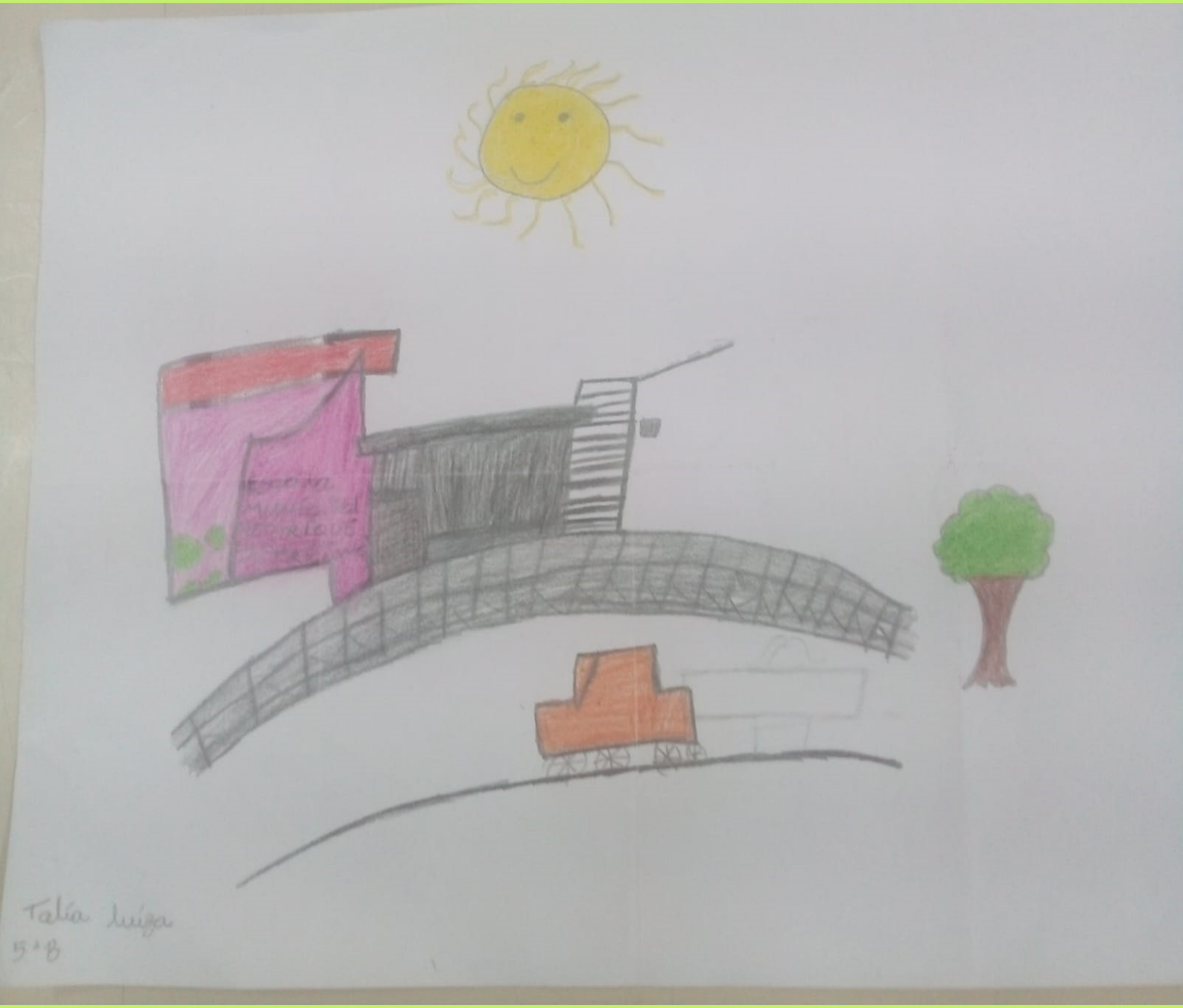
NOME: sávala xamaxe silva dantas.

IDADE: 10 Anos

SÁVALA -
10 ANOS -
NATAL-RN

Sofia Hellen -
10 anos -
Natal-RN

Sthefanny -
09 anos -
Natal-RN



TALIA LUIZA -
10 ANOS -
NATAL-RN

09.11.2022

ESCOLA MUNICIPAL HENRIQUE CASTRICIANO

UM DIA COM MEUS AMIGOS NO BOSQUE

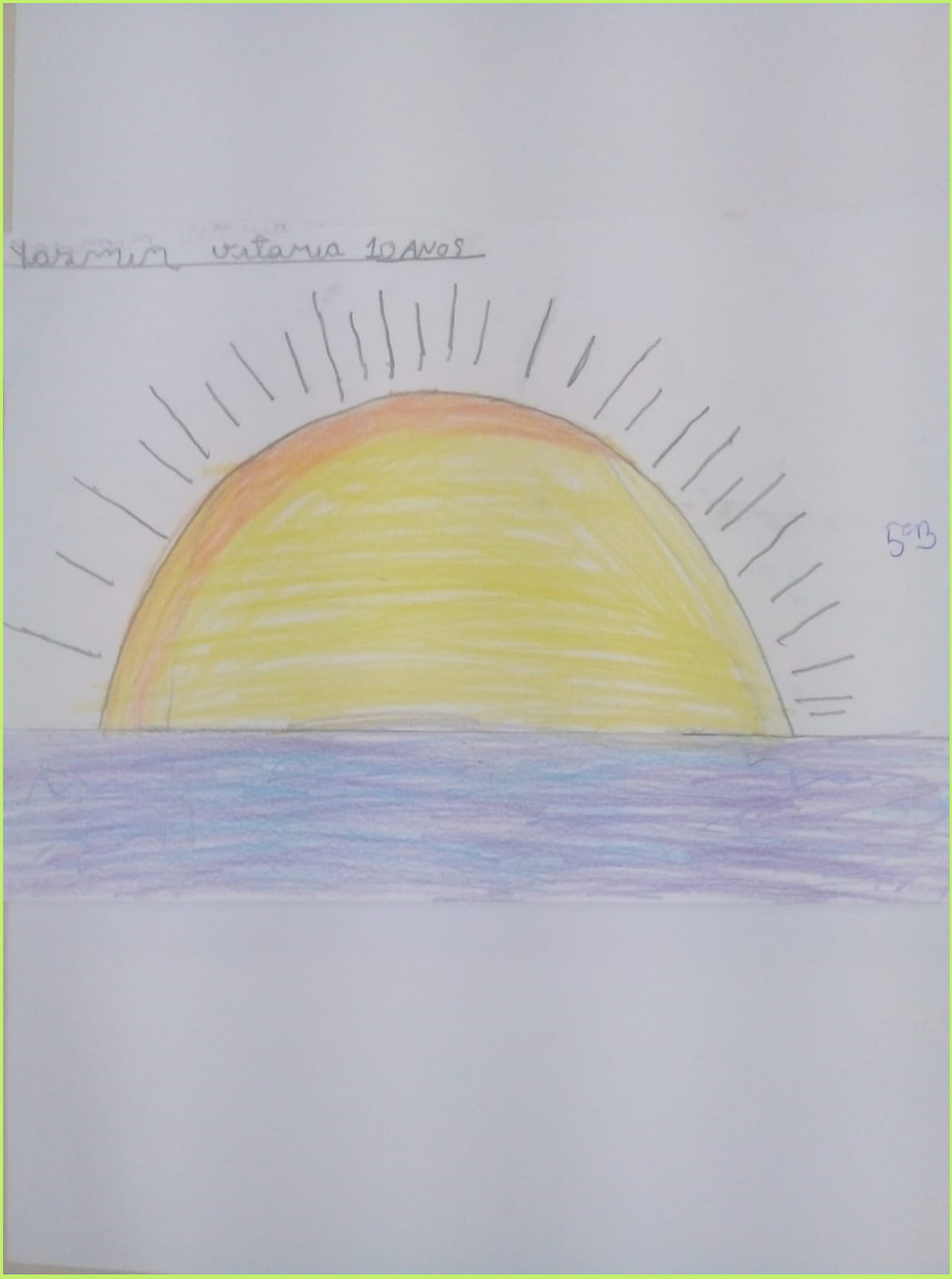
EU ESTAVA EM MAIS UM DIA NORMAL NA ESCOLA ATÉ QUE A MINHA PROFESSORA PERGUNTOU PARA EU E MINHA AMIGA SE AGENTE QUERIA IR VISITA O BOSQUE DOS NAMORADOS EU ACEITEI MINHA IRMÃ TAMBÉM. QUANDO CHEGUEI EM CASA EU TAVA CONTANDO AS HORAS PRA CHEGAR O MOMENTO DE EU IR, QUANDO EU FUI FOI O DIA MAS LEGAL DA MINHA VIDA E ME DIVERTI MUITO.

VICTOR KLEITON DA SILVA ROCHA 11 ANOS

FORONI

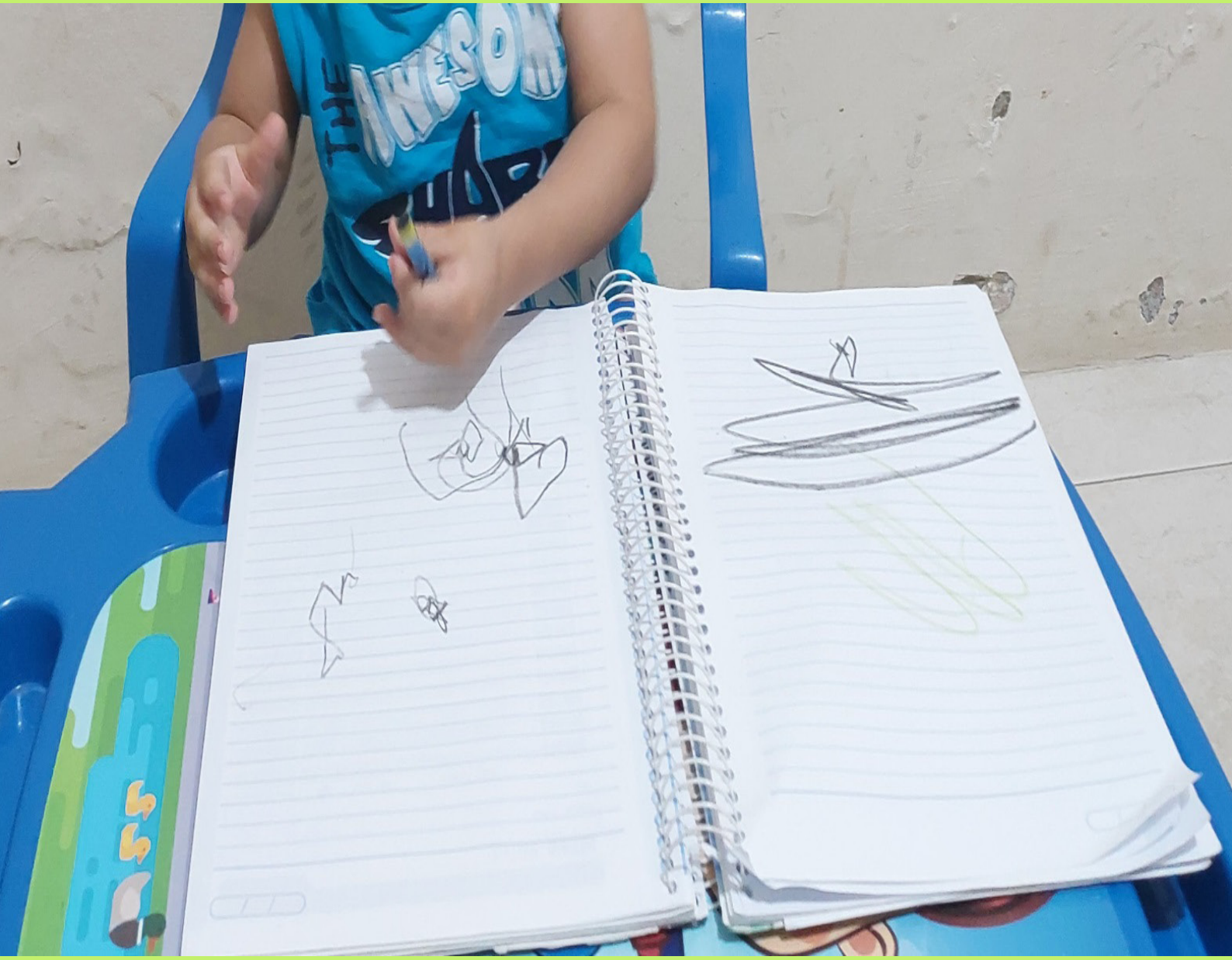
VICTOR KLEITON -
11 ANOS -
NATAL-RN

YAN LUCAS -
10 ANOS -
NATAL-RN



YASMIM VITORIA -
10 ANOS -
NATAL-RN

Vitor Emanoel, é filho de Cleide e Valmir, é natural de Aracaju - Sergipe, reside em Sítios Novos- Poço Redondo-SE, É Estudante do 3º do Ensino Fundamental, gosta de desenhar e lê gibis.



Benício Lima Oliveira
O menino Ben, de Itagibá, Bahia,
02 anos, diagnosticado com espectro
autista
com 01 ano de idade.

Benício Lima Oliveira
O menino Ben, de Itagibá, Bahia,
02 anos, diagnosticado com espectro
autista
com 01 ano de idade.

Benício Lima Oliveira
O menino Ben, de Itagibá, Bahia,
02 anos, diagnosticado com espectro
autista
com 01 ano de idade.

Biografia da Ilustradora

Patricia Braz é formada em Artes Visuais (Licenciatura Plena) pela Escola de Belas Artes/UFRJ e desde então cursou três pós-graduações na área de Educação. Desde 2013 é Professora de Artes Visuais na rede municipal do Rio de Janeiro e acredita no poder do encantamento e transformação que a Arte possibilita na vida de suas crianças. É apaixonada por fotografia e tem essa prática como hobby ao registrar diferentes recortes do dia a dia.

Expediente

Revista Barbante
Vol. X - Nº 51 - 23 de dezembro de 2022
ISSN 2238-1414
QUALIS B5

10 anos da revista Barbante

Editores
Rosângela Trajano
Monalisa Carrilho de Macedo
Samuel de Mattos

Revisão
Dos autores

Conselho editorial
Juli Lima
Sandra Erickson
Beth Iacomini

Conselho editorial da Barbantinha
Rosângela Trajano
Ana Priscila
Angela Ferreira

Ilustrações desta edição
Patrícia Braz

Diagramação
Rosângela Trajano

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

Revisão dos autores.